

publicação on-line

INventaMUSEU

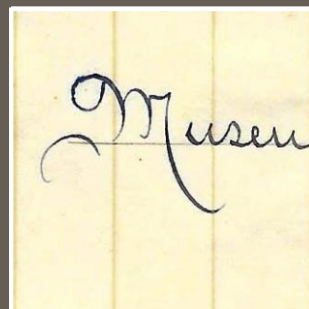
Revista da Secção de Inventário

www.museudelamego.gov.pt

08

2019

FUNDOS DOCUMENTAIS



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

CULTURA
NORTE



Museu
de Lamego

INventaMUSEU

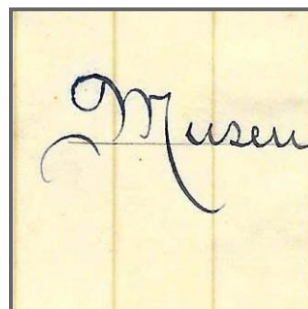
Revista da Secção de Inventário

www.museudelamego.gov.pt

08

2019

FUNDOS DOCUMENTAIS



Ficha Técnica

INventa MUSEU | Revista da Secção de Inventário | n.º 08

DIREÇÃO EDITORIAL

Alexandra Falcão

TEXTOS

Alexandra Falcão

Georgina Pinto Pessoa

DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS

Georgina Pinto Pessoa

Paula Pinto

DESIGN E COMPOSIÇÃO

Paula Pinto

COMUNICAÇÃO

Patrícia Brás

EDIÇÃO

Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

DATA DE EDIÇÃO

janeiro de 2019

ISSN

2183-4482

A opção ortográfica é da responsabilidade dos autores.

Índice

05 EDITORIAL

Alexandra Falcão

07 SECÇÃO DE INVENTÁRIO DO MUSEU DE LAMEGO

Georgina Pinto Pessoa

09 FUNDOS DOCUMENTAIS

- 10 • Arquivo de Identificação do Registo Civil de Lamego

- 22 • Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego

- 50 • Capela de São Pedro de Balsemão

- 70 • Manuel Leitão Teixeira

- 80 • Associação dos Amigos do Museu de Lamego

- 108 • João Amaral

A encetar o ano de edições online, apresentamos um novo número da revista INventaMUSEU, que conta já com quatro anos de publicação.

Criada em 2015 com o objetivo inicial de, através do Serviço de Inventário, promover e divulgar um maior conhecimento sobre os objetos que constituem a coleção do Museu de Lamego, tem, desde essa altura, vindo a alargar a sua esfera de ação a outras entidades, dando um contributo inestimável para a valorização de coleções que de outro modo ficariam ausentes do olhar público.

Assim sucedeu com o exaustivo trabalho de conservação e inventário levado a efeito ao vastíssimo espólio fotográfico, que se conserva no Douro na posse da Família Mascarenhas Gaivão, que se desmultiplicaria depois em inúmeras iniciativas – exposições, publicações e conferências... às quais foi dada devida notícia no editorial do anterior número da revista, intitulada, justamente, «Fotografia Família Mascarenhas Gaivão» [http://bit.ly/INventaMUSEU_07_download].

Do mesmo modo, e a acompanhar uma mudança de paradigma em relação ao que é considerado o objeto museológico, passando assim pelo habitual circuito: adquirir – conservar – estudar – comunicar – expor, a presente edição desvia o foco do tradicional objeto para pôr em relevo fundos documentais.

Com efeito, o museu guarda um imenso património, que vai muito para além das coleções em exposição ou em reserva, que compreende a biblioteca, com alguns milhares de livros, e o fundo arquivístico, constituído por largas dezenas de processos relacionados com o normal desenrolar da atividade do museu, ao longo da sua já longa história. Mas não só. O Museu de Lamego é igualmente repositório de arquivos de outras instituições, que se inscrevem no mesmo âmbito geográfico.

É parte desse conjunto de fundos antigos que, após um sistemático trabalho de inventário, catalogação e digitalização, se revela agora ao público, no entendimento de que os mesmos possam constituir um valioso contributo para a construção da nossa memória.

Alexandra Falcão

Diretora do Museu de Lamego

SECÇÃO DE INVENTÁRIO do Museu de Lamego

Georgina Pinto Pessoa

INVENTÁRIO DE FUNDOS DOCUMENTAIS

Dá-se cumprimento e continuidade à ideia que está na origem da criação da InventaMuseus e aos seus propósitos, centrados no estabelecimento de um diálogo regular e aberto entre o Museu de Lamego - Departamento de Inventário com a comunidade e os seus públicos.

Assim, na sequência das actividades que tem vindo a ser desenvolvidas desde Junho do 2017, de reorganização, tratamento e estudo do Arquivo Documental do Museu, partilhamos no nº 8 desta revista um vasto conjunto de documentos, manuscritos, gráficos e imagens, que se encontravam à margem do Espólio Documental.

Então por inventariar e dispersos foram, ao longo deste período, tratados, acondicionados e agrupados de acordo com a sua proveniência, autor ou temática, constituindo **Fundos Documentais**, que julgamos de relevância e interesse para investigadores e público em geral, dos quais se dá agora conhecimento, ficando, disponíveis à consulta de todos.

Nesta publicação dá-se particular destaque aos Fundos Documentais relativos à Associação dos Amigos do Museu e a João Amaral, primeiro director desta instituição (1917-1955) a quem este, em boa medida, dedicou o esforço de uma vida.

Indissociável deste projecto encontra-se a Associação do Amigos do Museu, alicerce e agente impulsionador imprescindível à sua

concretização, como bem o demonstram os documentos.

Do papel e da importância deste emérito e multifacetado lamecense deu testemunho a exposição biográfica “O gentilíssimo e talentoso João Amaral” com que se encetaram as comemorações do centenário do Museu em 2015 e que decorreram até 2017, remetendo, para o catálogo então produzido que nos conduz nessa viagem onde se constrói o quotidiano da instituição e do homem.

Artista, museólogo, bibliófilo, investigador, homem enérgico e determinado cujo gosto pela arte, pelo conhecimento e pela memória se repercutiram, quer na forma como soube dar corpo e conteúdo a este Museu, definindo o seu percurso ao longo da primeira metade do século XX, quer na sua vida e na ação participativa que sempre pautou a sua forma de estar, gerindo com a mestria, que a época e a sua criatividade permitiram, os constrangimentos impostos pelas precárias condições e a constante insuficiência de meios.

Se o legado com que agraciou este Museu enriqueceu as suas coleções, como o ilustra o conjunto de notáveis desenhos e caricaturas, o Fundo Documental permite-nos o acompanhamento de um trilha, o esclarecimento e a compreensão de factos e de opções em alguns casos sujeitos a pública controvérsia.

Em boa medida e de uma forma directa e íntima acedemos ao quotidiano do funcionário e da instituição. Do mero pedido de licença para férias ou do cartão de apresentação, à correspondência, às lutas travadas pela conquista de espaço para o museu, ao esforço pela salvaguarda e recolha de peças, a trabalhos resultantes da vasta investigação que levou a cabo, às querelas em que se viu envolvido, ou as que surgiram após a sua morte... fragmentos que corporizam o esforço construtor de uma vida em parte partilhados pela mão do próprio.

FUNDOS DOCUMENTAIS

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DO REGISTO CIVIL DE LAMEGO

Fundo constituído por 12 429 boletins de requisição de Bilhetes de Identidade

Séc. XX

Doação do Registo Civil de Lamego

F.D. FAI – RCL (Fundo Arquivo Identificação – Registo Civil de Lamego)

BILHETE DE IDENTIDADE

N.º 1.751.

Pedido a entregar ao Oficial do Registo Civil



(Nome completo por extenso) *João Amaral*

nascido no dia *4* de *Novembro* de *1874* na freguesia de *Se*,
 concelho de *Lamego*, e marca de *Lamego*, no estado
 de *casado*, de profissão *Sinistro do Refugio*, morador em *Lamego*
x Região de Lamego

filho de *João Guedes do Amaral*
 e de *Pauliana de Jesus*

requisita, nos termos da lei, o seu bilhete de identidade, para o que apresenta ^{seu bilhete} a certidão de
 assento de registo de nascimento *n.º 38.232* e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as demais
 declarações necessárias. *feito com D. Sara Amaral*

(c) *Lamego, 24/11/1901.*

Maria 1.60

Maria 1.60

O Requerente,

(a) *João Amaral*

Testemunhas, (b)

[Two signatures]

N.º 38:232

(a) Assinatura do próprio ou a rôgo.
 (b) Quando forem necessárias.
 (c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso.

(M. 4) — Preço deste impresso \$20.
 Tip. do Reformatório Central de Lisboa «Padre António de Oliveira»

> 1.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 João Amaral
 1931
 [F.D. FAI - RCL]

(a) No caso de ser casado, viúvo ou divorciado, mencionar sempre o nome completo do outro cônjuge.
 (b) As profissões dependentes de carta, diploma, cédula ou licença comprovam-se pela apresentação desses documentos; tratando-se de profissão sindicalizada, apresentar também o respectivo cartão profissional.
 ATENÇÃO — Juntar a certidão do registro de nascimento. As testemunhas não podem ser menores nem parentes próximos do requerente e devem ter bilhete de identidade não o tendo, deverão ser reconhecidas por notário. Quando o requerente for analfabeto, as testemunhas deverão também assinar sobre a fotografia. ESTE IMPRESSO SO SERVE PARA PARTICULARES E NÃO PARA FUNCIONÁRIOS DO ESTADO.



Arquivo de Identificação
 (Secção do Porto)
Pedido de bilhete de identidade

N.º **676930**
 19-9-941

Nome completo João Amaral
 Estado civil (*) casado com Sára do Amaral
 Morada (rua e localidade) Lamêgo
 Filho de (nomes completos de pai e mãe) João Guedes do Amaral e de
Demiana de Jesus
 Natural da freguesia de Sé
 Concelho de Lamêgo
 Nascido no dia 4 de Novembro de 1874
 Nacionalidade portuguesa
 Profissão Director do Museu Regional de Lamêgo
 Requer o seu bilhete de identidade
Lamêgo, 13 de Setembro de 1941

Assinatura (com o nome completo) João Amaral
 Confirmamos a exactidão das declarações do requerente, que conhecemos pessoalmente.
 Assinatura das testemunhas
 Altura m., 60
 Cor dos olhos verdes
 Cicatrizes

1. Bilhete anterior n.º 185260 passado pelo Arquivo do Porto B. I. n.º em 26 de Novembro de 1931
 B. I. n.º

Morada das testemunhas
 1.º
 2.º

Impressão do dedão da mão direita

Artigo 5.º do decreto n.º 16:386, de 18 de Janeiro de 1929
 As testemunhas que não conhecerem a pessoa cuja identidade, para efeito da passagem do respectivo bilhete, abonem incorrem na pena do § único do artigo 225.º do Código Penal, sem prejuízo da pena que lhes couber se o crime for mais grave.

Tip. do Reformatório de Vila do Conde

> 2.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 João Amaral
 1941
 [F.D. FAI - RCL]

Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Porto

15.º boletim dactiloscópico

BILHETE DE IDENTIDADE

BOLETIM DE REQUISIÇÃO *N.º 462*



Nome completo por extenso) *Fausto Guedes Teixeira*
 nascido no dia *11* de *Outubro* de *1871* na freguesia de *Almacave*
 concelho de *Camões*, comarca de *Camões*, no estado
 de *casado*, de profissão *Bacharel e propriet.*, morador em *Camões*
 filho de *José Augusto Guedes Teixeira* do *Leopoldina de Lourenço* Gu
 requisita, nos termos da lei, o seu bilhete de identidade, para o que apresenta a certidão
 assento de registo de nascimento e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as dema
 declarações necessárias.

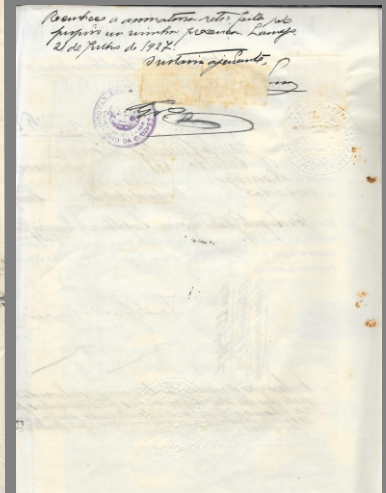
Com N.º 462
Almacave-160
Almacave

O Requerente,
(a) Fausto Guedes Teixeira
 Testemunhas, *(b)*

*(c) Declaro que o requisitante é meu conhecido
 pelo que lhe são dispensadas testemunhas p
 na abayação da sua identidade sendo q
 reconhecida a sua assinatura por Mot
 no verso desta requisição.*

*(a) Assinatura do próprio ou a rogo.
 (b) Quando forem necessárias.
 (c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso.*

Tip. do Reformatório Central de Lisboa «P.º António de Oliveira»



> 3.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 Fausto Guedes Teixeira
 1927
 [F.D. FAI - RCL]

Preço deste impresso \$20

ATENÇÃO: — Juntar a certidão do registro de nascimento. As testemunhas não podem ser menores nem parentes próximos do requerente e devem ter bilhete de identidade; não o tendo deverão as suas assinaturas e a do requerente ser reconhecidas por notário. Quando o requerente for analfabeto, as testemunhas deverão também assinar sobre a fotografia. A profissão, desde que exija requisitos especiais para o requerente a poder exercer, deverá ser comprovada pelo estabelecimento particular ou oficial que o possa fazer. Este impresso só serve para particulares e não para funcionários do Estado.



Arquivo de Identificação do Pôrto

Pedido de bilhete de identidade

N.º 3:057

Nome *Eurico de Chaby Saturio Pires*
 Estado *Alto Rio*
 Morada *Parque D.*
 Filho de *Paul Augusto Saturio Pires e de Fernan- da Adelaide da Costa de Chaby Saturio Pires*
 Natural de *St. Lourenço*
 Nascido no dia (por extenso) *17 de Março de 1912*
 Nacionalidade *Portuguesa*
 Profissão *estudante*

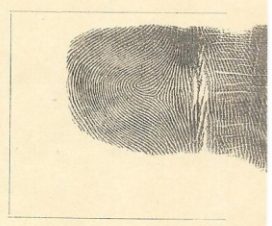
Requer o seu bilhete de identidade.
Lourenço de Agosto de 1934
 Assinatura *Eurico de Chaby Saturio Pires*

Confirmamos a exactidão das declarações do requerente, que conhecemos pessoalmente.

Altura 1m. *1.72*
 Cor dos olhos *castanhos*
 Cabelos *castanhos*

Testemunhas
 1.ª *Apresentou o bilhete antes*
 2.ª *rio. N.º 24.095, formado*
 Morada das testemunhas
 1.ª *pelo sig.º de Santif. do*
 2.ª *Porto em 3.11.1924*

Impressão da mão direita



Tip. do Reformatório de Vila do Conde

(Vollz)

> 4.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 Eurico de Chaby Saturio Pires
 1927
 [F.D. FAI - RCL]

Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Porto



1:148608

BOLETIM DE REQUISIÇÃO Nº 1:636.



Nome completo (por extenso) Raul Teodmiro de Chaby Saturio Pires
 nasceu no dia 29 de Fevereiro de 1916 na freguesia de Re
 concelho de Lamego, comarca de Lamego, no estado
 de Castella, de profissão estudante, morador em Lamego
 filho de Raul de Loureiro Saturio Pires
 e de Fernanda Adelaide Costa de Chaby Saturio Pires
 requisita, nos termos da lei, o seu bilhete de identidade, para o que apresenta a certidão de assento de registo
 de nascimento e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as demais declarações necessárias.

Lamego, 18/4/1931.
 Raul Teodmiro de Chaby Saturio Pires
 1654

O Requerente,

Raul Teodmiro de Chaby Saturio Pires

Testemunhas, (b)

morador

morador



(c)

- a) Assinatura do próprio ou a rôgo.
- b) Quando forem necessárias.
- c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso

Tip. de Reformatório de Vila do Conde

> 5.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 Raul Teodmiro de Chaby Saturio Pires
 1931
 [F.D. FAI - RCL]

Arquivo de Identificação do Pôrto



Nome completo por extenso

nascido no dia

comarca de

no estado de

morador em

filho de

e de

requisita, nos termos da lei, o seu bilhete de identidade, para o que apresenta a certidão de assento de registo de nascimento e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as demais declarações necessárias.

BOLETIM DE REQUISIÇÃO

N.º 1:797

Alvaro de Carvalho Sardoeira

nasceu em 1894 na freguesia de Madalena

concelho de Accarante

Accarante

casado com Adélia Almeida da Mota Alves Sardoeira

profissão professor do

Liceu de Lourenço

nacionalidade Portuguesa

Beçupô

António de Mota Alves Sardoeira

D. Juvina Helena de Carvalho Sardoeira

O Requerente,

Alvaro de Carvalho Sardoeira

Testemunhas, (b)

morador

morador

(c)

N.º 40:152

a) Assinatura do próprio ou a rôgo.

b) Quando forem necessárias.

c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso

Tip. do Reformatório de Vila do Conde

> 6.

Requisição de Bilhete de Identidade

Álvaro de Carvalho Sardoeira

1931

[F.D. FAI - RCL]

Arquivo de Identificação do Pôrto



BOLETIM DE REQUISIÇÃO

N.º 1.915.

o por extenso) *José d'Almeida Saldanha Júnior*
 nascido no dia *23* de *Junho* de *1866* na freguesia de *Alvaiaim*
 concelho de *Lamego*
 comarca de *Lamego*
 no estado de *casado com D. Laura Soares d'Almeida*
 profissão *professor de Canto*
Cordeiro Soares de Lamego nacionalidade *Portuguesa*
 morador em *Lamego*
 filho de *José d'Almeida Saldanha*
 e de *Maria Mariana*
 refusa, nos termos da lei, o seu bilhete de identidade, para o qual apresenta a certidão de assento de registo
N.º 16.709
 de nascimento e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as demais declarações necessárias.

O Requerente,

José d'Almeida Saldanha Júnior

Testemunhas, (b)

morador

morador

(c)

a) Assinatura do próprio ou a rógã
 b) Quando forem necessárias.
 c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso

Tip. do Reformatório de Vila do Conde

> 7.
 Requirição de Bilhete de Identidade
 José d'Almeida Saldanha Júnior
 1932
 [F.D. FAI - RCL]

ATENÇÃO—Juntar a certidão do registro de nascimento. As testemunhas não podem ser menores nem parentes próximos do requerente e devem ter bilhete de identidade; não o tendo deverão as suas assinaturas ser reconhecidas por notário. Quando o requerente for analfabeto, as testemunhas deverão também assinar sobre a fotografia. A profissão, desde que exija requisitos especiais para o requerente a poder exercê-la, deverá ser comprovada pelo estabelecimento particular ou oficial que o possa fazer. **ESTE IMPRESSO NÃO SERVE PARA PARTICULARES E NÃO PARA FUNCIONÁRIOS DO ESTADO.**



Arquivo de Identificação do Porto

Pedido de bilhete de identidade

N.º 5:293

Nome Horácio da Fonseca e Souza
 Estado solturo
 Morada Lamego
 Filho de Rosa da Fonseca e Souza
 Natural de Vila Nova de Paiva - V.ª V.ª de Paiva
 Nascido no dia (por extenso) 31 de Outubro de 1912.
 Nacionalidade Portuguesa
 Profissão 2.º escrevente da Camião Muijães e Com.

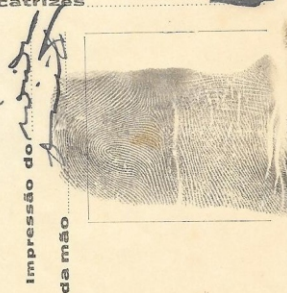
Requere o seu bilhete de identidade.

Lamego 25 de Outubro de 1937
 Assinatura Horácio da Fonseca e Souza

Confirmamos a exactidão das declarações do requerente, que conhecemos pessoalmente.

Altura 1.^ª 1.74
 Cór dos Olhos castanhos
 Cicatrizes

Testemunhas
 1.^ª P. Soares
 2.^ª Bilhete n.º 215:717
Pedro da Silva
 Morada das Testemunhas
2028-933
 1.^ª
 2.^ª



(Voltar)

Tip Reformatório de Vila do Conde

> 8.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 Horácio da Fonseca e Souza
 1932
 [F.D. FAI - RCL]

ATENÇÃO - Juntar a certidão do registo de nascimento. As testemunhas não podem ser menores nem parentes próximos do requerente e devem ter bilhete de identidade; não o tendo deverão assinar as respectivas declarações por notário. Quando o requerente for analfabeto, as testemunhas deverão também assinar sobre a fotografia. A profissão, desde que esteja inscrita em especialidade, o requerente poderá exercer, devendo ser comprovada pelo estabelecimento particular ou oficial que o possa fazer. ESTE IMPRESSO SÓ SERVE PARA PARTICULARES E NÃO PARA FUNCIONÁRIOS DO ESTADO.

Arquivo de Identificação do Porto
 Pedido de bilhete de identidade

N.º 5.018

Nome *Laura Augusta do Carmo*
 Estado *Solta*
 Morada *Lamego*
 Filha de *António do Carmo e de Tênia Augusta de Resurreição Cardoso*
 Natural de *Almeida Lamego*
 Nascida no dia (por extenso) *14* de *Novembro* de *1907*
 Nacionalidade *Portuguesa*
 Profissão *professora de Curso Primário e de ensinar*
 Requer o seu bilhete *de*

Assinatura *[assinatura]*

Confirmamos a exactidão das declarações do requerente, que conhecemos pessoalmente.

Testemunhas
 1.ª *[assinatura]*
 2.ª *[assinatura]*
 Morada das testemunhas

Altura *1,53*
 Cór dos olhos *castanhos*
 Cicatrizes

Impressão do *[assinatura]*
 da mão *[assinatura]*

(Vozte)

Tip. Reformatório de Vila do Conde

> 9.
 Requisição de Bilhete de Identidade
 Laura Augusta do Carmo
 S/d (lacuna no suporte)
 [F.D. FAI - RCL]

Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto



BOLETIM DE REQUISIÇÃO

1:705



(Nome completo por extenso)

Laura Augusta do Carmo

nascido no dia 4 de novembro de 1902, na freguesia de Almacave, concelho de Lamego, comarca de Lamego, no estado de solteira, de profissão professora particular morador em Lamego

filha de Antonio do Carmo e de Zélia Augusta da Ressurreição

requisita, nos termos da lei, seu bilhete de identidade, para o que apresenta a certidão de assento de registo de nascimento e duas fotografias, obrigando-se a prestar tôdas as demais declarações necessárias.

O Requerente,

(a) Laura Augusta do Carmo

Testemunhas, (b)

morador

morador

Alma-1.574
Olhos castanhos
Lamego, 14-9-1931



(c)

a) Assinatura do próprio ou a rôgo.
b) Quando forem necessárias.
c) Declaração da entidade perante a qual se faz a requisição. A declaração que couber, conforme o caso

> 10.
Requisição de Bilhete de Identidade
Laura Augusta do Carmo
1931
[F.D. FAI - RCL]


Arquivo de Identificação
(Secção do Porto)

Pedido de bilhete de identidade

N.º 473997A

(a) No caso de ser casado, viúvo ou divorciado, mencionar sempre o nome completo do outro cônjuge.
(b) As profissões dependentes de carta, diploma, cédula ou licença comprovam-se pela apresentação desses documentos. Tratando-se de profissão sindicalizada apresentar também o respectivo cartão profissional.
ATENÇÃO — Juntar a certidão do registro de nascimento. As testemunhas não podem ser menores ou parentes próximos do requerente e devem ter bilhete de identidade. Não o tendo, deverão as suas assinaturas e a do requerente ser reconhecidas por notário. Quando o requerente for analfabeto, as testemunhas deverão também assinar sobre a fotografia

ESTE IMPRESSO SÓ SERVE PARA PARTICULARES E NÃO PARA FUNCIONÁRIOS DO ESTADO



Nome completo Laura Augusta do Carmo
Estado civil (º) solteira
Morada (rua e localidade) Rua de Almacem - Camelo
Filho de (nomes completos de pai e mãe) António do Carmo e de Leíla Augusta da Ressurreição Castro
Natural da freguesia de Almacem
Concelho de Camelo
Nascido no dia 25 de Agosto de 1902
Nacionalidade portuguesa
Profissão (b) Professora de aulas primárias e secundárias por 15 anos, com 10 de idade desde que se junta.
Requer o seu bilhete de identidade
Camelo 2 de Setembro de 1953
Assinatura (com o nome completo) Laura Augusta do Carmo

Confirmamos a exactidão das declarações do requerente, que conhecemos pessoalmente.

Assinatura das testemunhas

1.ª Jane Pinheiro B. I. n.º 260286-A
2.ª Francisca B. I. n.º 213399-A

Morada das testemunhas

1.ª Rua de Edmundo Loureiro
2.ª Rua da Lúcia - Camelo

Artigo 5.º do decreto n.º 16.386, de 18 de Janeiro de 1929

As testemunhas que não conhecerem a pessoa, cuja identidade, para efeito da passagem do respectivo bilhete, abonem, incorrem na pena do § único, artigo 225.º do Código Penal sem prejuízo da pena que lhes couber se o crime for mais grave.

Gráfica de Santa Clara - Vila do Conde

> 11.
Requisição de Bilhete de Identidade
Laura Augusta do Carmo
1953
[F.D. FAI - RCL]

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DE LAMEGO

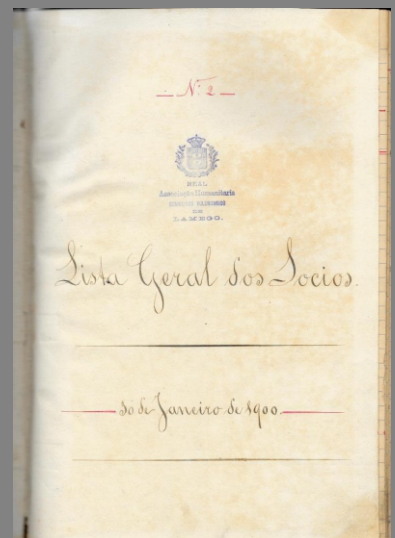
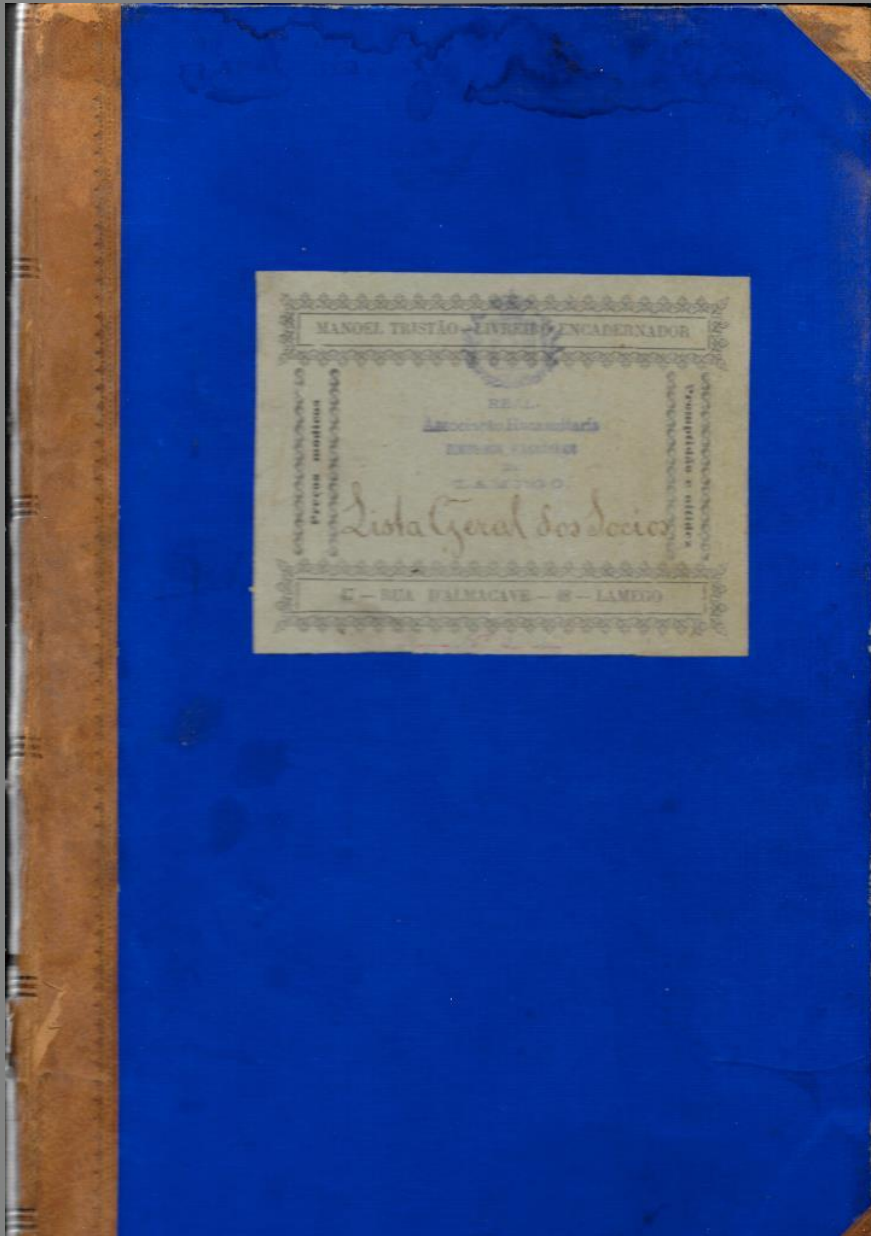
Documentos da Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de
Lamego:

- . Lista Geral de Sócios (1877)
- . Matrícula (1877-1938)
- . Documentação relativa ao ano 1877
- . Licenças para depósito de materiais
- . Copiador da direcção 1878 - 1900
 - . Actas de Direcção 1878 - 1900
- . Correspondência expedida (1878)
 - . Empréstimo de Reis (1886)
 - . Recibos (1886)
- . Lista Geral de Sócios (1900)
- . Copiador de cartas (1906)
- . Ordens do Comandante da Companhia dos Bombeiros de Lamego
- . Desdobrável - Versos feitos pelo poeta Fausto Guedes Teixeira (1925)

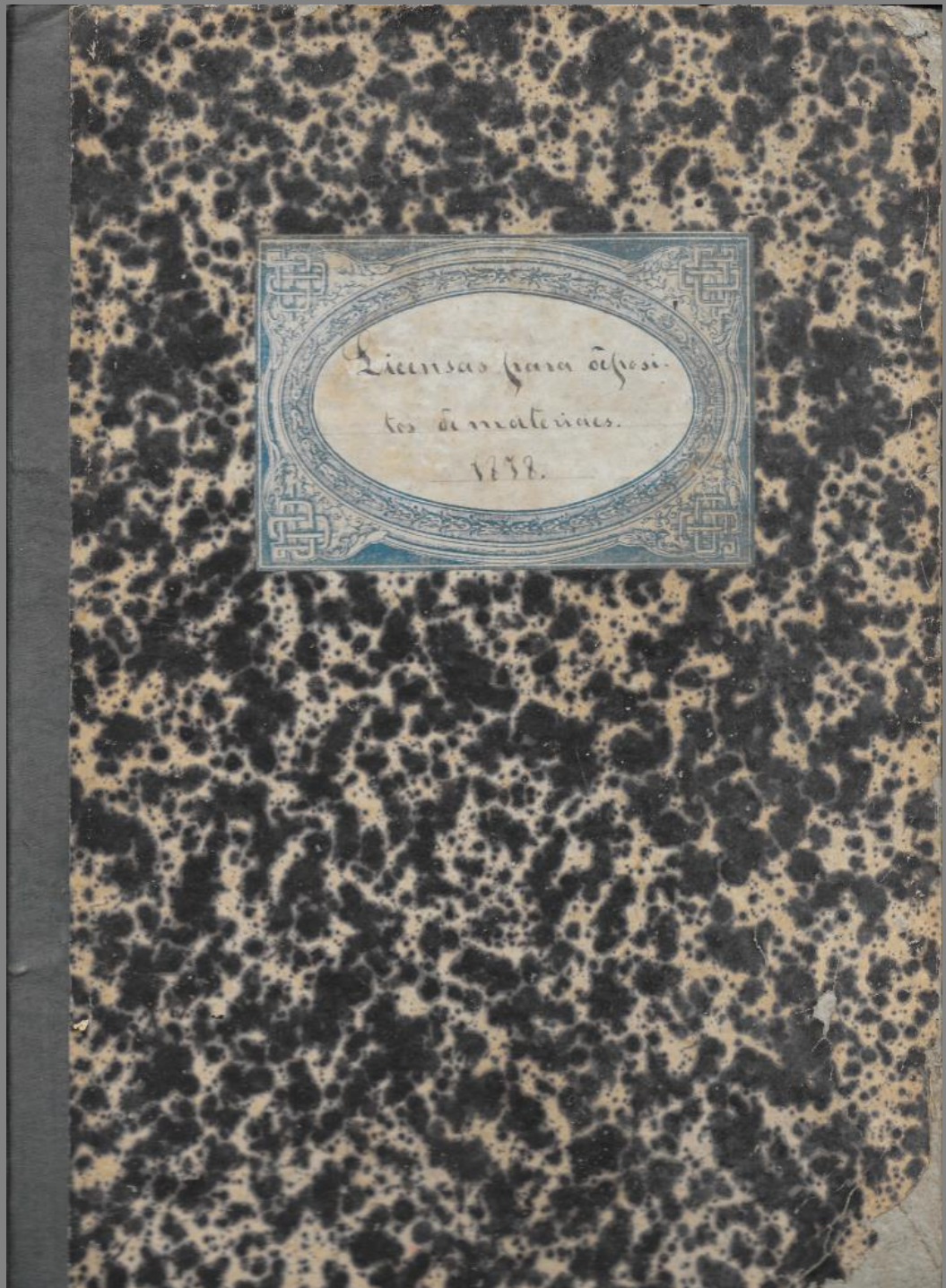
F.D. AHBVL (Fundo Documental Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de
Lamego)



> 1.
Lista geral de Sócios 1
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1877
[F.D. AHBVL]



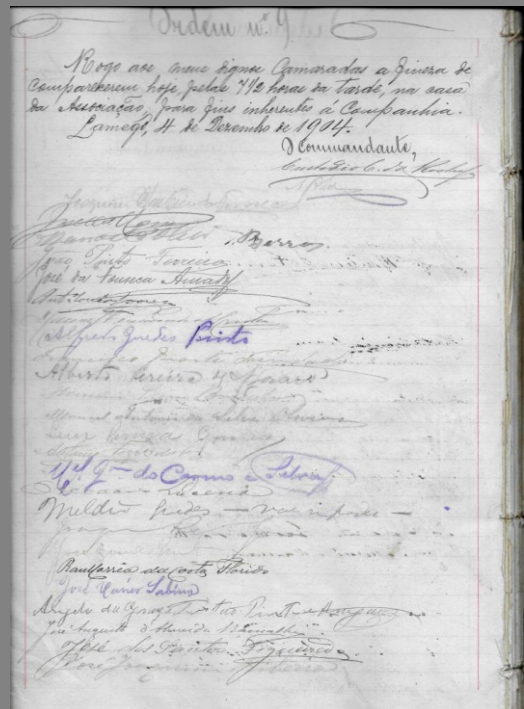
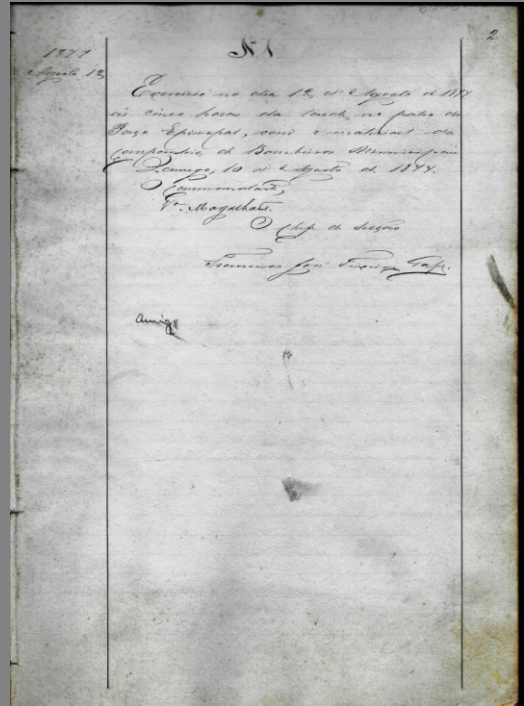
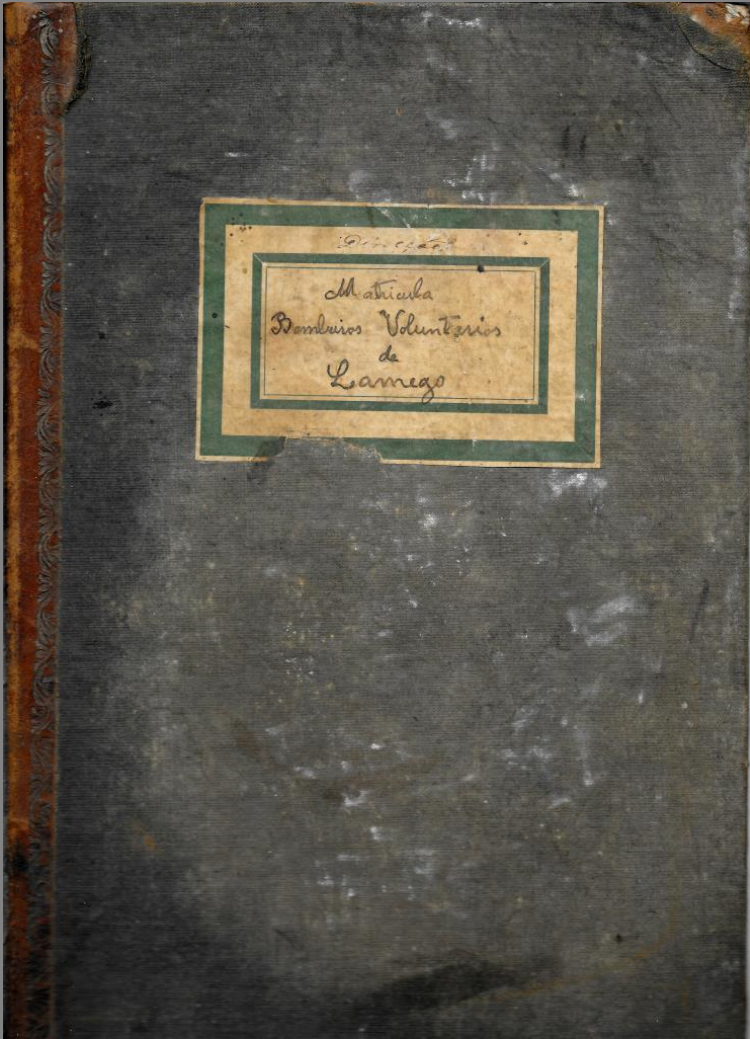
> 2.
Lista geral de Sócios 2
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1900
[F.D. AHBVL]



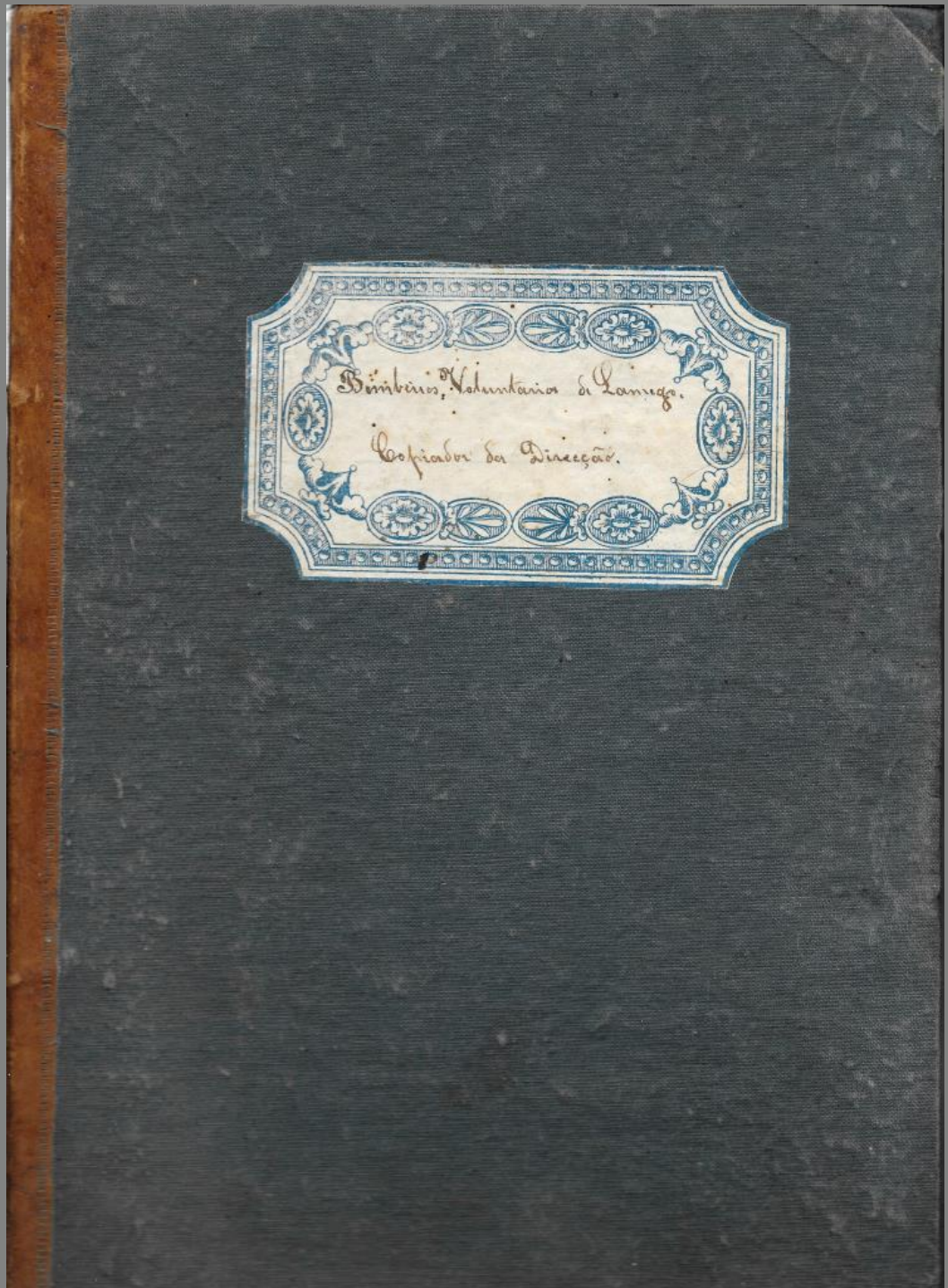
> 3.

Livro de Licenças para depósitos de materiais
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1878
[F.D. AHBVL]

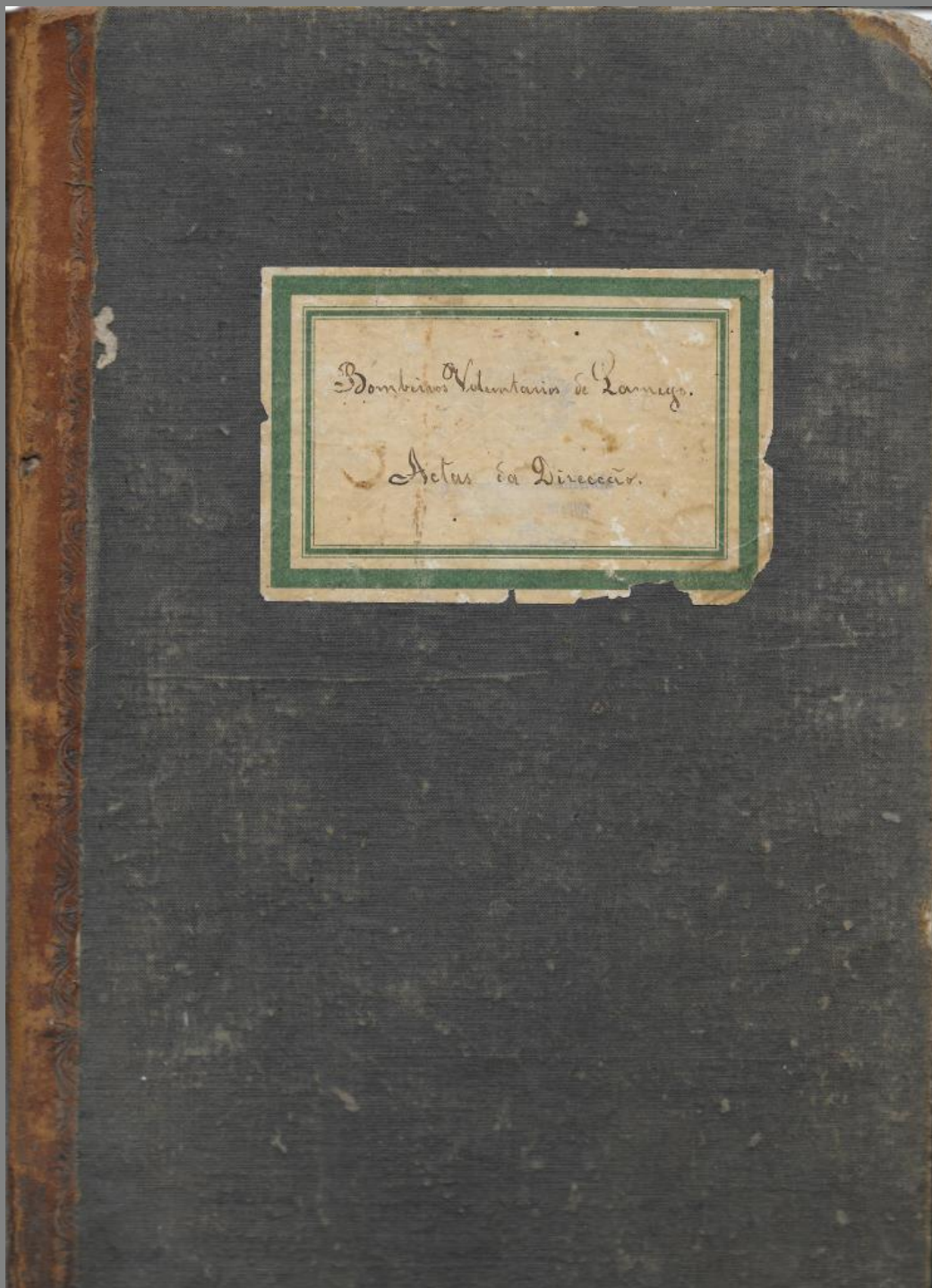
FUNDOS DOCUMENTAIS



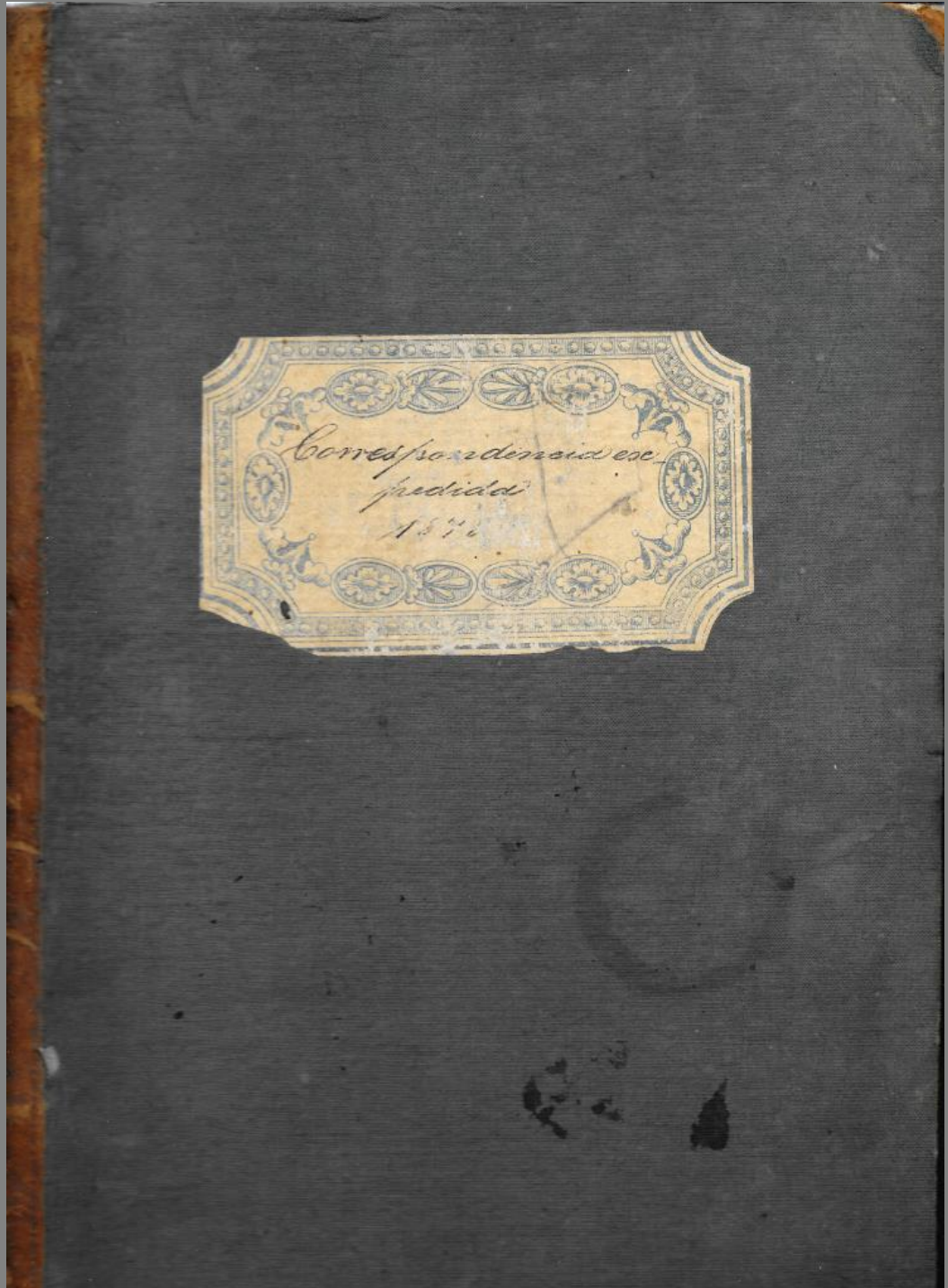
> 4.
 Direcção
 Matrícula
 Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
 1877
 [F.D. AHBVL]



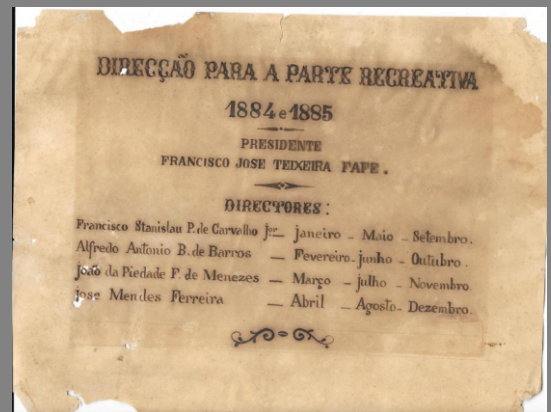
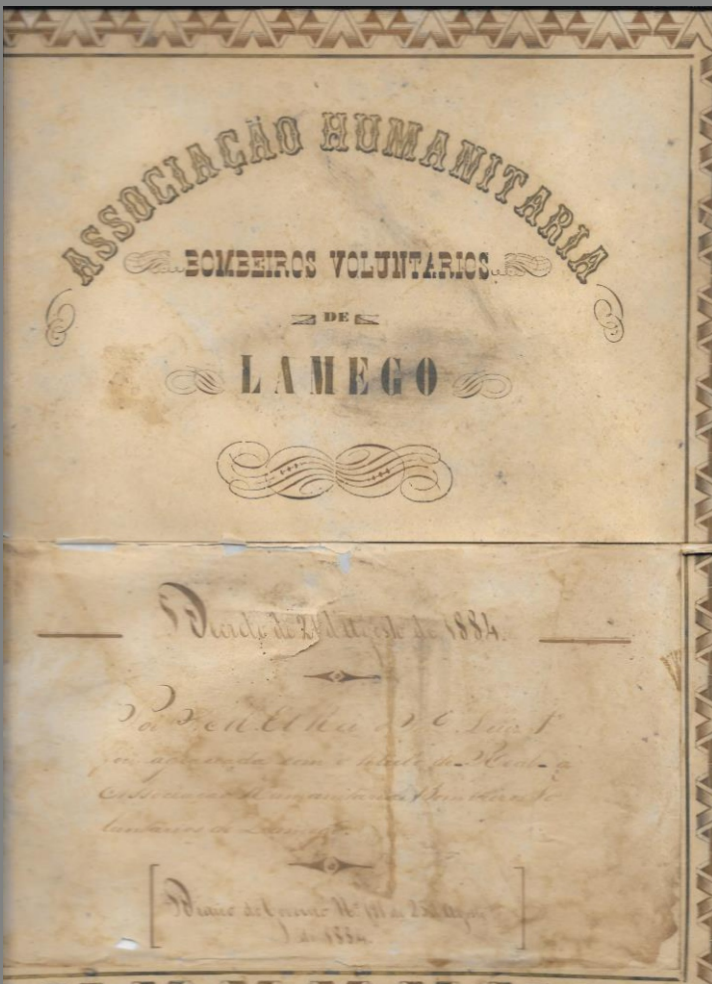
> 5.
Copiador da Direcção
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1878
[F.D. AHBVL]



> 6.
Actas da Direcção
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1878
[F.D. AHBVL]



> 7.
Correspondência expedida
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1878
[F.D. AHBVL]



> 8.
Elementos da Direcção - Parte recreativa
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1884-1885
[F.D. AHBVL]

Folha do vencimento dos empregados da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Lamego relativa ao mez que hoje finda

EMPREGOS	NOMES	VENCIMENTOS
Quarteleiro	M. ^o dos Santos Felix	6000
Corneta	M. ^o Coimbra	1500
Conductor	M. ^o Guedes Pinto	600
"	Fran. ^o Guedes	600
"	Jos. ^o M. Albuquerque	600
"	M. Guedes Felix	600
Corneta Superior	Albino Pitas da Silva	800
Almoxaraz	M. Guedes Felix	1200
"		
"		
"		
"		
"		
"		11900

Lamego 30 de Abril de 1886

O Commandante

[Signature]

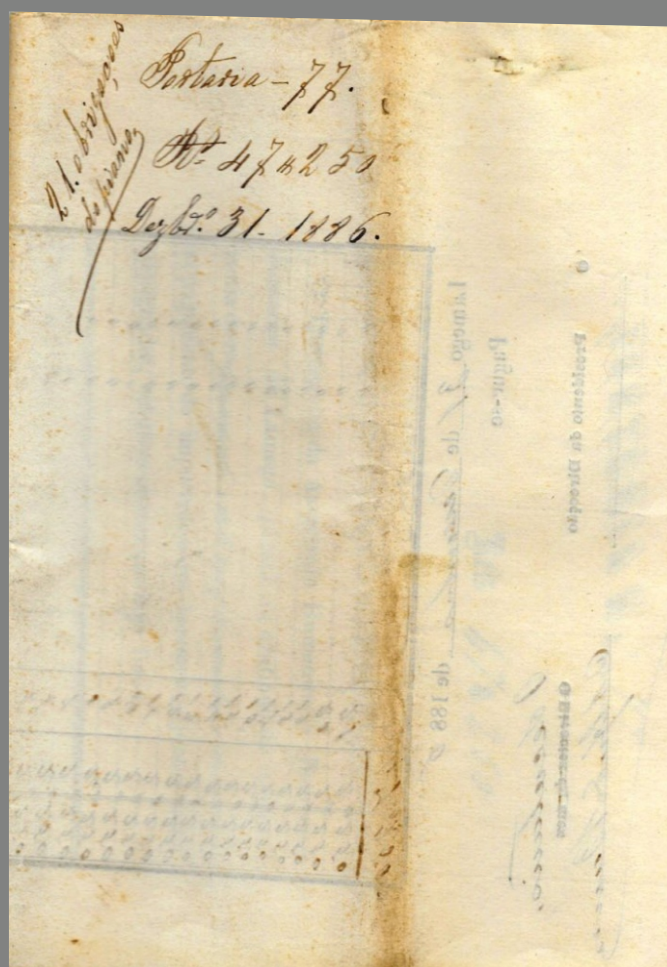
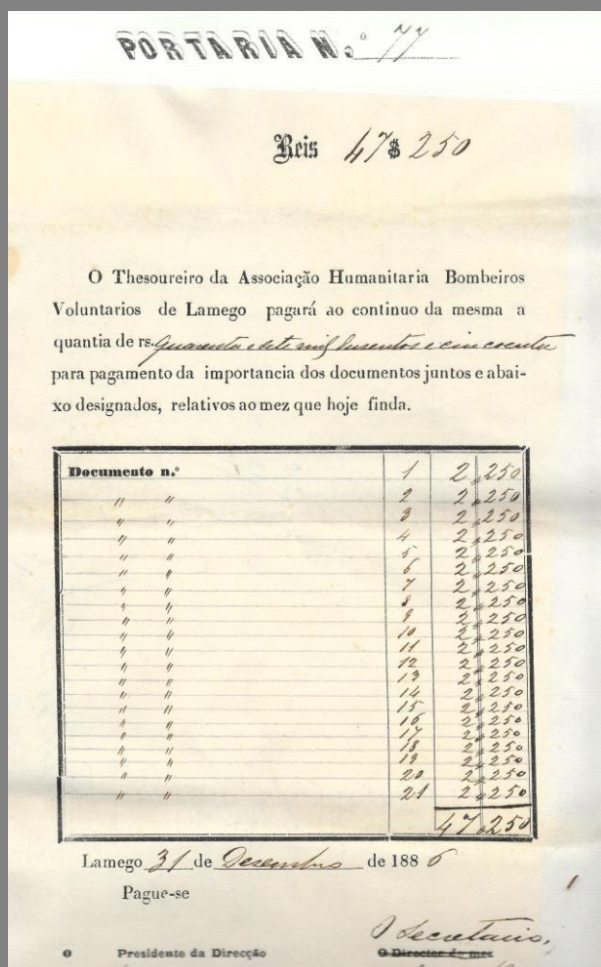
Presidente da Direcção

[Signature]

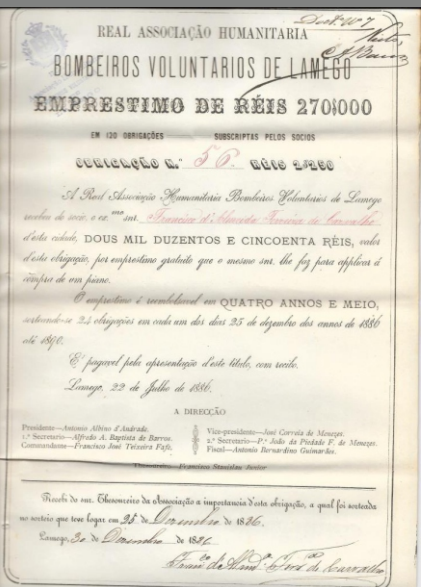
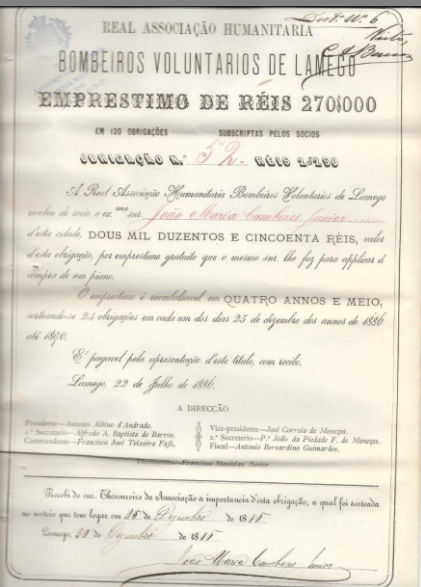
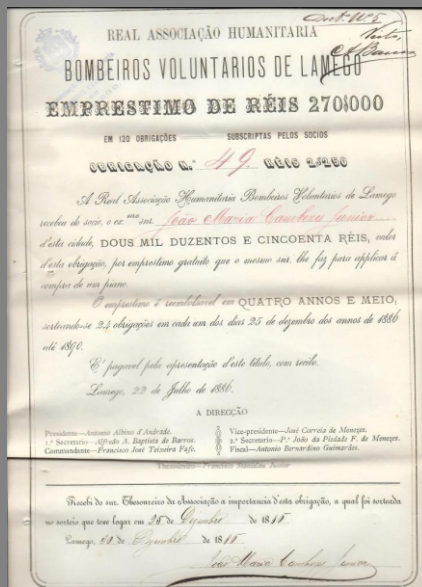
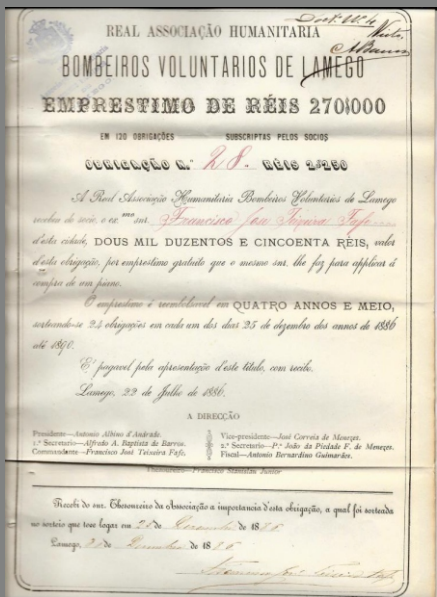
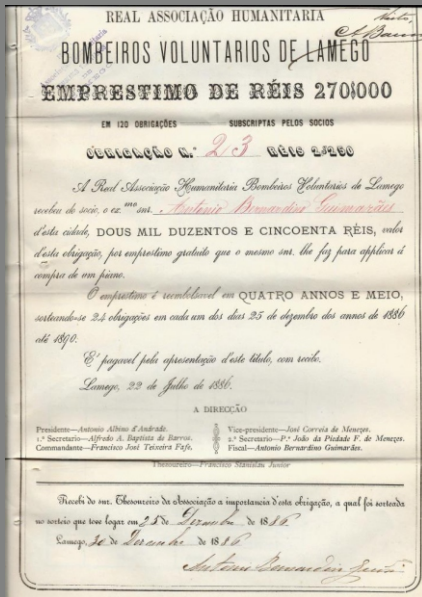
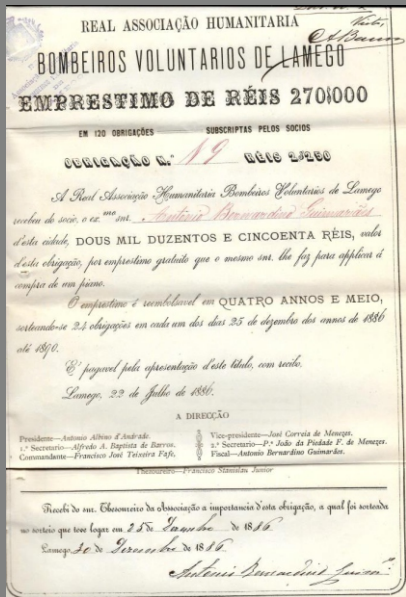
Empregados
 Portaria n.º 18.
 n.º 11900
 Abril - 30 - 1886.

> 9.
 Empregados | Folha de Vencimentos
 Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Lamego
 1886
 [F.D. AHBVL]

FUNDOS DOCUMENTAIS

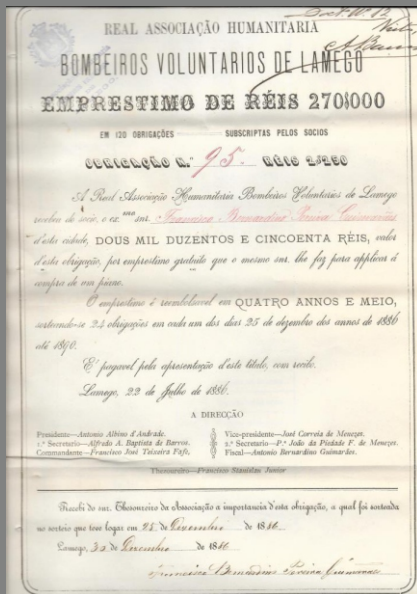
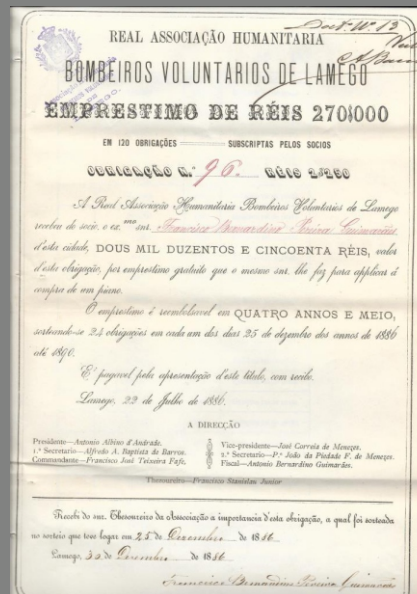
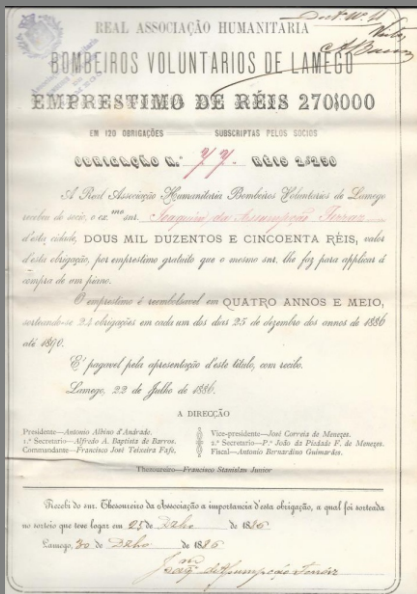
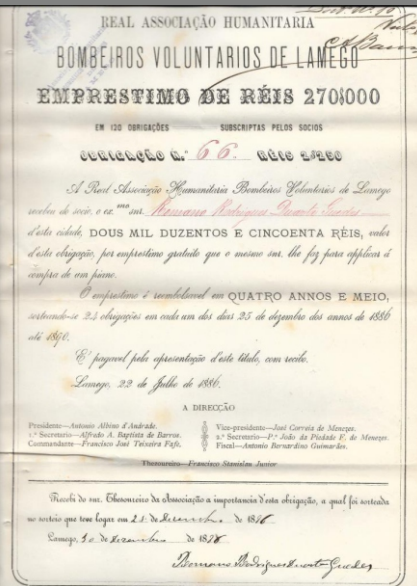
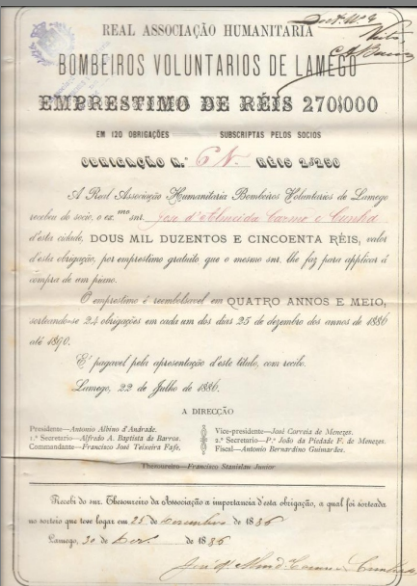
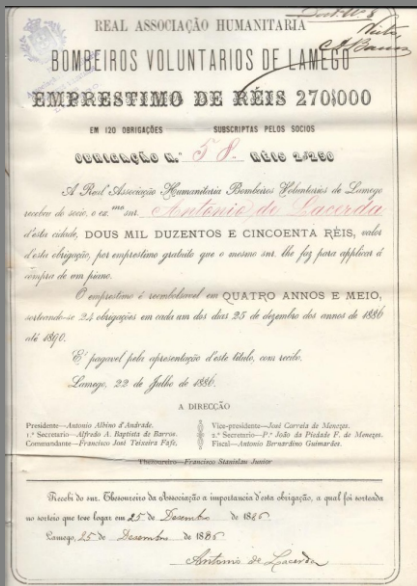


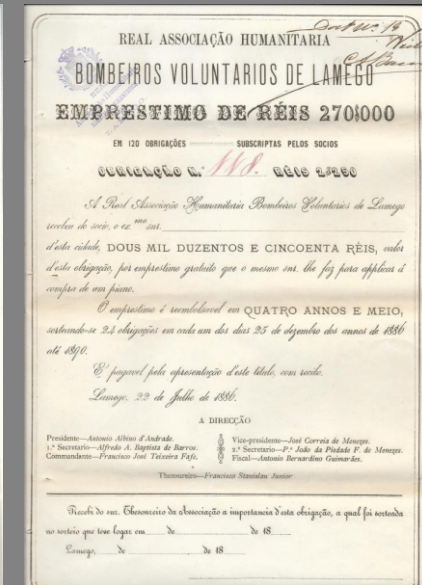
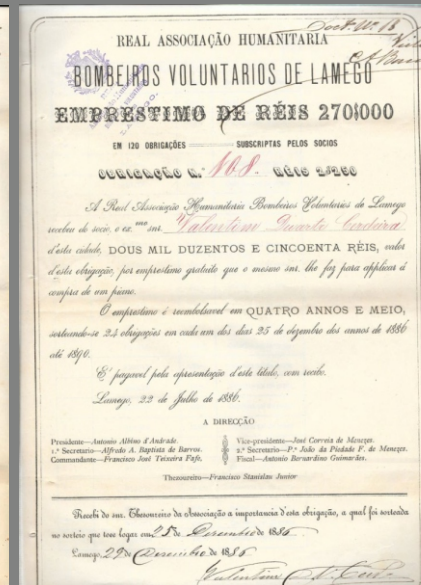
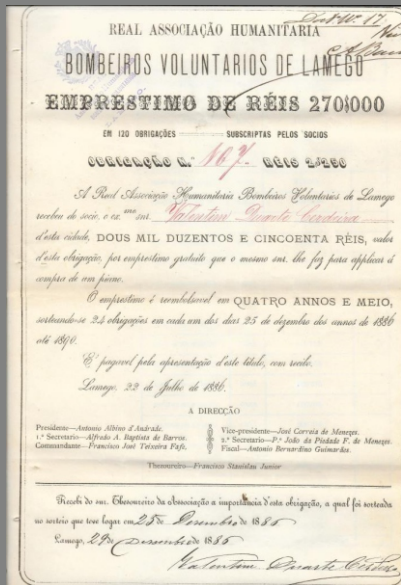
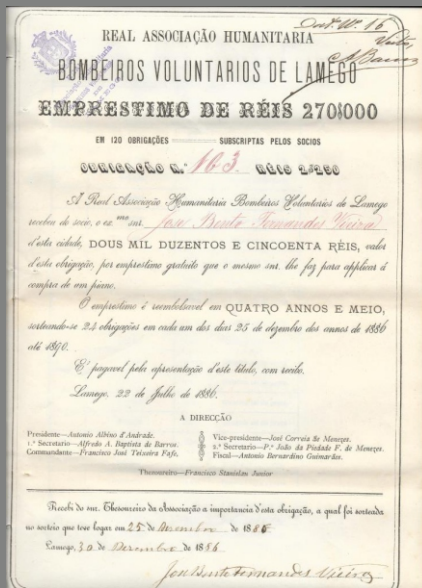
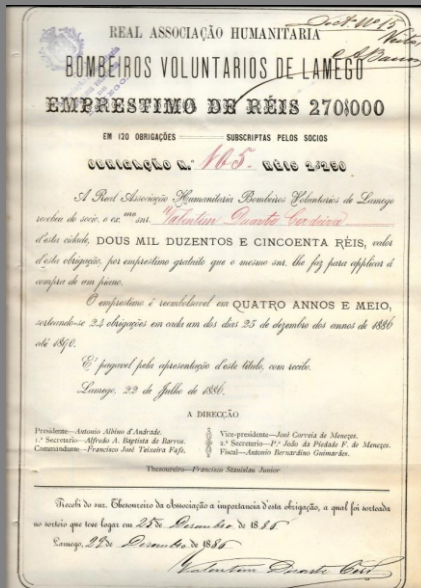
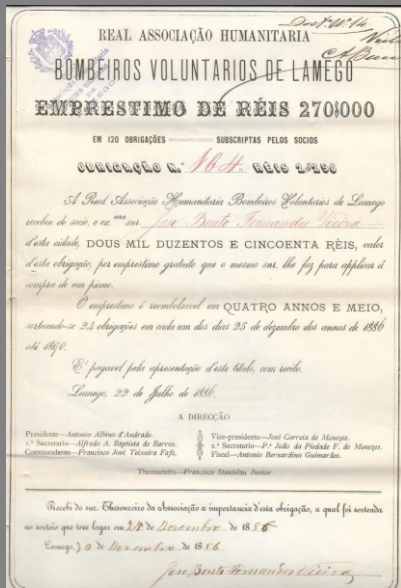
> 10.
 Portaria nº 77 | Obrigações
 Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
 1886
 [F.D. AHBVL]

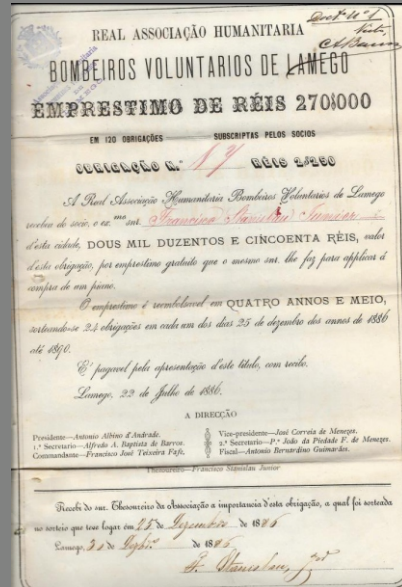
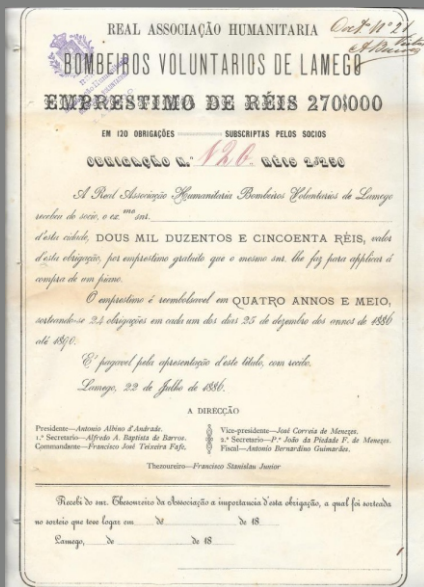
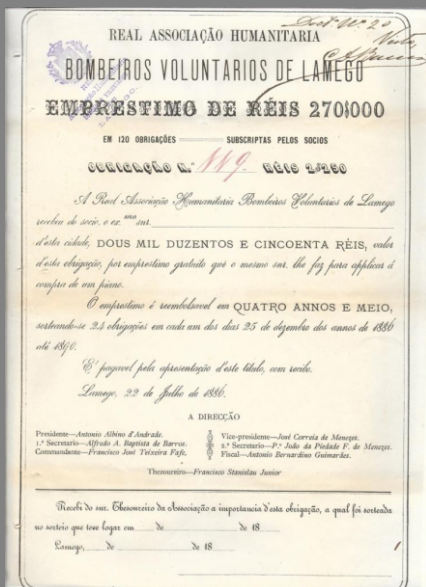


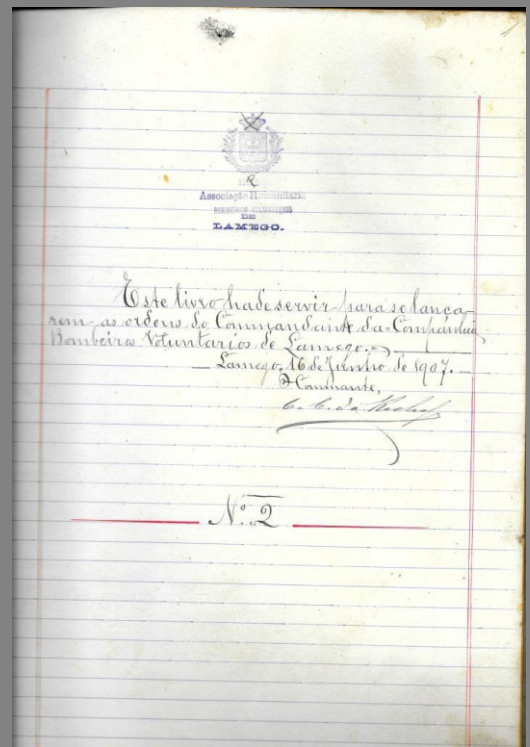
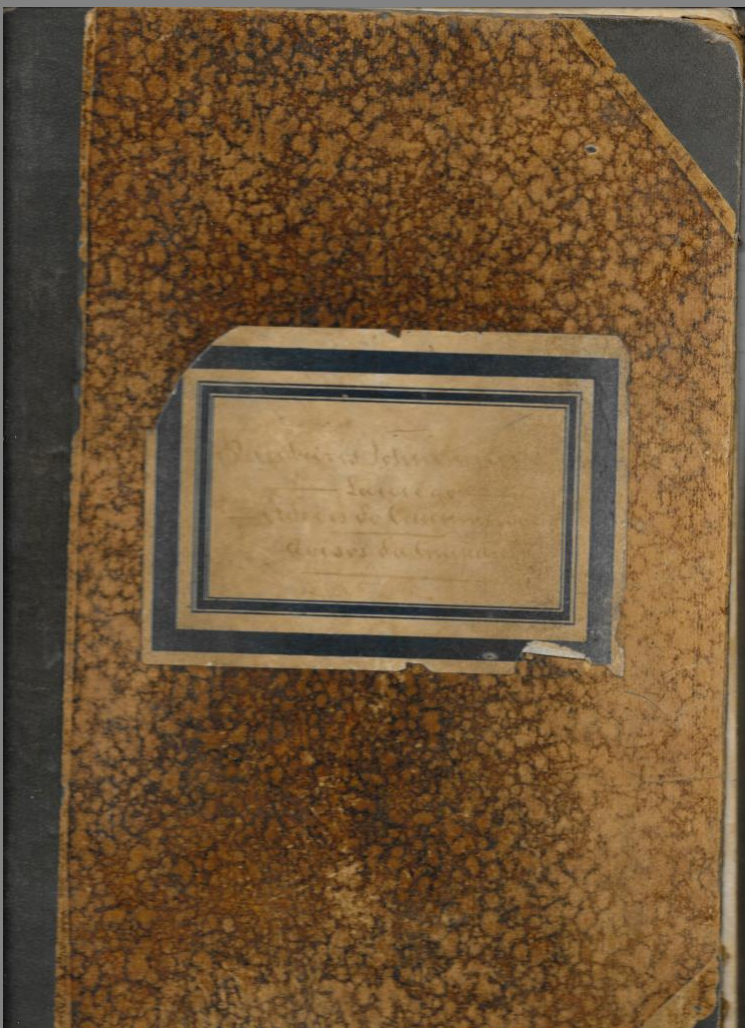
> 11.1 a 11.21
Notas de Empréstimo
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]

FUNDOS DOCUMENTAIS

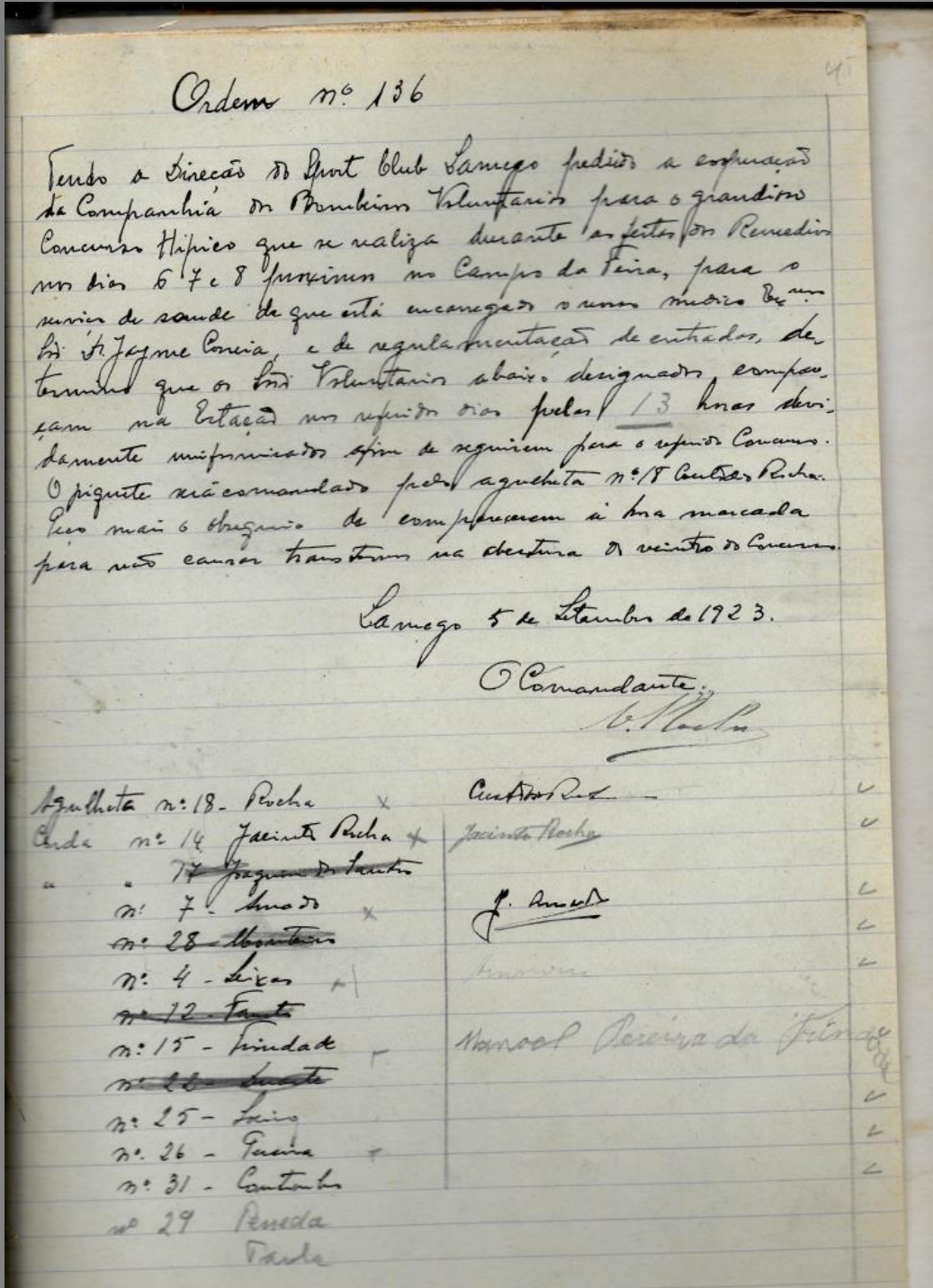








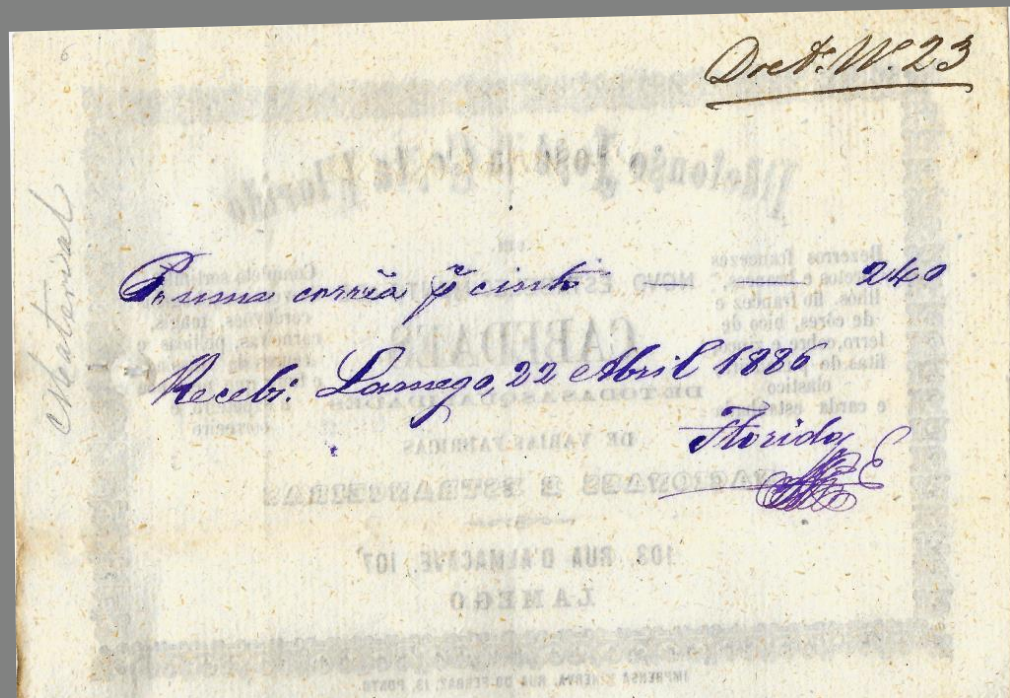
> 12.
Ordens do Comandante da Companhia
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1907
[F.D. AHBVL]



> 13.

Ordens do Comandante da Companhia | Ordem nº 136
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1923

[F.D. AHBVL]



> 14.
 Factura da Casa Ildefonso da Costa Flórido
 Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
 1886
 [F.D. AHBVL]

Lcomt. A.

Associação B. Voluntários de Lamego.

Afinetes do fecho	450
Sabonetes	100
	450

Lamego 30 de Abril de 1886

F. Stanislaw, Jr. Srto.
Claro

PRACA DO COMMERCIO — N.º 102 E 103 — PRACA DO COMMERCIO

NOVO ESTABELECIMENTO

— DE —

FRANCISCO STANISLAU JUNIOR

— EM —

LAMEGO

Um completo sortimento de bijouterias, quinquilherias e objectos proprios para armações funebres e de gala.

Em qualquer hora do dia ou da noite se apromptam mortallas e caixões de todos os tamanhos por preços tão baratos, que excede em modicidade de preços a tudo o que se tem annuciado de mais barato.

> 15.
Factura da Casa Ildefonso da Costa Flório
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]

Doct. N.º 6

Lamego, 27 de Abril de 1886

O Sni. Deve

Porto—Papellaria Azevado.

Abril 27	Por 5 H. de Biscuitos 160	800
	" 3 " " Doce grosso 200	600
		1400
	Recbi Lamego 27 de Abril 1886	
	Por m. Pa. Marquez Com. J. M.	
	Fran. Louca, P. M. Vito.	
		<i>eleand</i>

ESTABELECIMENTO
DE
DOCE
DE

MARIA DO PILAR

PREMIADA NA EXPOSIÇÃO HORTICOLA E AGRICOLA
DO PALACIO DE CRYSTAL

20 — RUA DA OLARIA — 20

(LAMEGO)


> 16.
Factura da Casa DOCE de Maria do Pilar
Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]

Doc. N.º 3

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

POR JUNTO E A RETALHO

GRANDE SORTIMENTO
DE
LOUÇA INGLEZA
CRYSTAES, ELECTROS
PORCELLANAS
PINCEIS BROCHAS
FOLHA DE FLANDRES, ESTANHO



PREGAIENS DE FERRO E ARAME
DE TODAS AS QUALIDADES
ESPECIALIDADE EM FAQUEIROS
COLHERES DE BRITANIA E ELECTRO.
CONSERVAS INGLEZAS.
COMMA BRILHANTE, CHÁ, CAFÉ
GENEVA, QUEIJO FLAMENGO, ETC

A Real Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego Deye
A JOAQUIM D'ASSUMPCÃO FERRAZ

<i>5 Candeias de porcellana</i>	<i>110</i>		<i>550</i>
<i>1 Sardinha</i>			<i>140</i>
		<i>R -</i>	<i>690</i>
<i>Recebi a favor</i>			
<i>M. M. de Almeida</i>			
<i>João Ferraz Neto</i>			
<i>elencado</i>			
<i>J. Ferraz</i>			

> 17.

Factura do Estabelecimento de Mercearia
À Real Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
S/d
[F.D. AHBVL]

Doc. N.º 2

Sapatos colados para os faes do li-
 tho dos dignissimos bombeiros voluntarios

Em Fevereiro -	13 sapatos a par -	130
Em Março -	11 " " -	110
Em Abril -	14 " " -	140
Somma		380

Lamego 30 de Abril de 1886

Recbi Antonio Jose da Silva Visto
claud

> 18.
 Recibo
 Real Associação Humanitária Bombeiros Voluntários de Lamego
 1886
 [F.D. AHBVL]

Doc. N.º 2

Por considerar o armario da
 Real associação bombeiros benlun-
 terios da casa da bomba para a
 sociedade seis homens a 120 \$ 120

- Recevi -

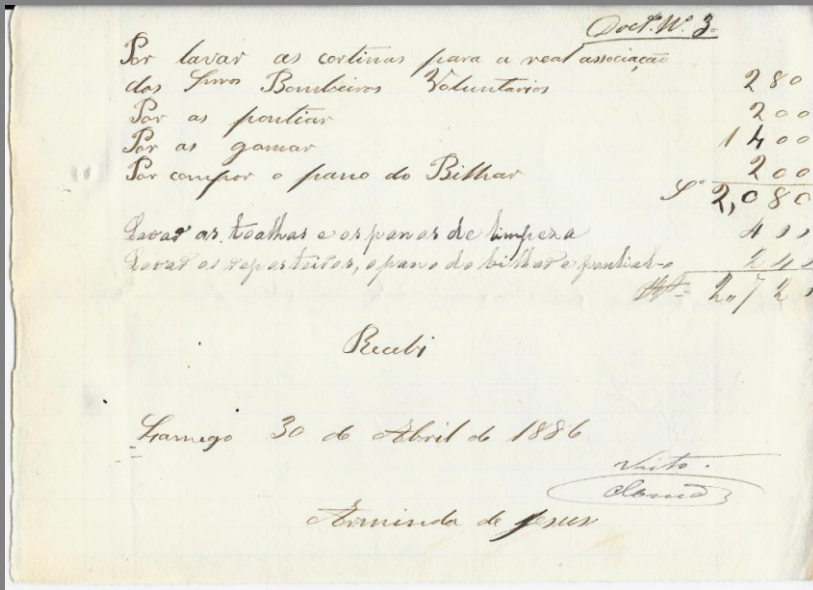
Lamego 17 de Abril de 1886

Manoel de Moura Almeida

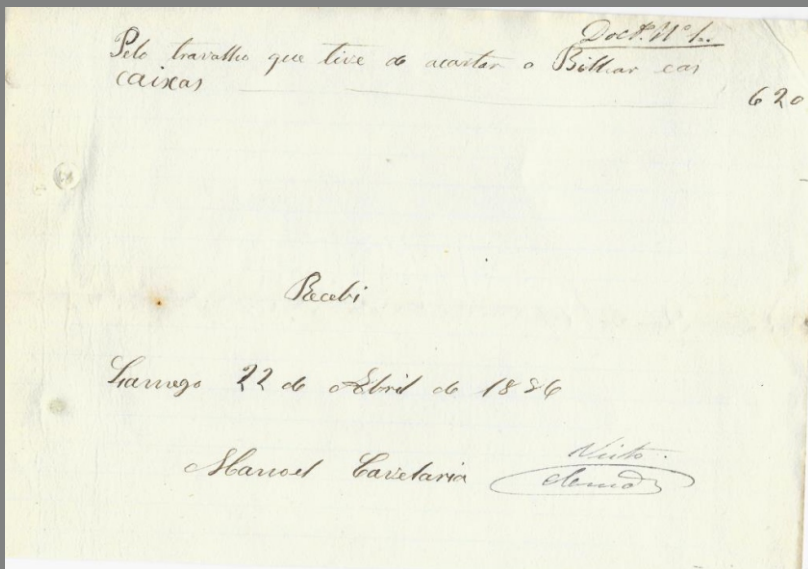
Visto
claud

> 19.
 Recibo de Manuel de Moura Almeida por serviços prestados à
 Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
 1886
 [F.D. AHBVL]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 20.
Recibo de Arminda de Jesus por serviços prestados à
Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]



> 21.
Recibo de Manoel Cavalaria por serviços prestados à
Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]

6606.09.U.4

CASA DE MODAS

MIUDEZAS E CONFECÇÕES

RUA D'ALMACAVE
N.ºs 22 A 24

Miguel Coelho da Silva & F.

ESTABELECIMENTO
DE
Fazendas brancas nacionaes e estrangeiras

Papeis pintados, chá, café, e
objectos d'escriptorio

LARGO DA SÉ
Lamego

Doc. N.º 4.

Lamego 21 de abril de 1886

À Real Associação dos Bombeiros
Voluntarios Lamecense Deve

1 Trato de charnã	200
6 " " " " a 150 -	900
Correio e Seguro	100
	R\$ 1200

Recebemos a imp. e supor

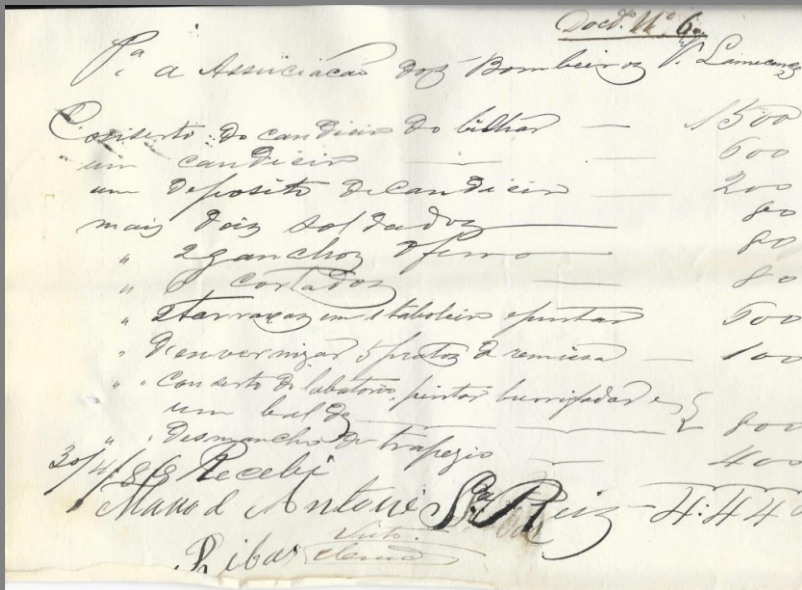
Lamego, 29 de abril de 1886

Miguel Coelho da Silva & F.

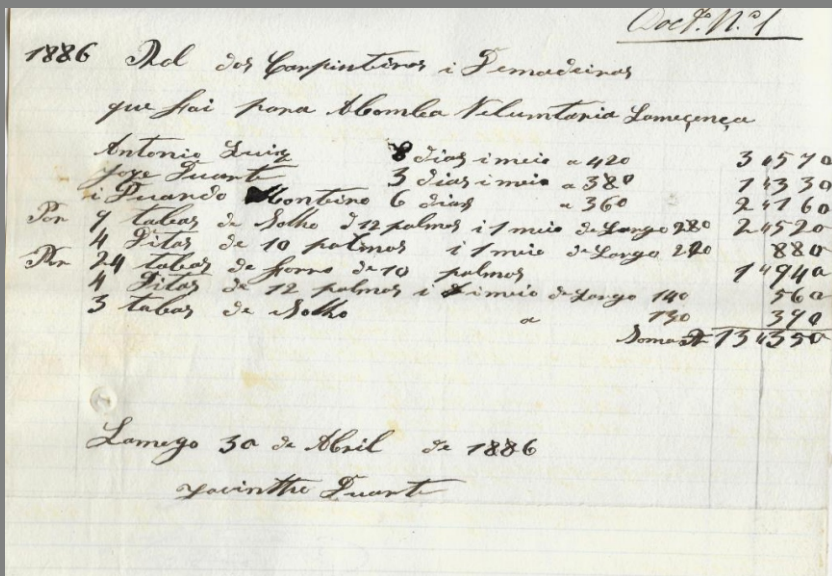
Visto.
Clamo

> 22.

Factura da Casa de Comercial – Casa de Modas
À Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]



> 23.
Recibo de Manoel António Ruiz por serviços prestados à Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego 1886 [F.D. AHBVL]



> 24.
Rol dos carpinteiros e jornaleiros Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego 1886 [F.D. AHBVL]

Doc.º N.º 2

1886

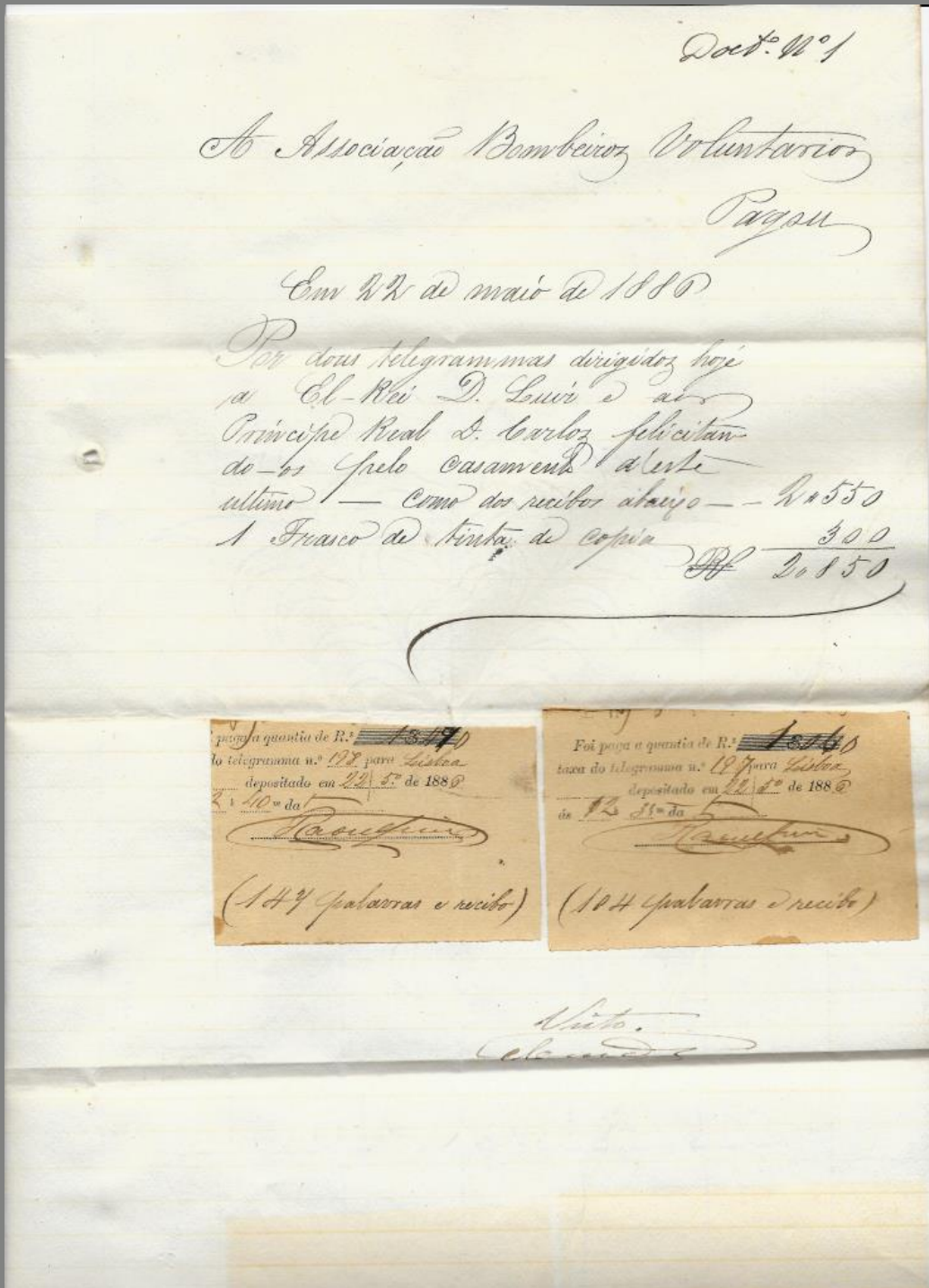
Importancia da obra que se fez para a
Banco Voluntaria de Lamego

P. 28 escapulas de ferro redondas de esp. para com rosca na frente e uma p. para e 2 ros- tas em cada um -	5.600
P. 29 escapulas de planacheta de aparafusar	2.800
P. 8 lentes de ferro f. as canelhas de entrada	900
5 escapulas de ferro do trapereio concertados, e	"
10 pregos novos f. pregão as mesmas -	400
Uma serpentina de globo da sociedade con- sertada -	400
Um machado concertado no olho e atornado	400
3 breas aquecidas -	300
Somma -	10.620

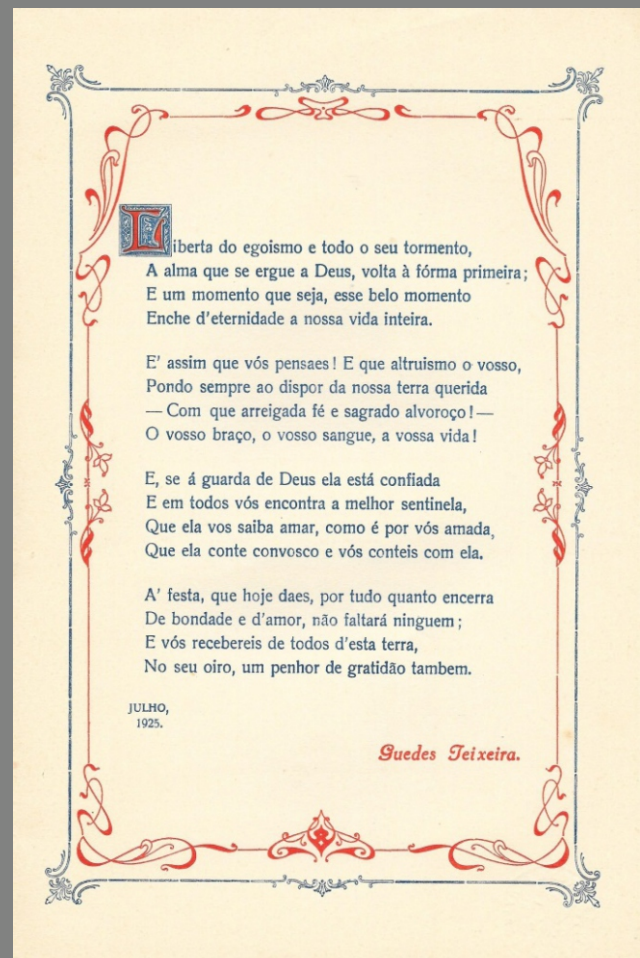
Lamego - 30 de Abril de 1886
Antonio Pinto

West
O Commandante
F. Pinto

> 25.
Recibo de António Pinto por serviços prestados à
Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]



> 26.
Factura do pagamento de dois telegramas dirigidos ao Rei D. Luís e ao príncipe D. Carlos
Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lamego
1886
[F.D. AHBVL]



> 27.

Quadras escritas pelo poeta lamecense Fausto Guedes Teixeira no contexto da celebração do 48º aniversário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lamego

1925

[F.D. AHBVL]

CAPELA DE SÃO PEDRO DE BALSEMÃO

Fundo constituído por diversa documentação relativa à Capela de São Pedro de Balsemão, em Lamego, afecta a este Museu, abarcando uma cronologia balizada entre 1956 e 1991.

- Dele fazem parte:
- . Memória descritiva
 - . Processo de aquisição
 - . Correspondência expedida e recebida
 - . Inventário
 - . Plantas
 - . Orçamentos
 - . Dossiers do Gabinete Técnico
 - . Relatórios: Obras / Conservação
 - . Averbamentos
 - . Documentos inerentes ao processo de integração no Museu de Lamego
 - . Fotografias

F.D. CSPB (Fundo Documental Capela de São Pedro de Balsemão)

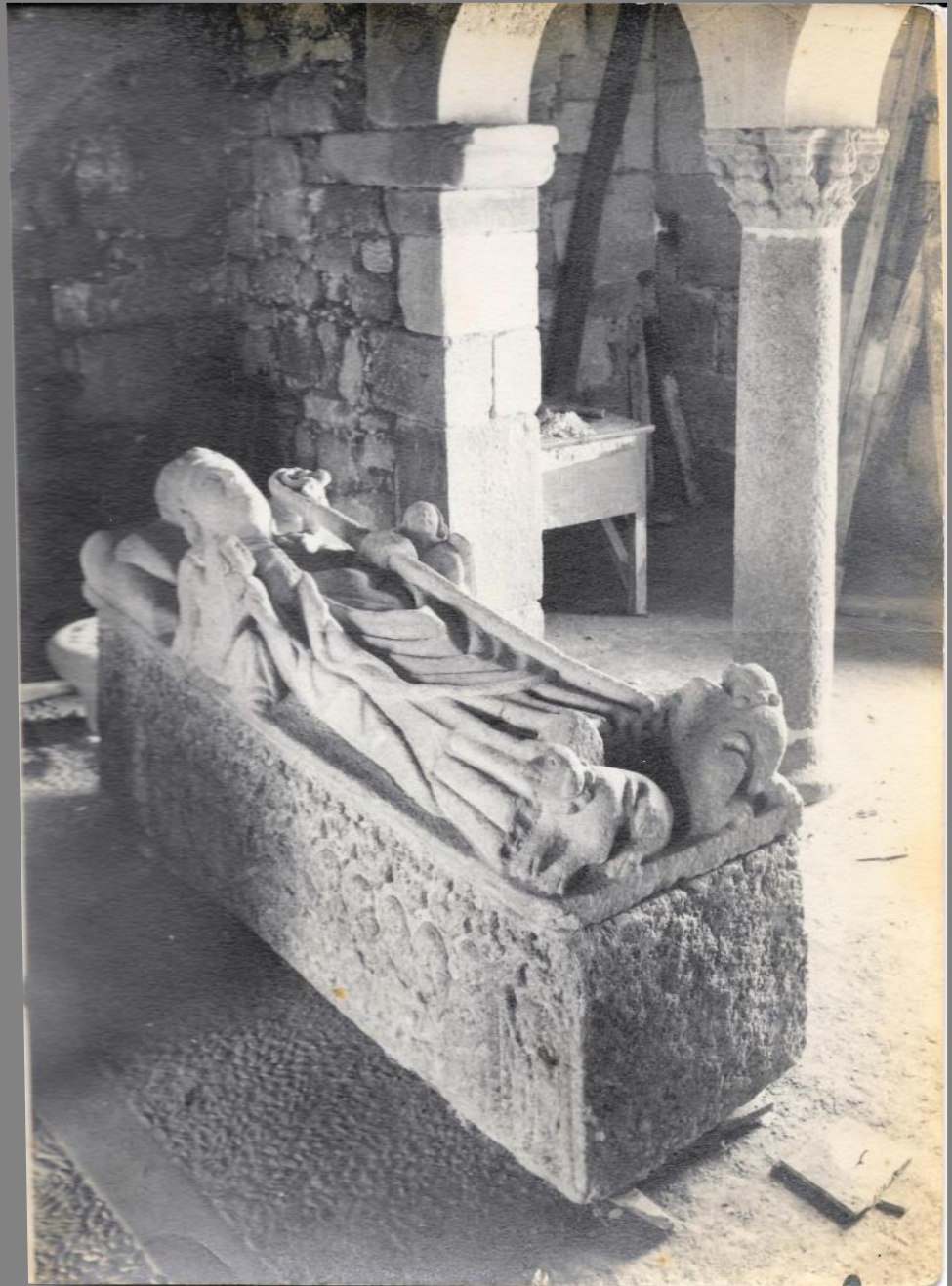


> 1.
Capela de São Pedro de Balsemão
Fachada frontal
Fotografia
Positivo a p/b
Gelatina sal de prata
Dim. 12,5 x 17,5 cm
1982(?)
[F.D. CSPB]



> 2.
Capela de São Pedro de Balsemão
Perspectiva do interior: arcos, retábulos e arca tumular de D. Afonso Pires, bispo do Porto (1359-1372).

Fotografia
Positivo a p/b
Gelatina sal de prata
Dim. 17,5 x 19,6 cm
1982(?)
[F.D. CSPB]



> 3.

Capela de São Pedro de Balsemão

Perspectiva do interior: arca tumular de D. Afonso Pires, bispo do Porto (1359-1372)

Fotografia

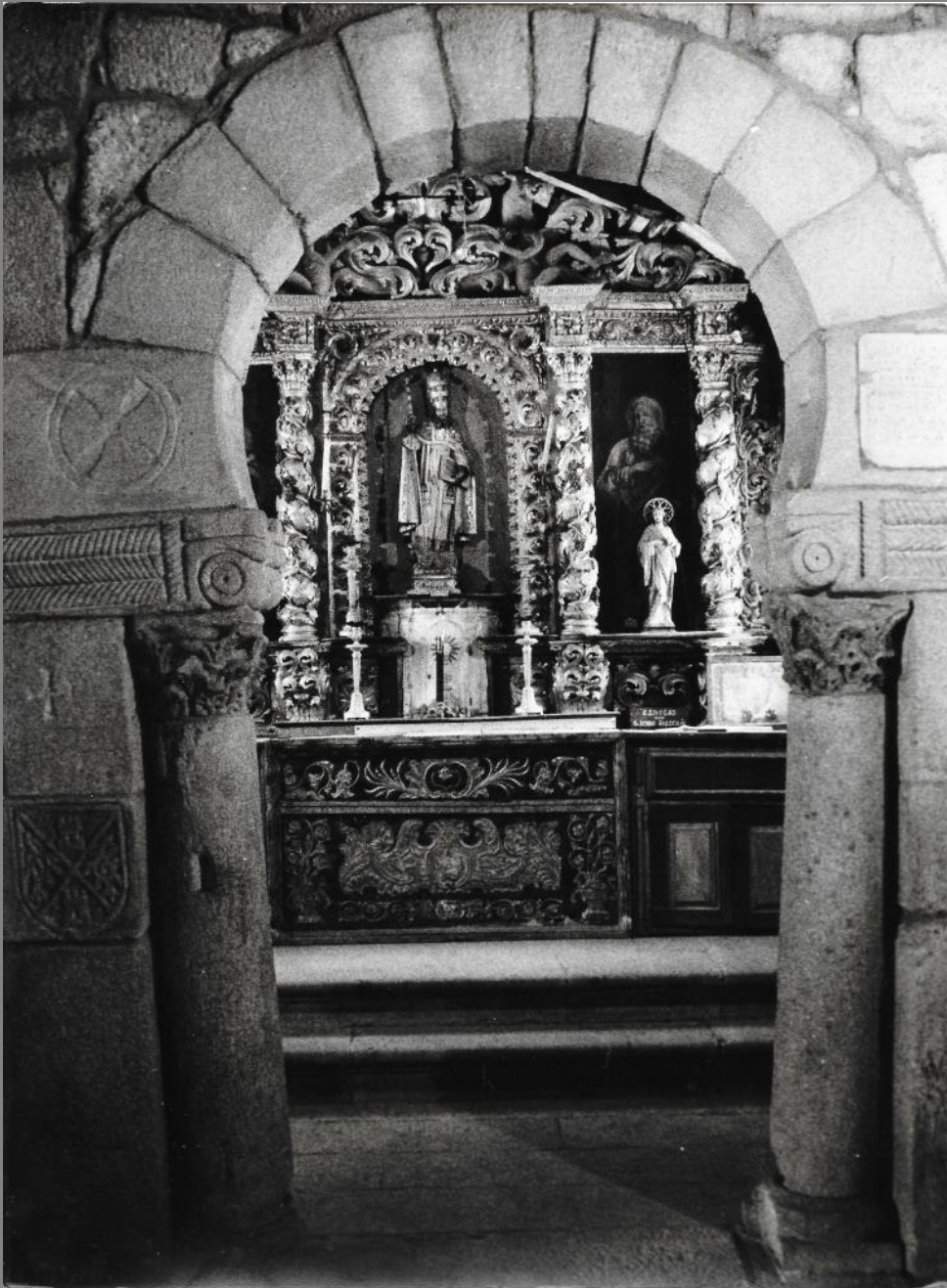
Positivo a p/b

Gelatina sal de prata

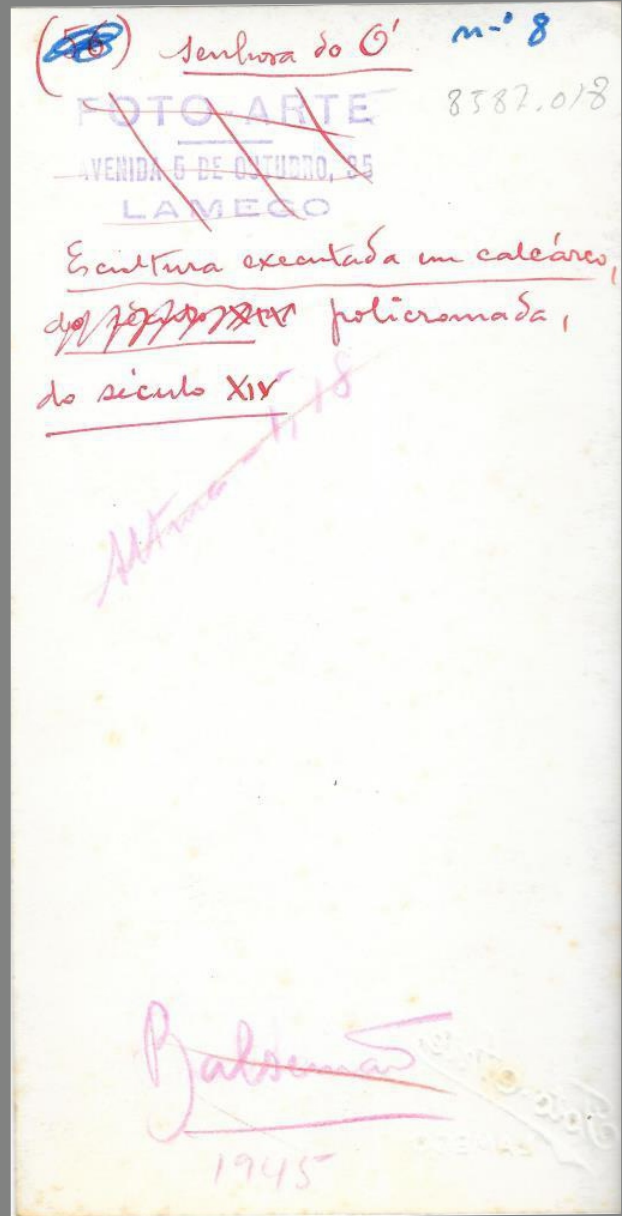
Dim. 23,8 x 18 cm

1945 (?)

[F.D. CSPB]



> 4.
Capela de São Pedro de Balsemão
Perspectiva do interior: arco, retábulo, frontal de altar
Fotografia
Positivo a p/b
Gelatina sal de prata
Dim. 23,5 x 17,6 cm
1982(?)
[F.D. CSPB]



> 5.

Capela de São Pedro de Balsemão (interior)

Pormenor de retábulo, com imagem de escultura de vulto da Virgem da Expectação (ou Virgem do Ó)

Fotografia

FOTO ARTE

Positivo a p/b

Gelatina sal de prata

Dim. 23,5 x 17,6 cm


1945

[F.D. CSPB]



> 6.
Capela de São Pedro de Balsemão
Interior - epigrafes integradas na parede
Fotografia
Positivo a p/b
Gelatina sal de prata
Dim. 6 x 6 cm
1982
[F.D. CSPB]

Inv. 8587


MUSEU REGIONAL DE LAMEGO

N.º _____

Lamego, 12 de Agosto de 1956.

Meu prezado Amigo:

Eram 13,30 quando recebi o seu telegrama. Fui logo a Balsemão tirar as medidas. São as seguintes:

Túmulo:

comp. - 2,20 m
 larg. - 66 cm.
 alt. - 1 m.

Senhora do Ó:

alt. - 1,06 m.

Altar mór:

alt. - 2,68 m.
 larg. - 3,57 m.

Altar lateral (Senhora do Ó)

alt. - 2,56 m.
 larg. - 2 m.

2º altar lateral - medidas iguais ao anterior.

N.º S.ª da Conceição - 75 cm.
 Cristo - 1,25 m.


MUSEU REGIONAL DE LAMEGO

N.º _____

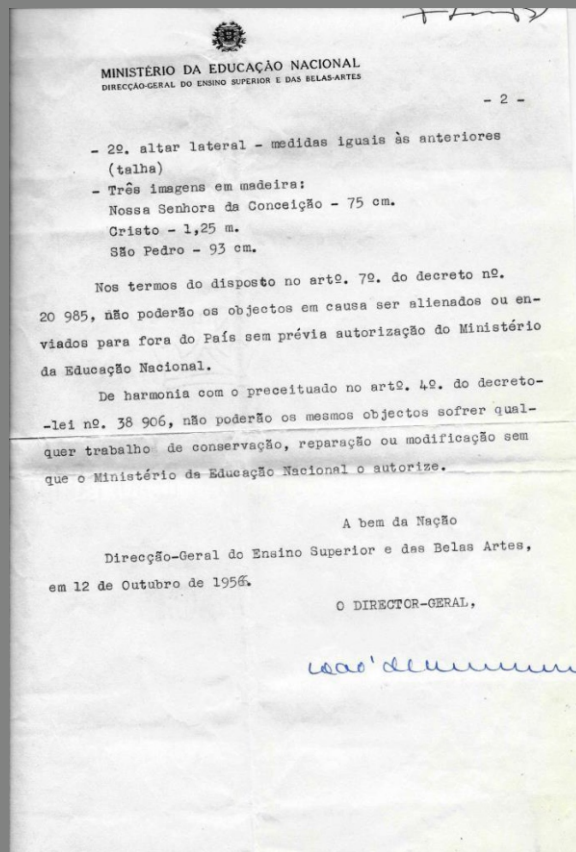
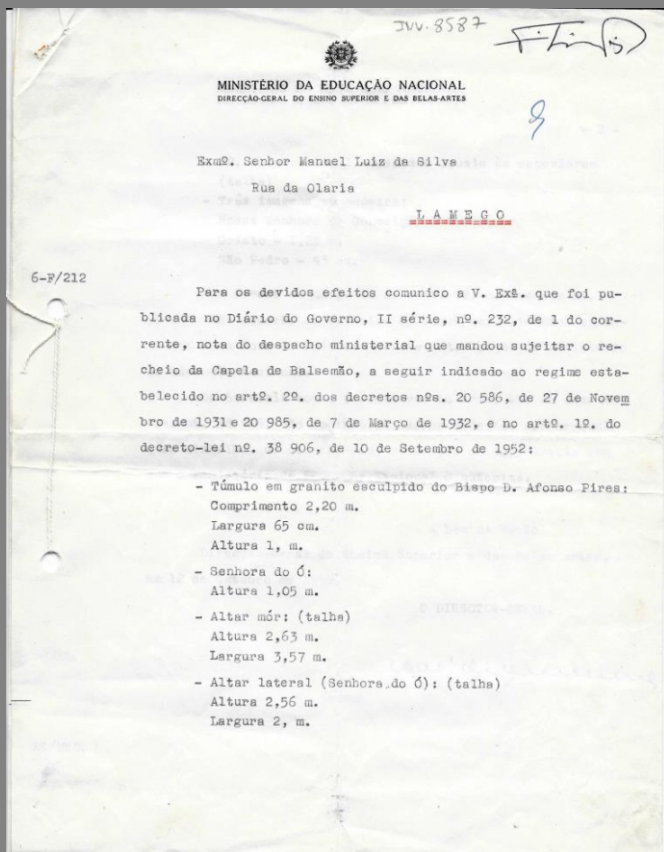
Agora uma informação: disse-me o advogado que tratou da questão de Balsemão que o Director Geral dos Monumentos Nacionais não estava interessado em comprar as referidas pedras. Parece-me que vão tratar, com o Dr. Abel Lacerda, da venda.

Peço apresente os meus cumprimentos ao Sr. Dr. João Couto e Dr.ª Maria José de Mendonça.

Com toda a consideração e estima



> 7.
 Correspondência
 Museu Regional de Lamego
 1956
 [F.D. CSPB]



> 8.
Correspondência
Ministério da Educação Nacional
Despacho ministerial
Bens móveis da capela de São Pedro de Balsemão
1956
[F.D. CSPB]

Medidas das peças existentes na
 Capela de São Pedro de Balsemão:

Trincheira:
 larg: - 6,5 metros + status feneço 69.
 alt: - 5,7 " + status " 1,06
 comp: - 2,20 m.

Arco do O:
 Alt = 1,05 -
 Colônias
 Alt = 2,63 m. Proj: 3,57 m
 Janelas.

P. de ornamentos: - (75 cm) - 0,77 cm
 Cristo 1 - 1,21 - falta
 S. Pedro 1 - (93 cm) - 1 m, 15 cm

Arco lateral (di. do O)
 Alt = 2,56 + 51 - frontal
 Proj: 2 m.
 e abóbada

Imagens iguais:
 Cristo (pequeno braços e cabeça partidos) - 0,40 cm
 Cristo (misterioso) - 67,5 cm
 S.º Paulo? - 0,31 cm
 Cristo - 62,5 cm
 Sagrada Coração de Jesus - 62,5 cm
 Cordeiro - larg 92,1 cm Alt 92,7 cm

> 9.

Manuscrito

Medidas das peças existentes na capela de São Pedro de Balsemão

S/d

[F.D. CSPB]

INV. 8587

Inv. 900.14



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
LISBOA — PORTUGAL

Lisboa. 15. 4. 58

Prezado colega


Obtive a direct penal a seguinte informação.
Os objectos de Balsemas foram arrolados,
Conforme pode ver no "Diário de Jovens", - 2ª série
de 1 de outubro de 1956.

Os proprietários foram notificados do arrolamento
por cartas mandadas, contra aviso de reapção,
que se encontram na posse do nosso Director
Penal.

Cumprimentos amigos de
João Couto.

> 10.
Carta de João Couto
Dirigida a Abel Flório
Director do Museu de Lamego
1958
[F.D. CSPB]

TVV. 8537
F.V. 00614

S.  R.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS


Nota de notificação

Proc.º n.º do concelho de Lamego Pedido n.º

Ficantificado o snr. Francisco Luis da Silva, para conjuntamente com Maria das Dores Penas Tomé, Maria Sebastiana Penas, Joaquim de Sousa, Manuel de Sousa Penas, Jónatas de Sousa Penas, Manuel Luis da Silva, no prazo de 30 dias a contar da data da notificação e sob pena de procedimento coercivo, quando o não façam, solicitar guias na Secção de Finanças do concelho de Lamego, para efetuar o pagamento da Tezouraria daquele concelho da quantia de **13 948\$00**, importancia que o Estado dispendeu na reparação da Capela de S. Pedro de Balacemão que lhes pertence.

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Direcção de Finanças do Porto, 4 de Novembro de 1960

O INFORMADOR-FISCAL


> 11.
Correspondência
Ministério das Finanças
Notificação a Francisco José da Silva
1960
[F.D. CSPB]

INV. 2587 / Fund. Doc. 14



MINISTÉRIO DA CULTURA

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

MUSEU DE LAMEGO
ENTRADA
-7 FEV. 1965

Exm^o Senhor
Director do Museu
de Lamego
Largo de Camões
5100 LAMEGO

Sua referência Sua comunicação de Nossa referência Palácio Nacional de Ajuda
80/11(71) 1300 LISBOA

ASSUNTO: Restauro do tecto da Igreja de S. Pedro de Balsemão. (Lamego)

- 6 FEV. 85-002220

Em referência ao assunto em epígrafe, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que no Plano de Actividades para 1985 (O.E.), já superiormente aprovado, se encontra inscrita a verba de Esc:1.150.000\$00 para serem efectuados os trabalhos de apeamento, consolidação das estruturas de apoio e recolocação do tecto.

Com os melhores cumprimentos

Pe'l O VICE-PRESIDENTE,
M. de Almeida

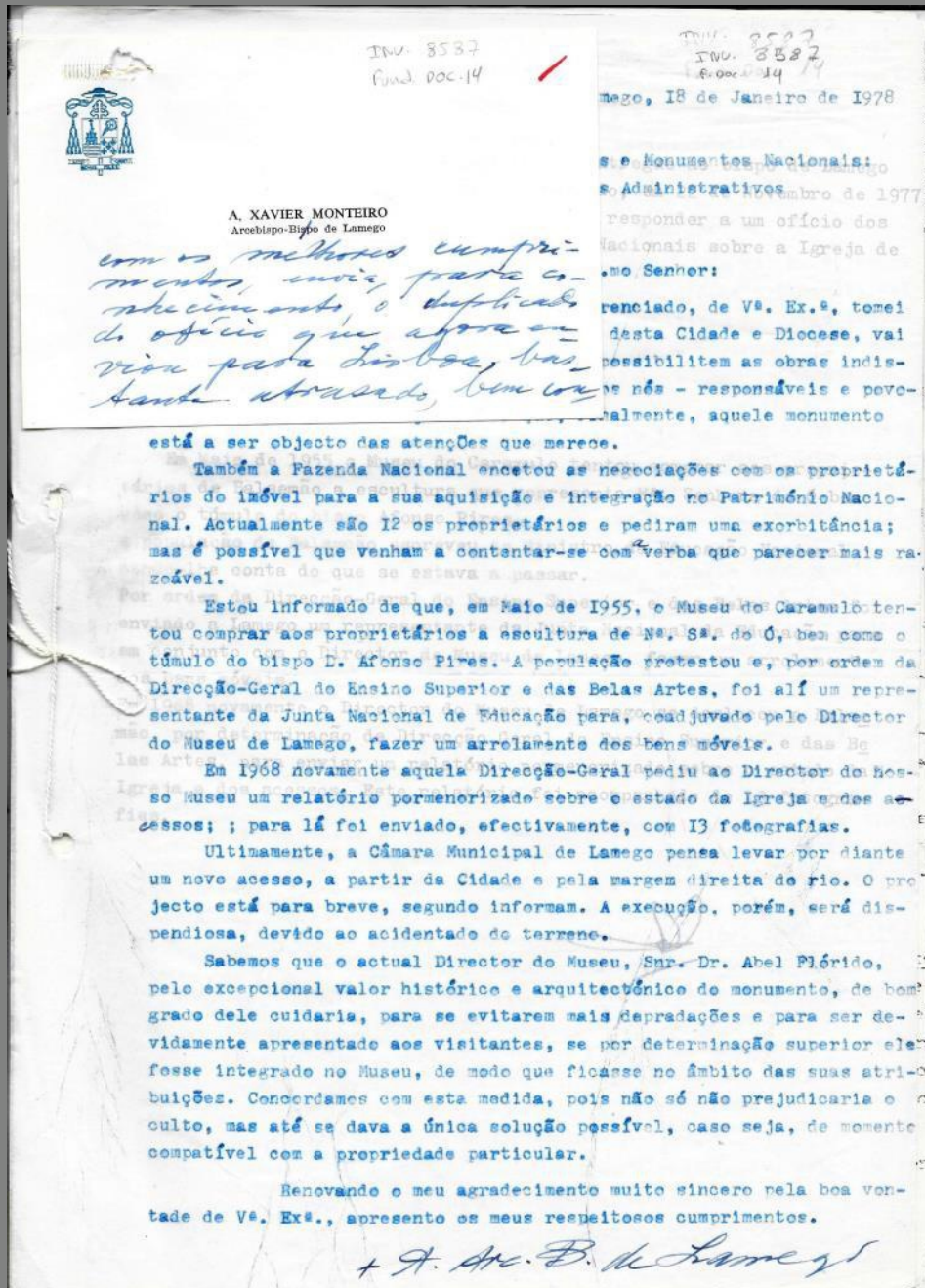
(Justino Mendes de Almeida)

Na resposta, indicar as referências deste documento.

JVM/MG

Mod. I. P. P. C. 1

> 12.
Correspondência
Instituto Português do Património Cultural
Dirigida ao Director do Museu de Lamego
Restauro do tecto da Capela de São Pedro de Balsemão
1971
[F.D. CSPB]



> 13.


Correspondência do Arcebispo A. Xavier Monteiro dirigida ao Director-Geral dos Monumentos Nacionais

1978

[F.D. CSPB]

1122

8-6-10 JNU-8587

S.  R. 7.7.78

DE ESTADO DA CULTURA
 Ed. N.º 1649 P.º S.3
 8.15.38
 A D.º P.º / CRISPEN / DGA
 COM PEDIDO DE INFORMAÇÃO
 11.4.78

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LAMEGO *Meis*

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
 SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

DIRECCÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

ENTRADA N.º 6102 - 6 JUN 1978
 PROCESSO JNT/30-4(14) 8/6/78

Sua referência: _____ Sua comunicação de: _____ Nossa referência: _____ DATA 29/4/78 *D.º P.º*

ASSUNTO: MEMORIAL

Tal como tivemos a felicidade de expor a Sua Excelência, LAMEGO orgulha-se de ser o verdadeiro Museu Arquitectónico de Portugal. Cerca de duas dezenas de palácios do séc. XVIII, 4 Mosteiros, a celeberrima Igreja de Almacave, palco das Primeiras Côrtes, a zona do Castelo, com a sua torre, hoje cheia de vida com a permanência ex e sede assídua dos escuteiros, a exemplar cisterna em excelente estado de conservação simplesmente a requerer um acesso mais franco, aliás fácil e toda a sua zona envolvente com uma recuperação já em curso, bem como a Igreja do Desterro riquíssima pela sua maravilhosa talha, A Sé Catedral, exemplar compêndio de arquitectura - desde a torre românica, fachadas góticas, claustros da época renascença e zona central mais recente com os magestosos tectos pintados por Nazoni, etc., a Igreja de Santa Cruz, O MUSEU O melhor ordenado do País com as preciosas tapeçarias flamengas e demais recheio valiosíssimo, a magestosa escadaria e Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, justificação religiosa da autêntica, mais popular e mais concorrida Romaria, por isso muito acatada e acertadamente denominada A ROMARIA DE PORTUGAL, em suma uma riqueza incalculável que diz bem da importância que esta cidade disfrutou no passado e quanto foi amañhada e desprezada nos tempos mais recentes, têm também problemas que reputamos de máxima gravidade. Resumidamente e tendo em conta que nem tudo se pode fazer hoje e face às naturais limitações, ousamos, principalmente, expôr o seguinte:

IGREJA DE BALSEMÃO

Situado a dois quilómetros da cidade, motivo forte de estudo de especialistas e investigadores estrangeiros de todo o mundo, este monumento, a primeira igreja da península exige um tratamento imediato e urgente até porque vai estar na base dum congresso internacional de Arte e Investigação científica, a decorrer no corrente ano.

Dois etapas se podem desde já anotar.

A SUA AQUISIÇÃO, a 7 herdeiros de muito modestos recursos, inclusive uma orfã, a sua conservação pouco dispendiosa e a sua protecção aliás fácil pela própria população que tem o máximo orgulho na sua capela.

O SEU ACESSO - Há já um projecto, faltando dar-lhe execução que é extremamente urgente pelo motivo referido, pois seria profundamente desagradável e negativo caso os congressistas resolvendo visitar o ponto alto do seu estudo, tivessem de percorrer penosamente tal percurso a pé.

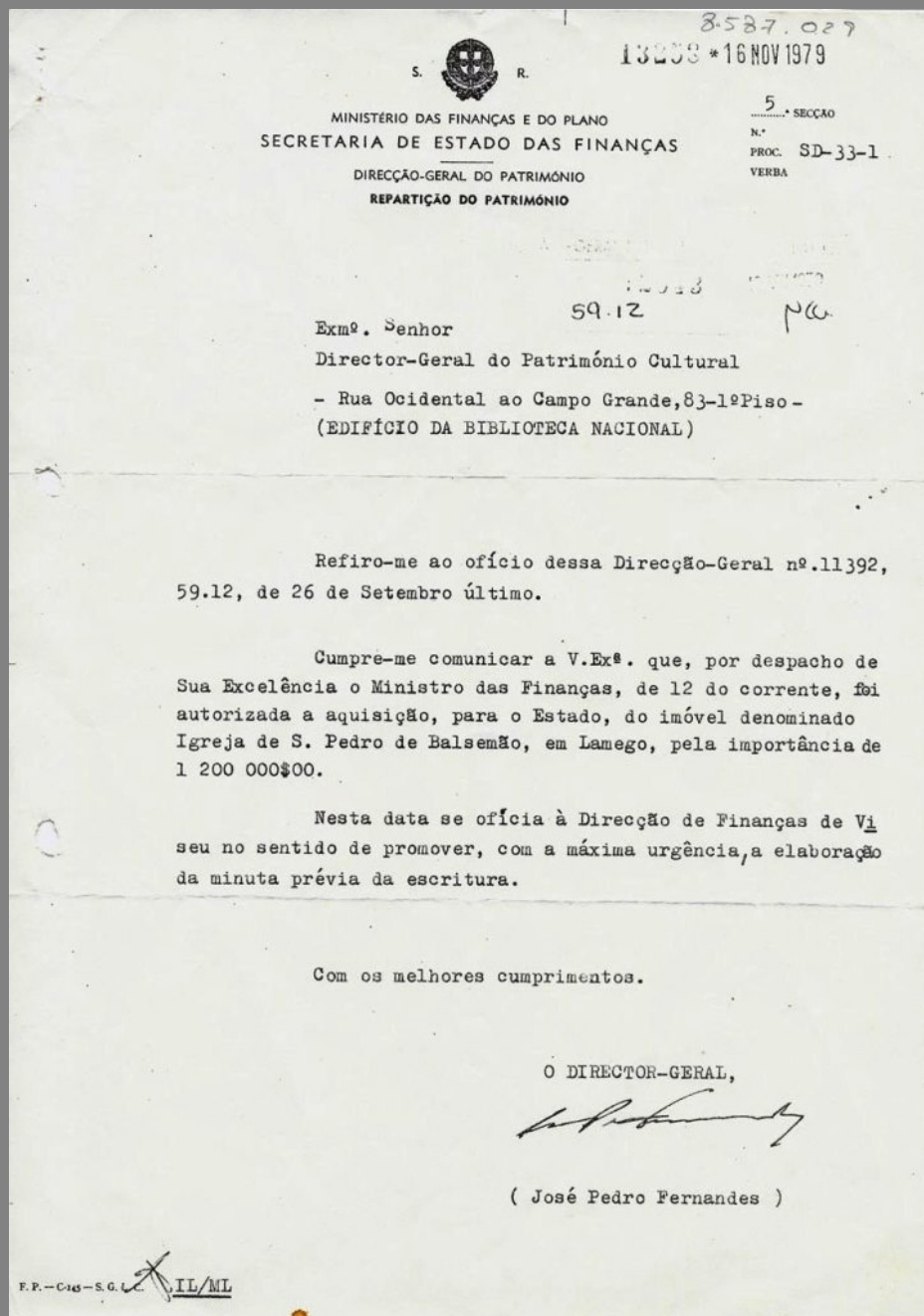
> 14.

Memorial

Correspondência da Câmara Municipal de Lamego dirigida ao Secretário de Estado da Cultura

1978

[F.D. CSPB]



> 15.

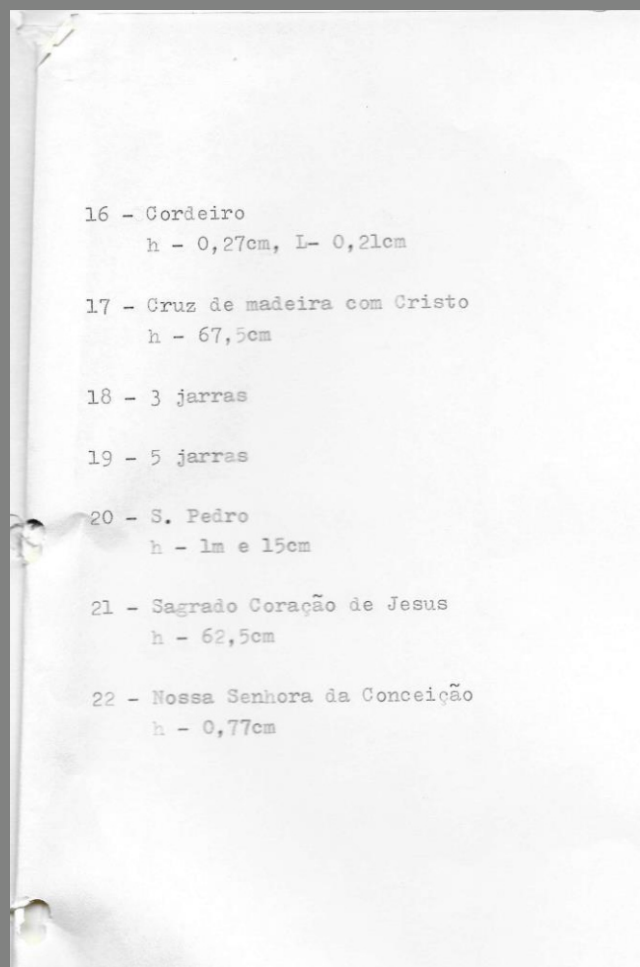
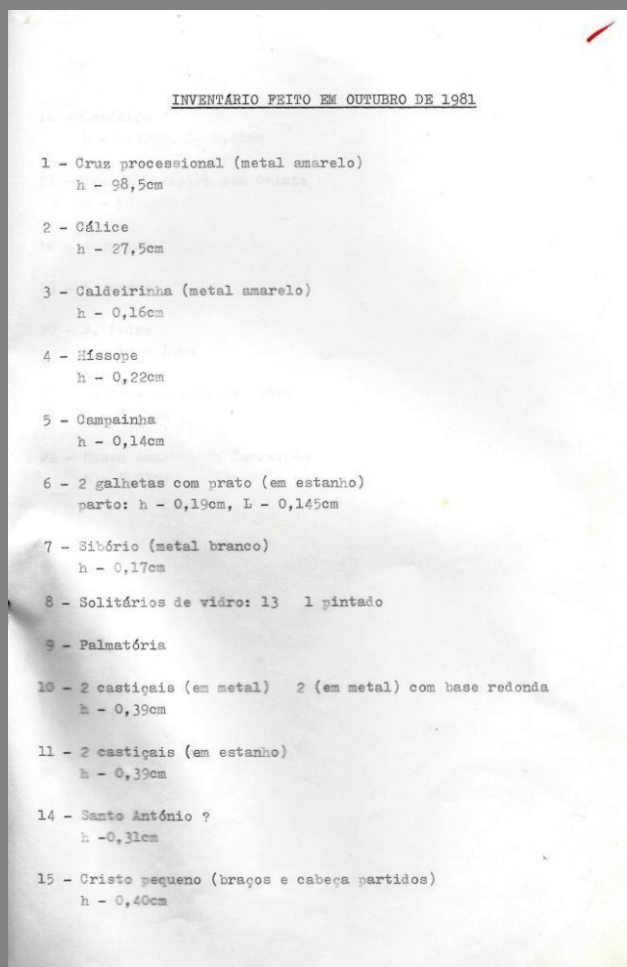
Correspondência recebida

Ministério das Finanças e do Plano

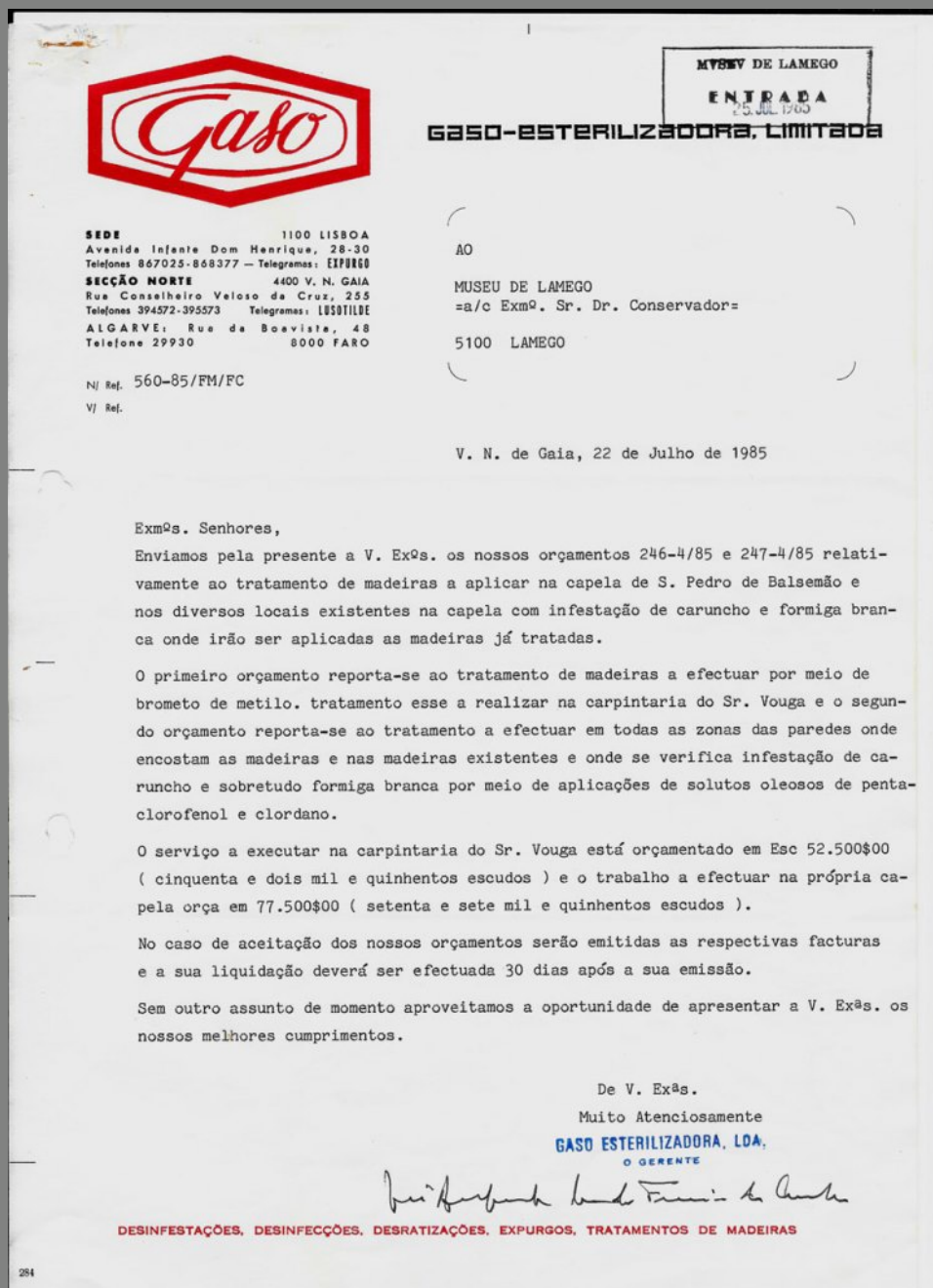
Autorização da aquisição da Capela de São Pedro de Balsemão para o Estado

1979

[F.D. CSPB]



> 16.
Inventário dos bens móveis
Capela de São Pedro de Balsemão
1981
[F.D. CSPB]



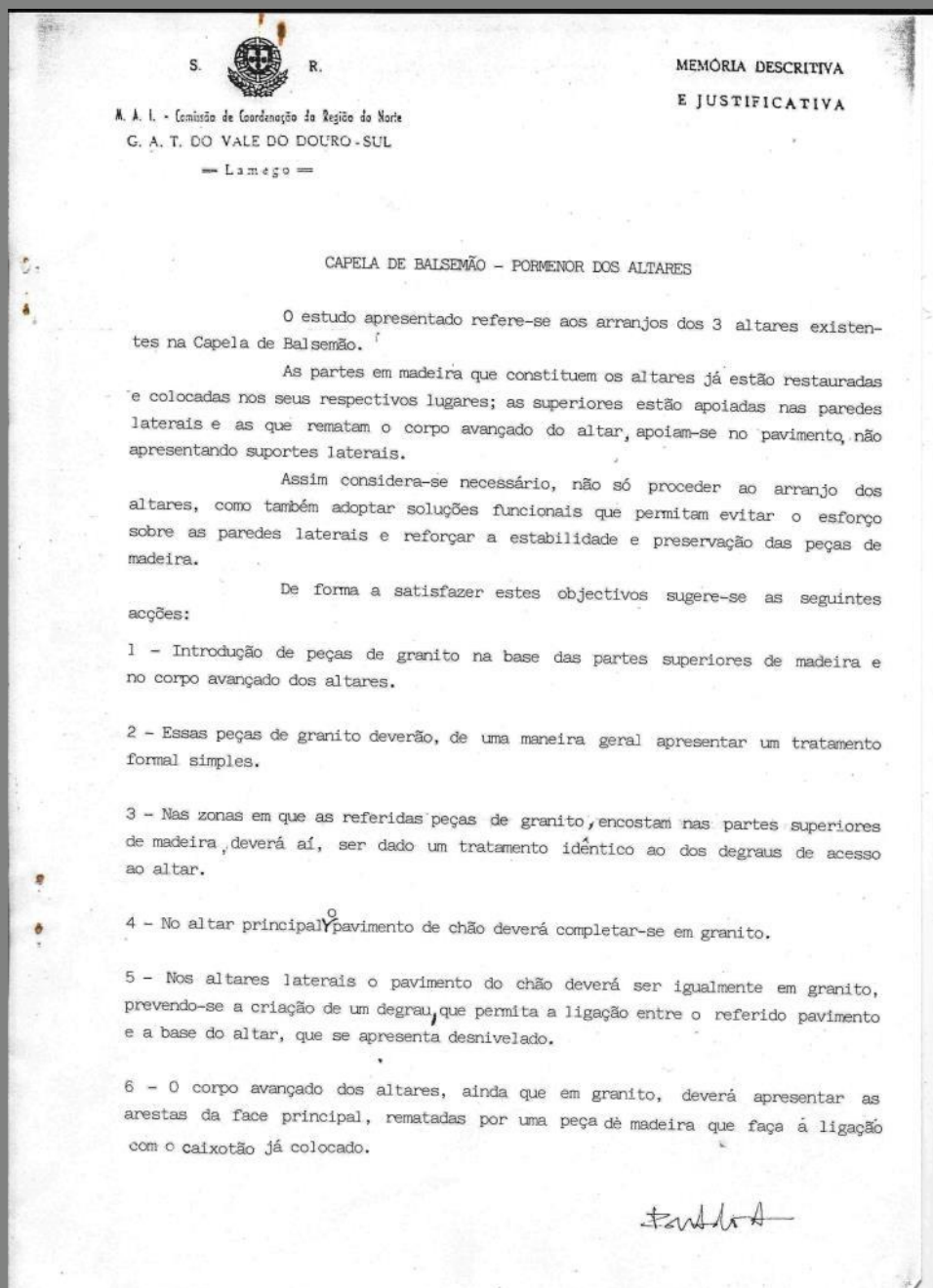
> 17.

Orçamento e projecto da empresa Gaso - Esterilizadora Lda. para a desinfestação da capela de São Pedro de Balsemão, enviado ao Director da Instituição em 1985.

[F.D. CSPB]



> 18.
Dossier do Gabinete de Apoio Técnico
do Ministério do Plano e da Administração do território
Documentação - Capela de São Pedro de Balsemão
1989
[F.D. CSPB]



> 19.

Dossier do Gabinete de Apoio Técnico do Ministério do Plano e da Administração do Território
Memória Descritiva - Capela de Balsemão

Pormenor dos altares

1989

[F.D. CSPB]

MANUEL LEITÃO TEIXEIRA

Documentos manuscritos e dactilografados de Manuel Leitão Teixeira relativos à história, etnografia e arte da cidade e da região, dirigidos a Abel Florido, então director do Museu de Lamego.

F.D. MLT (Fundo Documental Manuel Leitão Teixeira)

MANUEL LEITÃO TEIXEIRA
 VITI - VINICULTOR
 CASA DA OLIVEIRA
 TELHEIRO 14 - OURENSE
 FONELE DE CASAS - DOURADO
 16-VIII-972

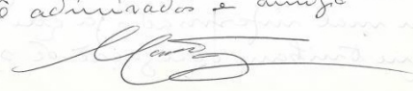
Meu Bom e Muito particular
 amigo
 Ex^{mo} Senhor
 Dr. Abel M. Florido
 Dist. e Digno Conservador-Direc-
 tor do
 Museu Regional
Lamego

Venho mais uma vez, agora por
 este meio, agradecer-lhe a gentileza
 e prestável, superior gentileza do
 seu amável convite em dar-me o for-
 tunidade de visitar o já hoje, seu
 Museu.

Já há vão anos e, após o desajure
 cimento de outros sinceros amigos, o
 João Pinaral e me ter encorajado
 nesta obra do Douro, e a primeira
 vez que me é dado visitar esse tão
 do meu agrado Museu, obra de puro
 emobismo que ele fez surgir do seu
 esforço, dedicacão e saber, na sua e
 nossa querida terra natal, a mercê
 do acaso, aos trópicos de pole nos ul-
 timos anos, esplendoroso recebido, es-
 crinio sagrado, guarda-joias de re-

propositadamente ignoram.
 Vanidade e jenco sem sa-
 Com a minha Família
 ambulante sae também
 uma Versalçada... Pois
 antão!.. baja quem faça a
 musica... letra já sai...
 Tudo no fim... Desabafos
 de quem nada tem que fa-
 zer e para nada justa.

Um grande e forte abraço
 do velho muito amigo
 com os melhores votos muito
 sinceros de P.F. com os seus
 caros e um novo ano me-
 lhor do que vai acabar.
 O admirado e amigo



> 1.
 “Meu bom e muito particular amigo”
 Documento manuscrito de 2 folhas
 Autor M. Leitão
 1972
 [F.D. MLT]

O ESCADÓRIO E O PARQUE DOS REMÉDIOS

COM ALGUNS FACTOS QUE COM ELLES SE REALACIONAM

Por M. Leitão

Património municipal passou ao domínio da Irmandade de S^{ra}. dos REMÉDIOS por Decreto-Lei obtido a pedido das entidades competentes e interessadas que então presidiam aos seus destinos nos primeiros anos e logo após a implantação do regime republicano em 1910 tendo no entanto a edilidade reservado a favor dos munícipes o uso ou usufruição em plena propriedade do ramal de estrada que liga á hoje N^o. 2 Nacional e dá acesso ao Templo.

Por volta de 1860, mais ou menos ano, presidia á Câmara de Lamego o notavel lamecense Doutor em Direito JOSE AUGUSTO DE GUEDES TEIXEIRA - 1^a. e unico VISCONDE DE GUEDES TEIXEIRA, pai do conhecido e saudoso Dr. Fausto Guedes Teixeira, distinto poeta lírico falecido em 13 de Julho de 1940 com perto de 72 anos. Exerceu aquelle as funções ou cargos de Deputado da Nação-1875/76- Juiz daquelle Irmandade-1873/79- Governador Civil de Vizeu-81/82- e do Porto 83/85.

Foi o grande prestante e pretigioso impulsionador da urbanização da cidade terra que lhe foi berço. As suas cinzas descausam em Sta. Cruz em jazigo da família tendo ali dada entrada em 2 de Fevereiro de 1899 vindos os seus restos mortais de Paris onde se finou pouco antes com apenas 50 anos.

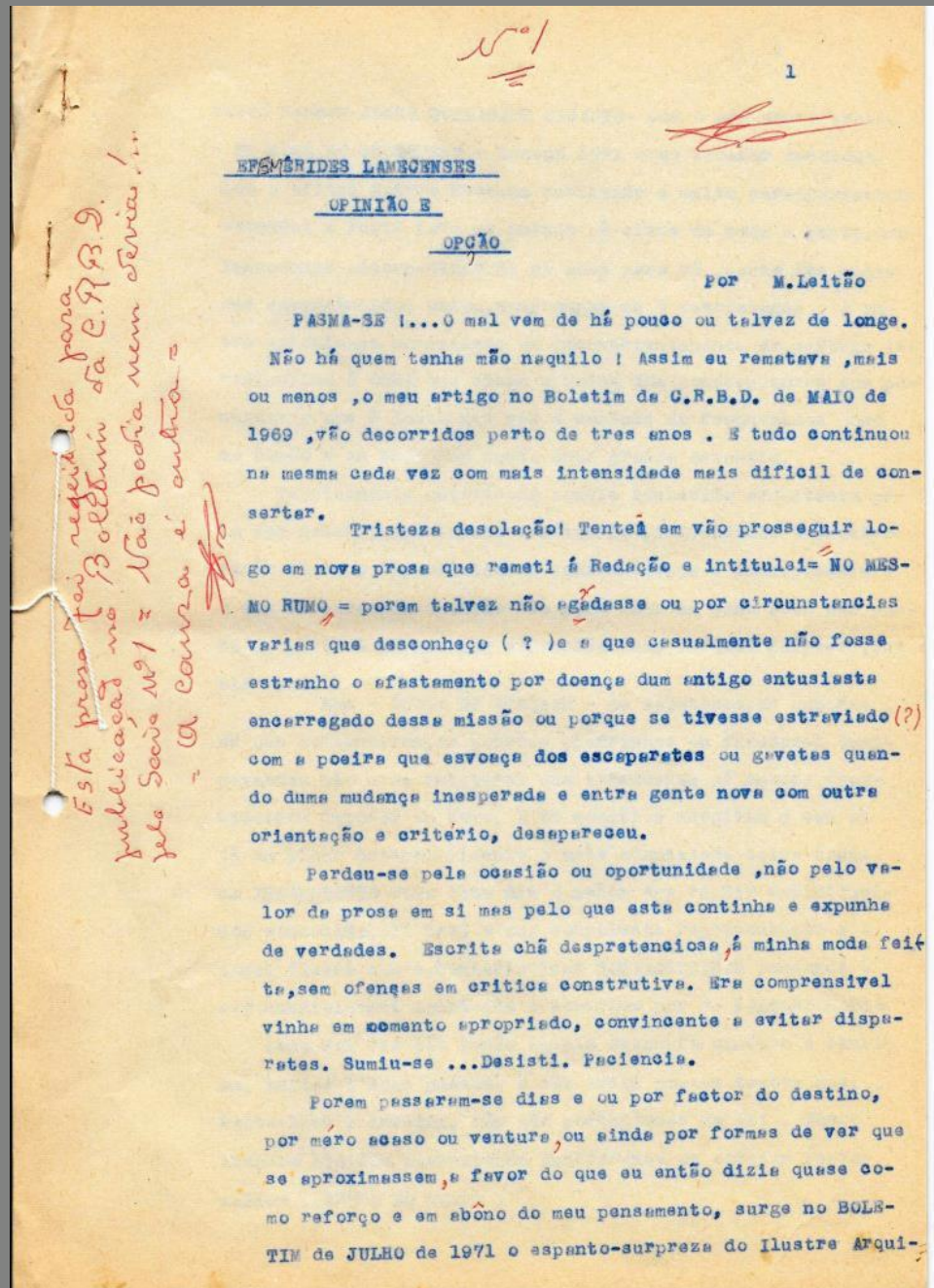
Um dos seus sonhos dourados e prediletos era o proseguimento e conclusão daquelle escadório tal como o previa o projecto originario elaborado em Lisboa, não se sabe por quem, e ele ciosamente guardava consigo no seu Palacete á Praça do Comercio que com tanta fatalidade foi devorado no incendio que reduziu a escombros aquelle edificio na madrugada do tragico e funesto dia 20 de Março de 1877.

~~Vive~~ e ^{Trag} anos após morria esse nobre lamecense conterraneo inconsciente*, longe da sua querida Patria e de sua sau-

*Fora como saiu já que made
publicado em em!*

(x louco)

> 2.
"O Escadório e o Parque dos Remédios"
Documento dactilografado de 7 folhas
Autor M. Leitão
1972
[F.D. MLT]



> 3.

"Efemérides Lamecenses

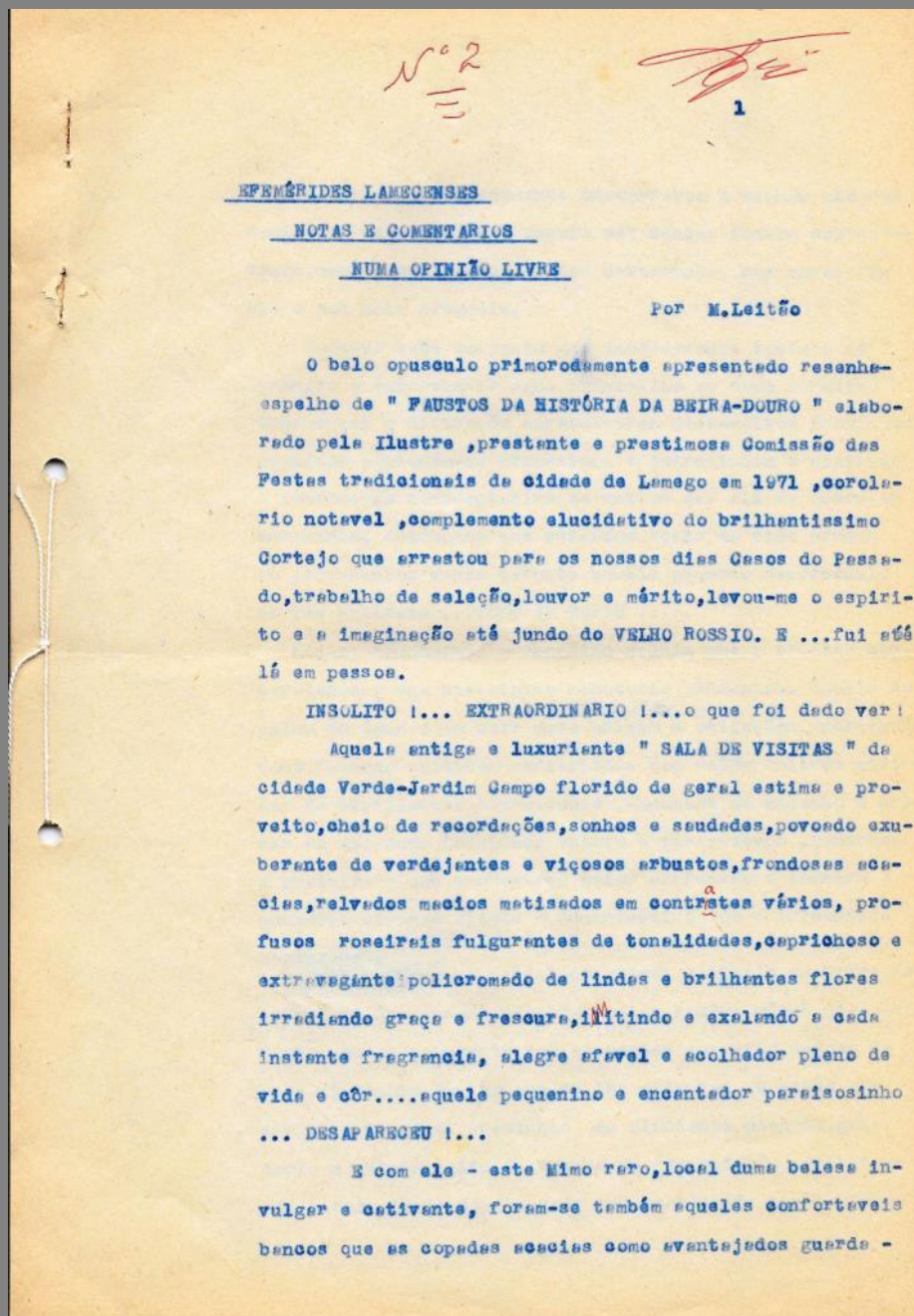
Opinião e Opção" – nº 1

Documento dactilografado de 15 folhas

Autor M. Leitão

1971

[F.D. MLT]



> 4.
 “Efemérides Lamecenses
 Notas e Comentários
 Numa Opinião Livre” – nº 2
 Documento dactilografado de 15 folhas
 Autor M. Leitão
 1971
 [F.D. MLT]

APONTAMENTO CURIOSO PARA OS NUMISMÁTICOS

Após a proclamação do rei D. LUIZ I foram mandadas recolher todas as moedas de cobre até então em circulação inclusive os PATACOS - 40 reis .

Existiam destas moedas do tempo da regencia de D. João VI. nomeadamente com as datas de 1811 e 1815 . Nos tres anos entrecalados não houve cunhagem.

Apareceram depois os cunhos de 1819 até 1825.

Em 1826 / 27 apareceram patacos de D. Pedro IV .

1828 e 1833 patacos com a effigie de D. Miguel.

De 1833 e 1834 os de D. Maria II . Os desta soberana cunhados no PORTO são os de 1833.

{ = ESTA REFERENCIA ESTÁ POUCO CLARA POIS INDICA SÓ AS INICIAIS D.M. PELO QUE NÃO SEI SE SE REFEREM A D.MIGUEL = }

E acrescenta = Cunhados no PORTO durante o CÊRCO e que chamavam PATACOS DOS LOYOS com as armas doutro formato.

Quando em 1819 cunharem os de D. João VI alcunharam-nos em Lisboa costumando dizerem : troque esse MALUCO .

Isto tornou-se tão vulgar e corrente que deu origem e serem presas varias pessoas por se presumir que tal EPÍTETO envolvia SUA Magestade !...

E o CRONISTA acrescenta ...NO QUE SE NÃO ENGANAVAM.

A JUNTA DO PORTO tambem mandou cunhar PATACOS em 1847=
~~XXXXXXXXXXXX~~ em numero de 219.429 moedas. Tinham as iniciais G.C.P. = Governo Civil do Porto.

Foram prohibidos de circular pela Rainha mas depois que foram CARIMBADOS continuaram em giro.

> 5.

“Apontamentos curiosos para os Numismáticos”

Documento dactilografado de 1 folha

Autor M. Leitão

s/d

[F.D. MLT]

8585.74

MANUEL LEITÃO TEIXEIRA
 WITI - VINICULTOR
 CASAL DA GRANJA
 TELEFONE 14 - QUINTÃO
 PRÉDIO DE CARTÕES - JOJUBÁ

NATAL DE 1972

NÃO DUMA APRONTA

LUZIRNO ESTREPO-FACHO, SUBLINHAÇÃO DEVIDA
 CHAMA CREPITANTE, BRASA ARDENTE EM LABARSDA
 ALI QUESDAVA P' RALEM DE MAIS DE SÉCULO
 EMPRESTANDO SEU ILUSTRE NOME A ALAMEDA .

ABRAÇADO DESSE ENTÃO AO VELHO COMPANHEIRO
 VISTUSTA ANCORE TRES VEZES MAIS EM ANOS
 INTANGIVEL, INTOCÁVEL, BRAGAÇOS SSGUIDAS
 FOI NÃO HA' MUITO ULTRAJADO POR ARCANOS !

BRILHAVA NOITE E DIA A ASSINALAR
 AS MULTIDÕES, AS GENTES AS JUVENTUDES
 QUÃO INGENTE E BELLO E TER BOM COMPAÑO
 DAR SEUS BENS ACS PORRES... ELINO DE VIRTUDES !

JAMAIS LAMEGO POSSUIU TÃO NOBRE FEITO
 GENÉROSA, ALZEVISTA MAIS QUE MAGNANIMO
 TAL QUAL OUTROS DA SUA GERAÇÃO
 ALMAS ELEITAS, SANGUE PURO LUZITANO!

POI ASSIM QUE A CIDADE DOUPTAS BRAS
 QUIZ PRESEPTUAR, EMBORA PORREHENTE,
 DO NOME DUM SEU FILHO, QUERIDO DE VALOR
 APONTANDO-O AO PORVIR A POSTERIDADE ESTERNAMENTE

JAMALI SE FIXAVAM AS ALMAS E JUSTIÇA
 DE QUEM O CONHECEU E COM ELE TRABALHOU
 DA VELHA URBE DOS VELHOS, DOS CAIDOS
 DAQUELES GALOR ANTIGO, IDEAL QUE SE EVOLUO !

O

PODEM UMA NOITE MÁ SINISTRA, DE NEGRUDES
 DE CONTOLO COM O DEMO É, OUTROS SEMELHANTES
 ABUTRES, CHACALS E IENAS ASSASSINAS
 NAQUELE ANVORDEDO SE ESCONDEBRAM WASTEJANTES.

E EM COLOQUIO DELIBERARAM APAGAR AQUELA LUZ
 E NUM ASSALTO ARGUTO, BRUVE E REPENTEINO
 ARRANGARAM AQUELA CHAMA P' RA ELLES REVOLTANTE
 TINHAM GUARDA-GOSTAS - UM LOUÇO DE CRISTINO.

E DEPOIS COMO EM LAUTO E VORAZ BANQUETE
 DESATARAM A DESTADA NA MENCRIA
 MAS ERA DE BARBONE DURA COMO AÇO
 E LA SE FOI POR AGUA ANAIXO A SUPÓRIA.

POUCO TEMPO DUROU AQUELA COMESAINA
 QUE SE NÃO QUIZESSEM UNS URGOS ESTREBENTES
 RESOANDO PORRES DAQUELA PATOSGADA
 TINHAM TODOS, SEM EXCEPCÃO, PARTIDO OS DENTES !...

NATAL DE 1972

NÃO DUMA APRONTA

DESCONFIADOS, ESTRANHOS FUGITIM ESPAVORIDOS
 MAS LA DEIXARAM BEM FIRMADAS AS PATADAS
 PARA QUE SE SOUBESSE LOGO O SEU AUTOR.

0000

0000

HA' TANTO TEMPO POR TODOS VENERADA .

E DE TAL FORMA DE PASMO SE FICOU
 QUE AS LAGRIMAS LHE VIERAM E ESTREMOROU
 SENDO ANOSTIADO A EM APATIA QUE NOTOU
 PERGOU NELA AO GOLU E LEVOU-A P' RO MUZBU.

O

NÃO SEI SE ASSIM FOI O QUE SE DEU
 OU ANTES O REMORSO PEREISSE O EXECUTANTE
 O CAÇADOR FURATIVO QUE NÃO LARGA O PEGADOR
 EM QUALQUER PARTE EM BUSCA DO TRAFANTE

E TALVEZ FOSSE ESTE QUE AS SSGONRIDAS
 SEM DIZER A FAZÃO OU O MOTIVO
 PARA LA LEVOU AQUELE FACHO
 FICANDO-LHE AQUELES COMO CASTIGO.

QUINTÃO - NATAL DE 1972

O RESTO FICA PARA O ANO

E SE FOSSE RECITADO NOS TEMPLOS DA CIDADE
 COMO HOMILIA A HISSA DO GALO... DA NATIVIDADE ?!

> 6.
 "Natal de 1972"
 Documento dactilografado de 2 págs.
 Autor M. Leitão
 1972
 [F.D. MLT]

Origem e 8585.04

ANTECEDENTES DOS ACTUAIS PAÇOS DO CONCELHO
= DE L A M E G O *

e outras coisas já sabidas

Em 1834 a Câmara municipal era na cidade velha no terri-
tório denominado do Centinho no andar superior tendo entrada por
um portal que se situa á esquerda da Porta do Norte da anti-
ga cidade. *Sela* ampla com saídas para o exterior. Ali se
reunia a edilidade até 16 de Maio de 1835. Ai se procedeu á
solemnação de D. Pedro IV como regente em 12 de Abril de 1834.

Consta de um livro de actas que teve principio nesta data
e findou em 11 de Nova. de 1835. Tambem existia no arquivo
da Câmara um livro de actas que teve principio em 1828 e ter-
minava a 9 de Junho de 1832. Não appareceu o immediato por ter
desaparecido talvez por conter assuntos contra os liberais,
porque tanto os camaráes como os funcionarios eram uns pre-
versos e fugiram a quando a solemnação. A esta solemnação compa-
receram mais de 150 pessoas. A Câmara entera era composta
por tres membros = um escrivão e um procurador da cidade além
do presidente que era o Juiz de Fora e tinha poder como a pri-
meira autoridade judicial.

Mandava prender por qualquer motivo que lhe desagradasse ou
por denuncia e soltava quando lhe apetezia tendo-os retidos
anos seguidos; se o preso não tivesse quem o protegesse ou
PINGARSE. Tinha sob suas ordens seis officiaes a quem chama-
vam AGARRANTES. Quando algum fidalgo se lhe queixava que lhe
haviam feito qualquer offensa o desgraçado só saia quando o
pretensio ofendido o quizesse.

Quando posto em liberdade ia sempre acompanhado por um
AGARRANTE. Se algum assistisse á passagem deste e não o
cortejasse tirando humildemente o chapau era immediatamente
preso.

Alem disto havia um Corregedor o Alcaide com seis
beleguins de casaca verde e espada com copos do formato de
tigela. Faziam estes as citações e prendiam tambem. Por tre-
zarem como distintivo sobre a casaca *luzido* ~~o~~ *escuro* trazeiro uma es-
pecie de ROSCA de pau ou osso chamavam-lhes PARTASANAS.

> 7.

"Antecedentes dos Paços do Concelho
-De Lamego-

Documento dactilografado de 6 folhas.

Autor M. Leitão

s/d

[F.D. MLT]

LAMPREIAS PARA SUAS MageSTADES

GENTILEZA VINDA DE SECULOS OU DE ANOS e HABITO PRATICADO PELO ARCEBISPADO DE BRAGA=

Presidia á diocese Batolomeu dos Martires sendo costume enviar a Suas Magestades as primeiras lampreias que apparecessem nos rios do norte, por serem de grande estima na Corte.

O portador que as leveva a Lisboa ganhava uma boa maquia.

Fizersm ciente o Prelado deste antigo habito o qual fazendo que aceitava e agracia a lembrança solicitou o informassem o que custava tudo isso.

Chamou o seu esmoler e deu-lhe ordem para repartir pelos seus protegidos o montante do gasto que se faria com a aquisição dos ciclóstomos que não deveriam ser poucos atendendo ao numero e capacidade das barrigas palacianas, edicionada a quella importancia do custo da deslocação á capital e honorarios ao portador. E aos informadores disse:

Sua Magestade tem rendas para satisfazer o appetite comprehendidas e certamente virtude para não dar importancia as que lhe iriam de Braga á custa da pobreza. E tudo se calou e não houve reclamação de Lisboa á communicação que fez o prelado.

JORNALS QUE LAMEGO POSSUIU DESDE 1834

A AGUIA		
EGOS DA BEIRA-DOURO		
JORNAL DE LAMEGO	- 1ª.-	1866
O POPULAR	1880	
CORREIO DE LAMEGO	1880	1880
BEIRA-DOURO	1880	
AZURRAGUE	1881	
AURORA	1881	
AFONSO HENRIQUES	1880	
JORNAL DO POVO (infame jornal)	1881	
PROGRESSISTA	1886	
JORNAL DE LAMEGO	1882	- 2ª. -
O PROGRESSO	1882	
FOLHA DO NORTE	1889	despareceu breve
CRONICA INFANTIL	1880	
O PIOLHO	1891	
GAZETA DO NORTE	1893	
SEMANA		

> 8.

"Lampreias para Suas Majestades"

Documento dactilografado de 6 folhas.

Autor M. Leitão

s/d

[F.D. MLT]

PARA A HISTÓRIA DE LAMEGOFORMENOR

MIGUELISMO - As Casas fidalgas de Lamego eram quase na totalidade partidarias deste regime .

0
000 2 de Janeiro de 1834

Horrivel cena e barbarismo no maior grau.

Os presos politicos que se achavam na Cadeia da Relação , hoje Paço Episcopal) á força de dinheiro trataram com o CHAVEIRO - Manuel de S. Vicente, para os deixar fugir quando fosse visitar nas celas ou enxovias.

Não sabe o cronista se isto foi verdade e por esta razão duvida porque o CARCEREIRO - João dos Santos Perguiça - e o tal CHAVEIRO eram dois autenticos GARRASCOS.

No dia acima referido pelas duas horas da tarde indo o CHAVEIRO revistar uma das celas arrancaram-lhe as chaves e acto seguido abriram as portas lançaram mão das armas de guarda que ra constituída por VINTE praças e puzeram em fuga.

A saída um policia da Relação que se opunha foi abatido a tiro.

Alarmou-se a cidade, tocaram os sinos a rebate e juntaram-se milhares de pessoas em volta da cadeia.

Evadiram-se os presos por diferentes partes mas imediatamente perseguidos e os que foram apanhados foram barbaramente espancados mortos a tiro ou facadas e desta atroz barbaridade foram vitimas conhecidas DESASSETE desgraçados.

Não se soube ao certo quantos se poderam salvar. De tão forte bandalismo dizem 38 !

Não descrevo muitas mais barbaridades por horroroso.

Os cadaveres conservaram-se até ao dia seguinte nos locais onde tombaram e foram abatidos. Rua Nova - Rua do Campo - Campo do Tabelado - Barranco - S. Gens etc, etc. A 8 do dia seguinte pela manhã portanto foram conduzidos aos pares em carros com

> 9.

"Miguelismo"

Documento dactilografado de 6 folhas.

Autor M. Leitão

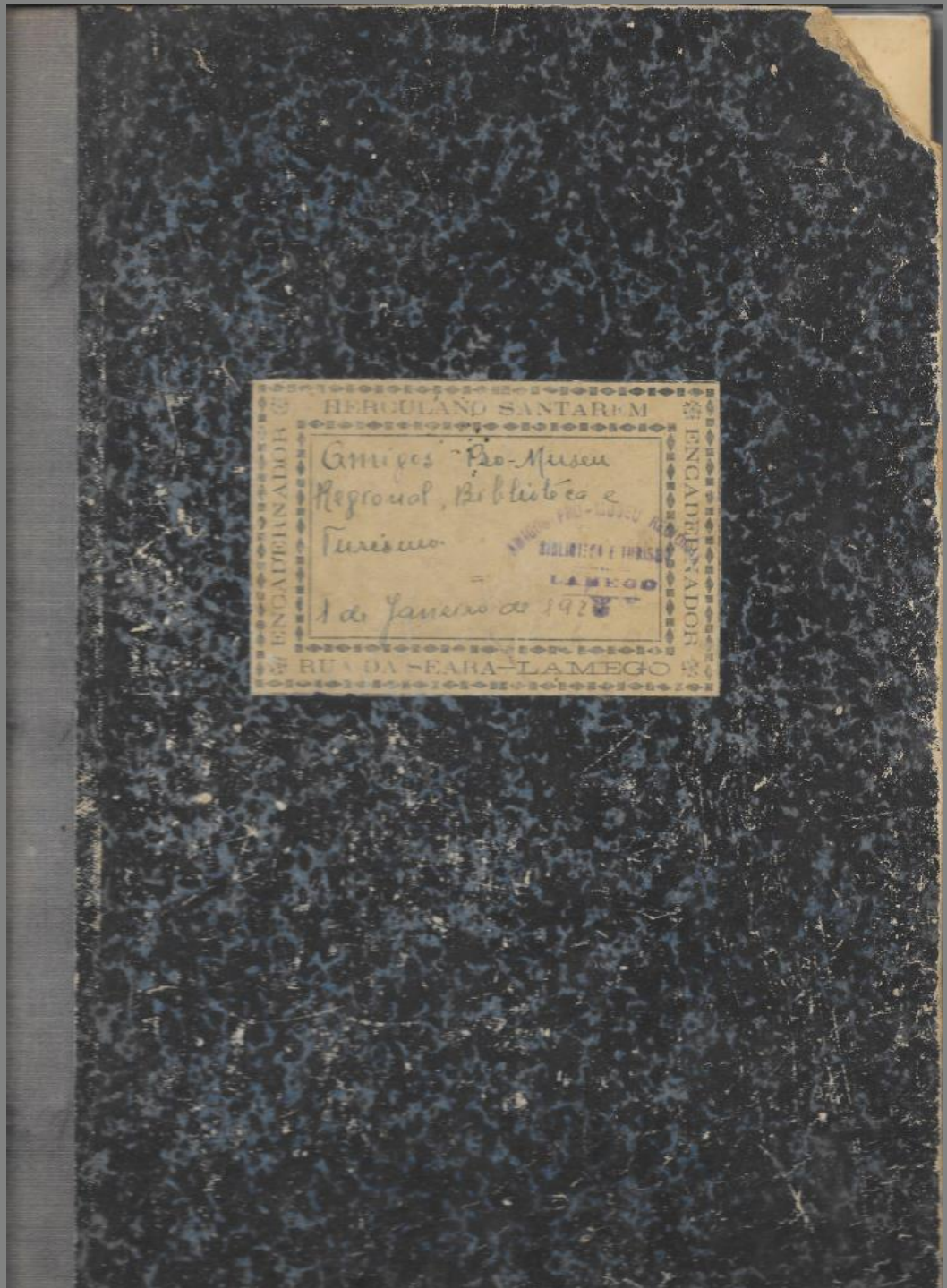
s/d

[F.D. MLT]

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DE LAMEGO

- Livro de Sócios
- Recibos
- Facturas
- Depósitos

F.D. AAML (Fundo Documental Associação dos Amigos do Museu de Lamego)



> 1.
Livro de registo
Amigos Pró-Museu Regional, Biblioteca e Turismo
1924
[F.D. AAML]

FUNDOS DOCUMENTAIS

Antonio Luiz de Azevedo

Cobrança do 1.º semestre de 1937

1	Dr. Albano de Carvalho Sandoeira	15.00
2	Dr. Rufino Cesar Osorio	9.00
3	João José Ferraz Louveira	6.00
4	Capitão Antonio Rebelo de Barros	6.00
5	Manuel Fernandes	6.00
6	Dr. Alberto Augusto Lins	6.00
7	Capitão Antonio Correia Neves	6.00
8	João Paulo Fernandes Vieira	6.00
9	Dr. Paul Machado	6.00
10	Emílio Coronel Francisco Coldeira	6.00
11	Dr. Luiz Rodrigues Cesar Osorio	6.00
12	Dr. Antonio Carlos Guedes	6.00
13	Dr. Luiz Faivre	6.00
14	Dr. Capitão Guedes Gomes	6.00
15	Luiz José Teixeira Napoleão	15.00
16	Dr. Antonio Carlos de Castro e Silva	6.00
17	Emílio Fernando Chaby	6.00
18	Dr. Jaime Correia de Souza	6.00
19	Dr. Alípio Alves dos Santos	15.00
20	Dr. Manoel Nunes Fernandes	15.00
21	Leandro da Fonseca	6.00
22	Coronel Vieira Barbosa (anual)	12.00
23	Dr. Arthur Tomé	6.00
24	Dr. Manoel da Silva Quintela	6.00
25	Dr. Acácio Mendes	15.00
26	Francisco de Melo Silveira	6.00
27	Dr. Amílcar Araújo	6.00
28	Antonio Meneses Mendes	6.00
29	Américo Machado	6.00
30	Cap. João Correia de Paiva Jr.	6.00
31	Antonio Pinheiro Osorio	6.00

Transporte

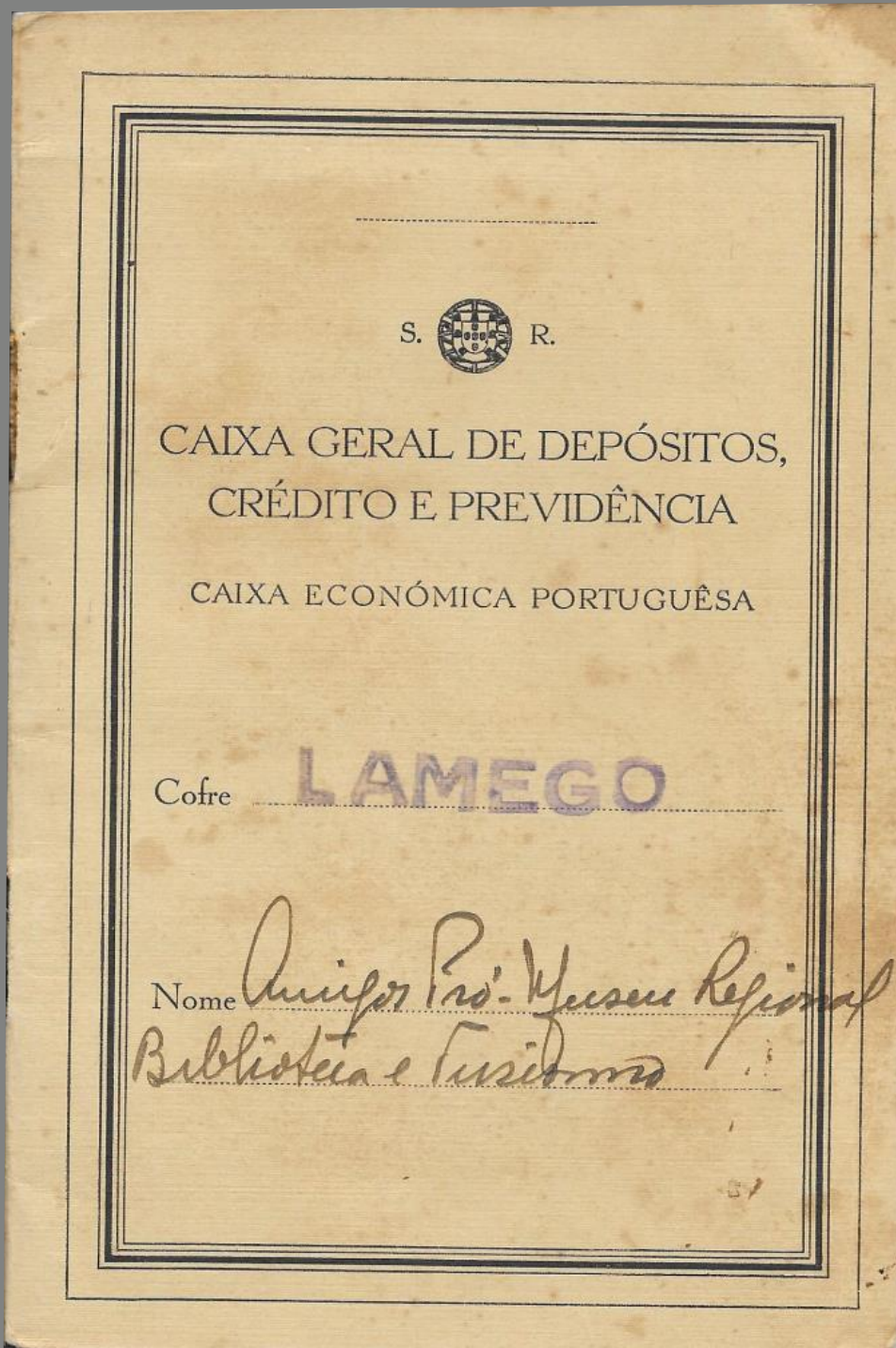
32	Amadeu José do Santos	240.00
33	Dr. Francisco Miranda de Andrade	6.00
34	Dr. Manoel Brito de Vasconcelos	6.00
35	Dr. Antonio Carlos de Freitas e Silva	6.00
36	Alfredo Teixeira de Souza	6.00
37	João da Fonseca Santos Jr.	6.00
38	Luiz Quaresma	12.00
39	Cap. Amaldo Brito da Cunha e Paiva	12.00
40	João Amaral	6.00
41	Cap. Silvestre Antonio Carneiro Duarte	15.00
42	João Castelo Branco	6.00
43	Luiz Augusto Teixeira	6.00
44	Cap. Amaldo Lopes Ramos	6.00
45	Emílio José Leite Ribeiro	6.00
46	D. Maria Moreira da Fonseca	6.00
		351.00
Outros		12.00

> 2.

Lista de Amigos do Museu e respectivas quotas

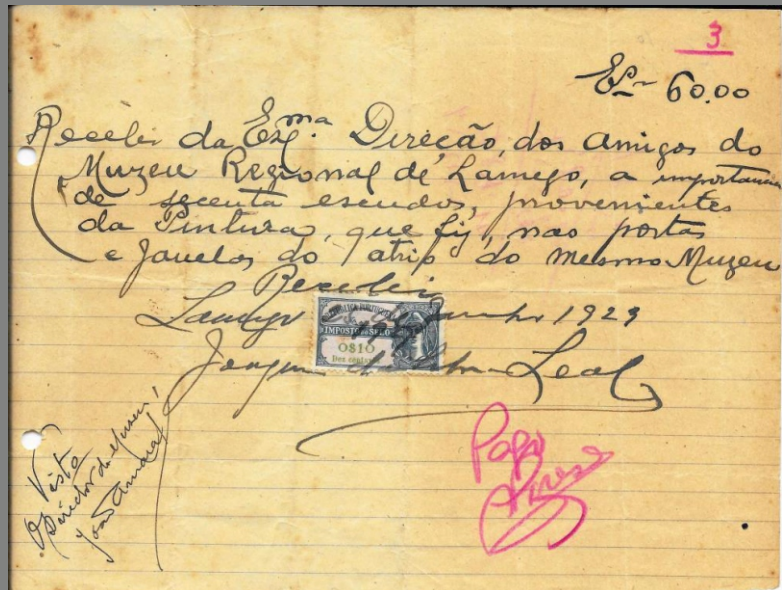
1937

[F.D. AAML]



> 4.
Folha de rosto da Caderneta da Caixa Geral de Depósitos
relativa à conta dos Amigos Pró-Museu Regional Biblioteca e Turismo de Lamego.
[F.D. AAML]

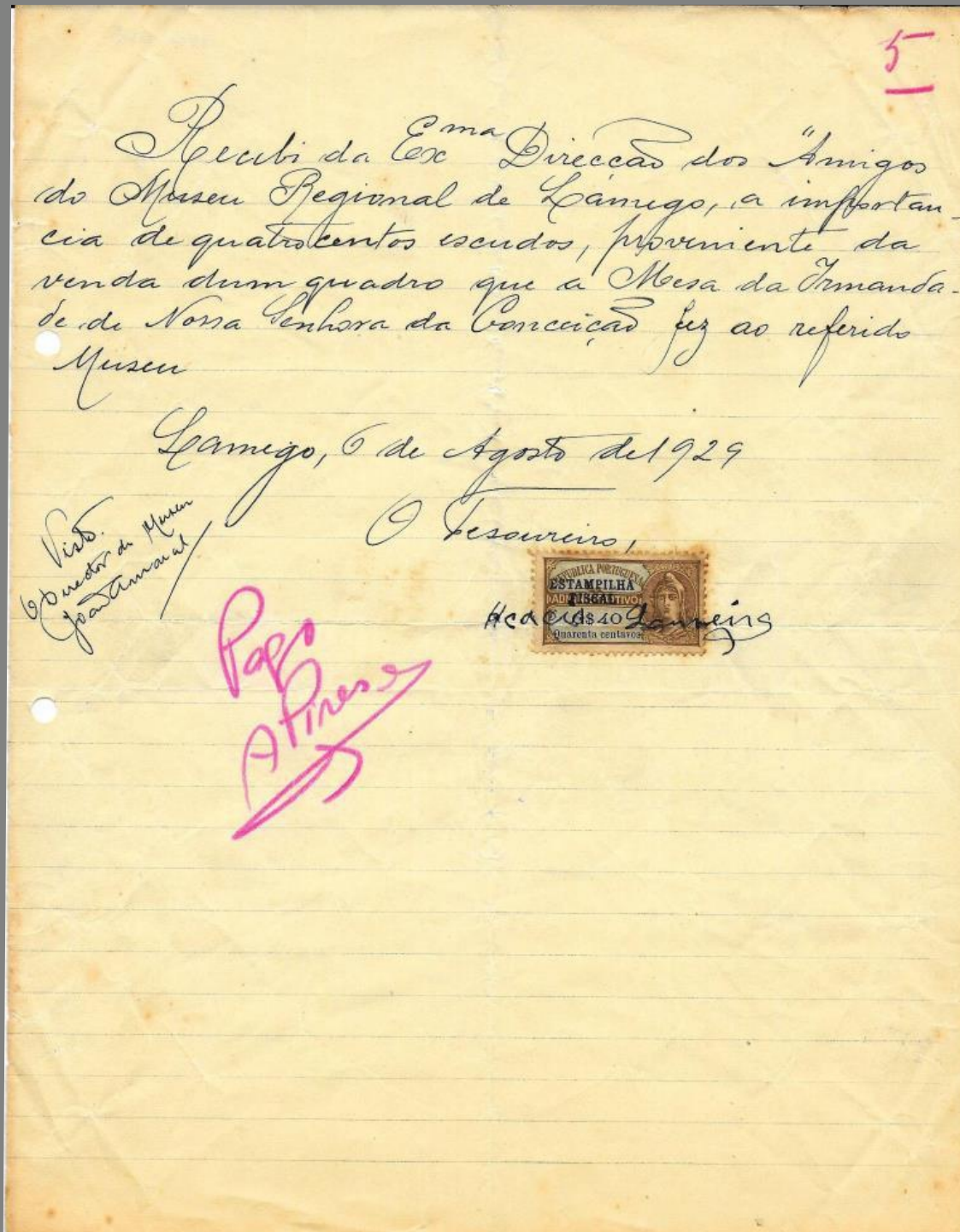
FUNDOS DOCUMENTAIS



> 5.
 Recibo
 Valor: 60\$00
 Pintura de portas e janelas
 1923
 [F.D. AAML]



> 6.
 Factura da casa comercial Brito & Irmão
 Valor: 19\$50
 1928
 [F.D. AAML]



> 7.
Recibo
Valor: 400\$00
Compra de quadro à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição
1929
[F.D. AAML]

33

MERCEARIA PORTUENSE
DE
Antonio Pereira da Silva
FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS FINAS E GROSSAS,
VIDROS, ETC., ETC.
Lamego, de de 19

Visto
João Samuel

Visto
Sebastião

0 Sr. Director dos Amigos do Museu de Lamego Devo

Junho	9	54	de Placa	12,80
	6		folhas de Lixa	1,80
	10	2	Barras	1,80
	14	220g	de Papel n.º 4	1,65
		220g	" n.º 5	1,65
		220g	" n.º 6	1,65
		220g	" n.º 7	1,65
		1 kg	" Placa	2,80
		1 kg	" Placa	2,80
		220g	" Papel	1,80
	30	220g	" n.º 7	1,80
		220g	" n.º 8	1,80
	27	1 kg	Placa	7,80
		2 kg	Placa	7,80
		220g	Papel n.º 9	1,65
		220g	" n.º 4	1,65
Julho	2	1 kg	Placa	2,80
	8		Papel	6,80
	14	3 kg	" Placa	7,80
	1		Barras	4,80
	18	1	" Placa	1,80
	19	3 kg	de Placa	7,80
	28	1,500g	Papel Placa	3,80
Agosto	3	1,500g	" n.º 5	3,80
				Total 77,80

82-2.023

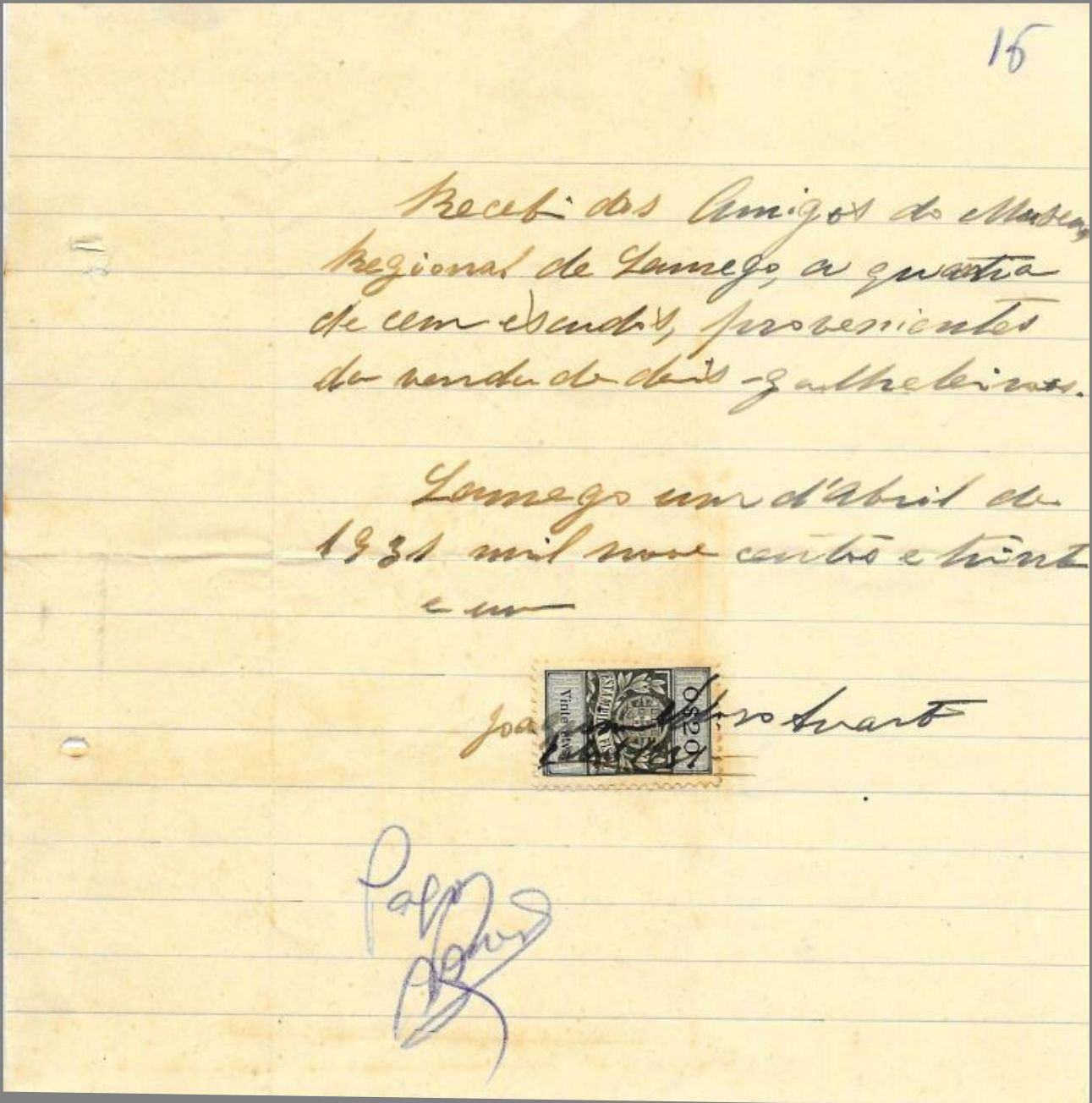
			Transporte	
Agosto	10	1 kg de Papel de Placa		4,80
		324g " Placa		2,80
	17	220g " Placa		1,80
		1 kg " Papel Placa		2,80
		100g " Placa		1,60
	18	21 " Placa		2,80
	22	2 " Placa		3,80
		1 kg Placa 34-6		1,80
		1 kg " Placa 10		1,80
	23	210g de Placa		1,80
	26	2 " Placa		6,80
	27	220g " Placa n.º 5		1,80
		1 " Placa Placa		12,80
		220g " Placa		2,80
		220g " Placa		4,80
	30	220g " Placa		1,80
		220g " Placa		1,80
Setembro	1	2 " Placa		1,80
		13,400g de Placa		64,80
		150g " Placa		1,80
		220g " Placa		1,80
				Total 90,80

Recibi a quantia supra
Lamego, 21 de Setembro de 1932

Antonio Pereira da Silva

Pago
19/9/32

> 8.
Factura "Mercearia Portuense"
Valor: 90\$00
Restauro de uma mesa antiga
1931
[F.D. AAML]



> 9.
Registo
Valor: 100\$00
Compra de dois galheteiros
1931
[F.D. AAML]

21

*Visto
particular*

AMIGOS PRO - MUSEU REGIONAL
BIBLIOTECA E TURISMO
LAMEGO

Recbi da Ex. Direcção dos Amigos do Museu Regional de Lamego a conta abaisce mencionada, proveniente do trabalho executado no armario de talha

Antonio Monteiro Louça junior	5 dias a 1500	82050
Rafaz	3 " " 3050	10150
Lamego 14 de Junho de 1932		Terço 93100

Antonio Monteiro Louça junior

*Visto
Luiz Napoleão*

*Pago
11/10/32
Rafaz*

32

*Visto
particular
3-11-32*

Recbi da Ex. Direcção dos Amigos do Museu Regional de Lamego a quantia abaisce mencionada proveniente dos trabalhos executados no armario de talha

Antonio Monteiro Louça	17 dias a 1700	11200
" " junior	" " " "	10500
Rafaz	5 " " 3050	17150
Por 3 litros de gasolina para a obra		1300
" gratificação aos homens por transportar o mesmo		300
Lamego 14 de Setembro de 1932		Terço 25300

Antonio Monteiro Louça junior

*Visto
Luiz Napoleão*

*Pago
3/11/32
Rafaz*

35

*Visto
particular*

Recbi da Ex. Direcção dos Amigos do Museu, a importância de quatrocentos e sessenta e sete mil e setecentos e noventa e sete réis, proveniente do trabalho e material dispensado no encerramento do salão de sessões do Museu

Lamego 18 de Outubro de 1932

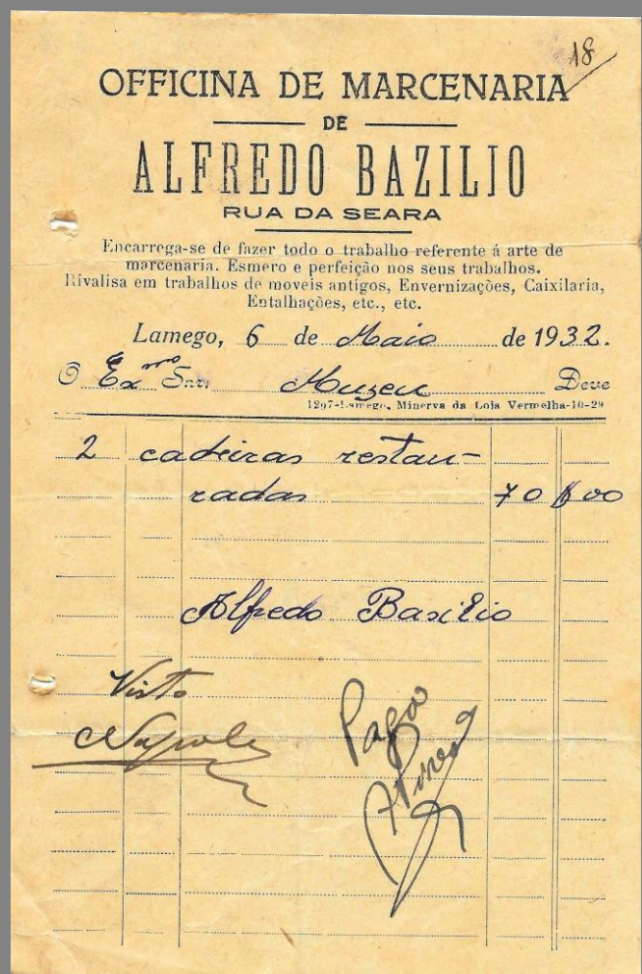
Antonio Monteiro Louça junior

*Visto
Luiz Napoleão*

Foi paga apenas a importância de 340 réis, por não haver saldo disponível.

11/outº 1932 *Rafaz*

> 10.
Recibos
Obras de marcenaria - Construção de um armário em talha, enceramento do salão.
1932
[F.D. AAML]



> 11.
Facturas
Oficina de marcenaria
Valor: 160\$00
90\$00 - Restauro de uma mesa antiga
70\$00 - Restauro de duas cadeiras
1931- 1932
[F.D. AAML]



> 12.
Factura
Livraria Azeredo
Valor: 43\$60
Artigos de papelaria
1932
[F.D. AAML]



> 13.
Recibo
Valor: 120\$00
Encadernação de livros
1932
[F.D. AAML]


FUNDOS DOCUMENTAIS

52

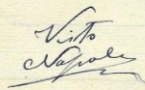
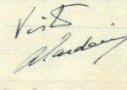
Conte das obras de pedreiro que se fizeram na acção
arqueologica do Museu, cujas obras foram da iniciativa
do Sr. Dr. Albano Sardesica.

Quaquim Moreira - 4 dias a 12\$00	48\$00
Indicio " " " 5\$00	15\$00
cimento	42\$50
Ferro redondo	12\$00
Ferrão	5\$00
Garolima	2\$50
	<hr/>
	90\$00

Lamego, 17 de Outubro de 1933

João  Marina

Out. 17 de 1933
O Tesoureiro
J. Soares

Visto  Visto 

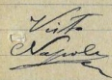

> 14.
Registo
Pagamento de obras
1933
[F.D. AAML]


47

Visto
João Curral

Recibo de 35\$00 do Tesoureiro dos Amigos do Museu, a impor-
tancia de trinta e cinco escudos, proveniente da restau-
ração que fez a uma mesa Luís XV, pertencente ao mesmo
Museu.

Lamego, 24 de Julho de 1933

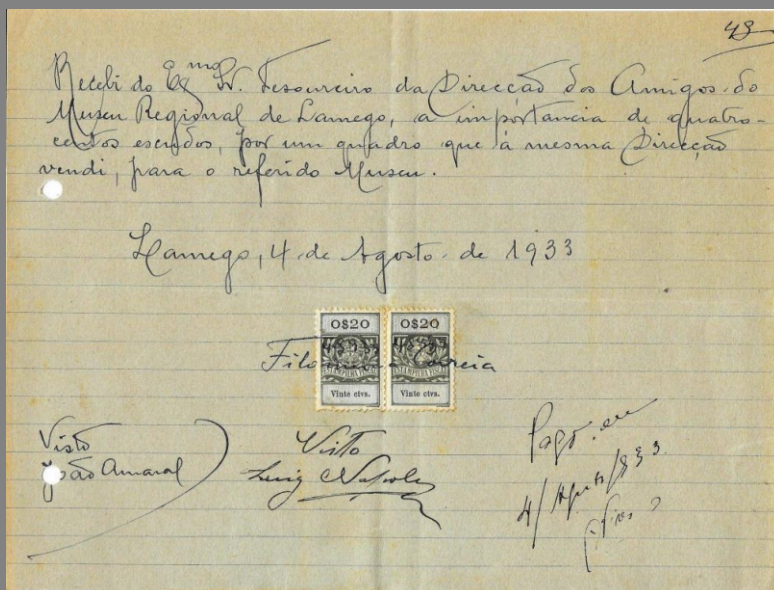
Visto  Visto 

Antonio  Marina

17/7/33
J. Soares

> 15.
Recibo
Valor: 35\$00
Restauro de uma mesa Luís XV
1933
[F.D. AAML]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 16.
 Recibo
 Valor: 400\$00
 Pagamento de livro
 1935
 [F.D. AAML]



> 17.
 Anúncio
 Voz de Lamego
 1935
 [F.D. AAML]

58

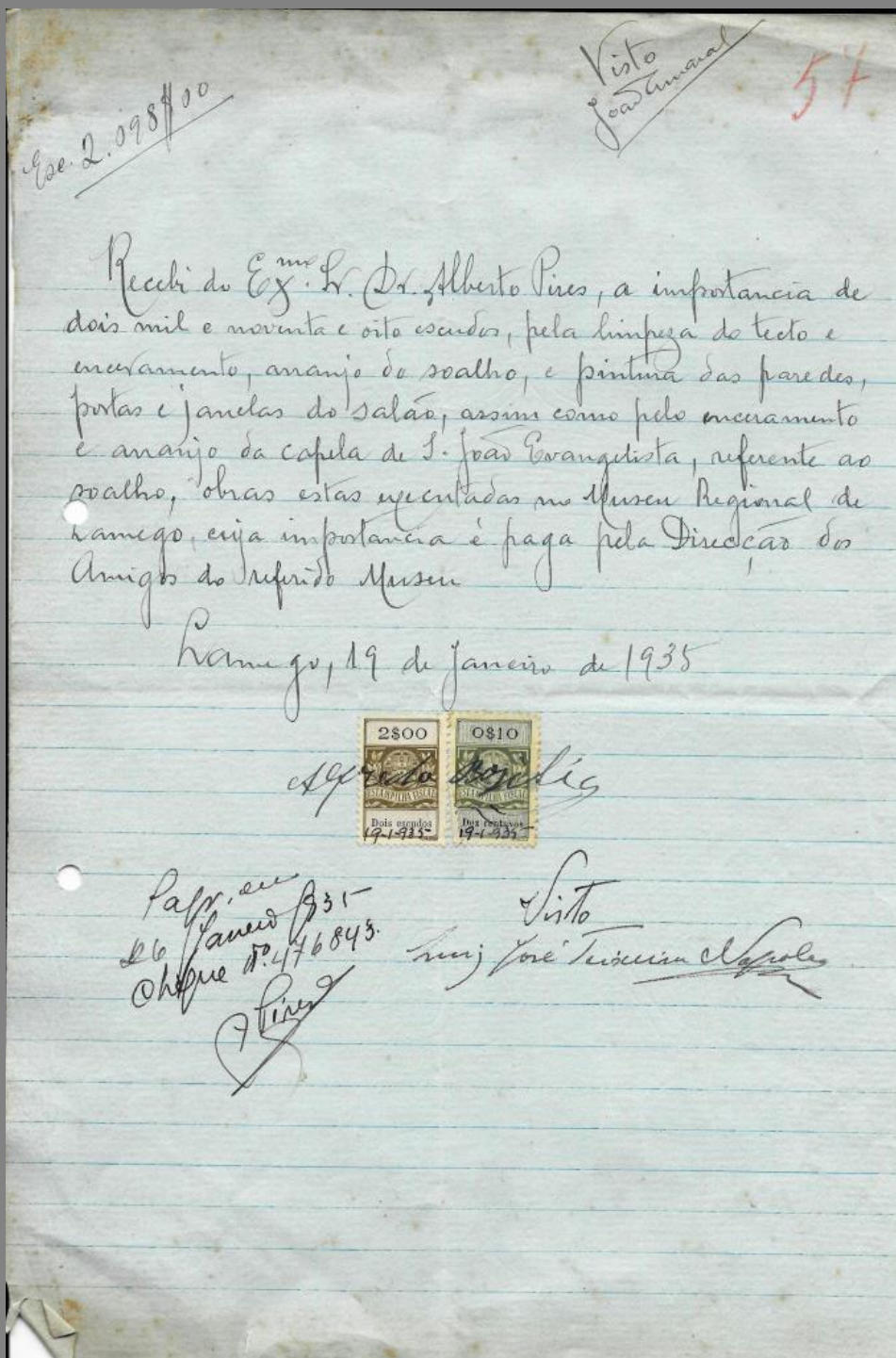
Recebi do Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Pires, diretor Tesoureiro da Direcção dos Amigos do Museu Regional e Biblioteca Municipal, a importância de dez escudos, para pagamento do nono volume do harosuse do século XIX, cujo volume há anos tinha desaparecido da antiga Biblioteca, e que agora consegui descobrir o seu ilicito paradeiro, dando-se à pessoa que o tinha de boa fé, a importância acima mencionada.

Lamego, 22 de Janeiro de 1935

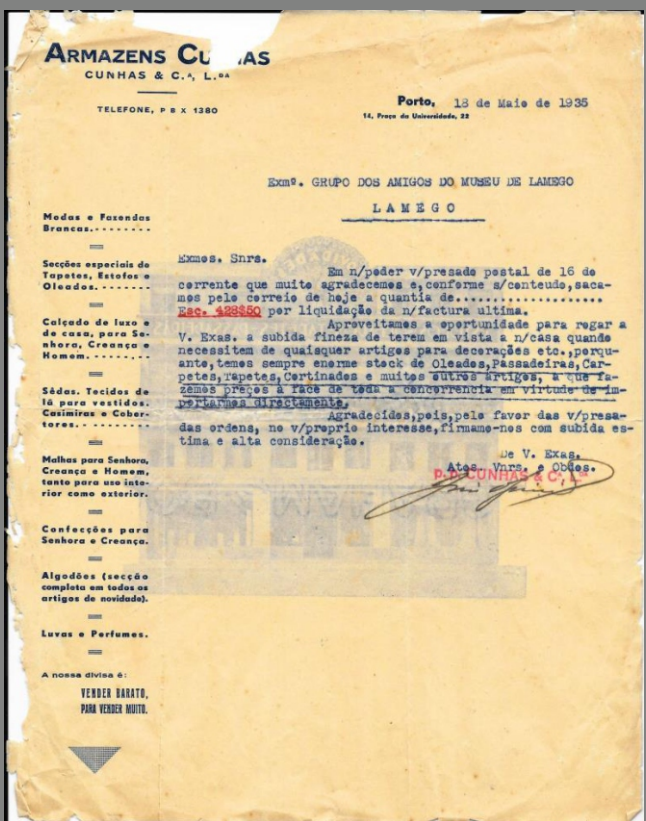
Pago, emolle
de Janeiro de 1935.
Cheque n.º 470.844.
9/1/35

João Amaral

> 18.
Registo
Valor: 10\$0
Pagamento de entrega de livro.
1935
[F.D. AAML]



> 19.
 Recibo
 Valor: 2908 \$00
 Honorários relativos a trabalhos prestados ao Museu
 1935
 [F.D. AAML]



> 20.
Factura
Liquidação de factura anterior
1935
[F.D. AAML]

Doc. n.º 38

*Vieta
Joatmaral*

Recebi da Ex.^{ma} Direcção dos Amigos do Museu, a importância
de dez escudos pelos serviços que prestei no jardim do mesmo
Museu. Escudo - 10\$00

Lamego, 16 de Fevereiro 1933

José de Carvalho *Vieta
Napole*

*Pap
14/10/33
Vieta*

n.º 69


Recebi da Ex.^{ma} Sr.^a D.ª Almeida Pires, Dir.^{ca} Tesouraria dos Amigos do
Museu Regional de Lamego, a importância de vinte escudos, pelos
serviços que prestei no jardim do mesmo Museu.

Lamego, 23 de Outubro de 1935

*Vieta
Joatmaral*

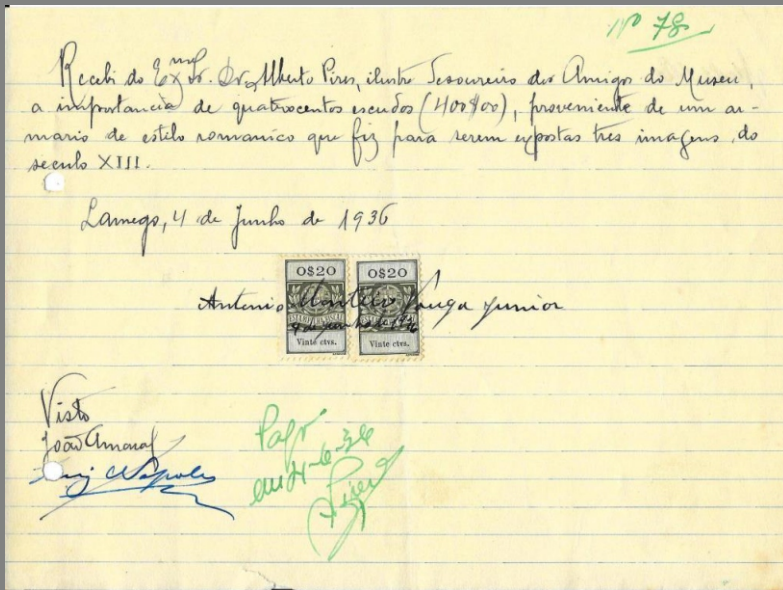
Almeida Pires

Francisco Gomes

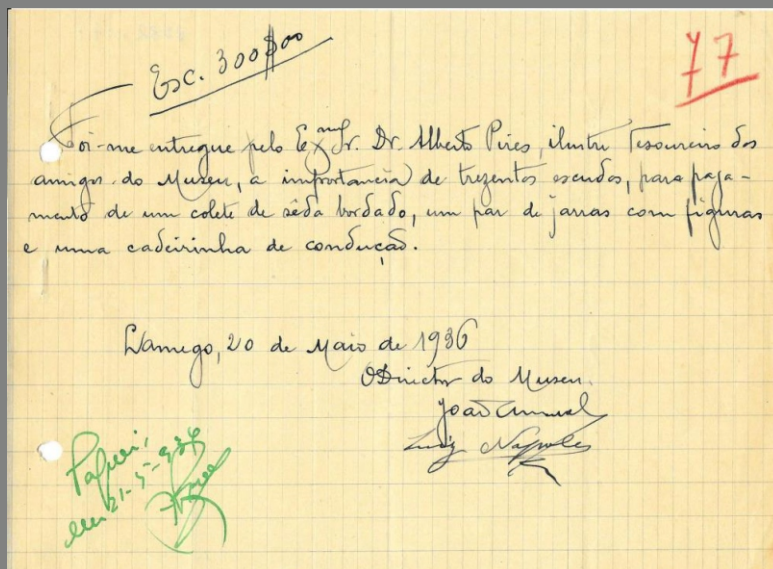


> 21.
Recibo
Valor: 10\$00 - 20\$00
Serviços de jardinagem
1932 - 1935
[F.D. AAML]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 22.
Recibo
Valor: 400 \$00
Construção de um expositor
1936
[F.D. AAML]



> 23.
Registo
Valor: 300\$00
Pagamento de peças para o Museu.
1936
[F.D. AAML]

n.º 71

Foi-me entregue pelo Sr. Dr. Alberto Pires, illustre Tesou-
reiro do Amigo do Museu de Lamago, a importância de
duzentos escudos, para pagamento de uma imagem do século
XVIII, representando N. S. da Conceição, e de doze estampas
litoográficas do século XIX, representando diversas figuras da
História Portuguesa e Universal.

Lamago, 23 de Janeiro de 1936.

Director do Museu,
João Amaral

Visto
Sr. José Teófilo da Silva

1936

> 24.
Registo
Valor: 200\$00
Compra de uma escultura do séc. XVIII e gravuras do séc. XIX.
1936
[F.D. AAML]

(108) 708

Entregue-me o Sr. Dr. Alberto Pires, illustre Tesoureiro do
Amigo do Museu, a importância de duzentos escudos, para
ajuda do pagamento das peças de indumentaria religiosa que
se compraram para o Museu.

Lamago, 18 de Julho de 1936

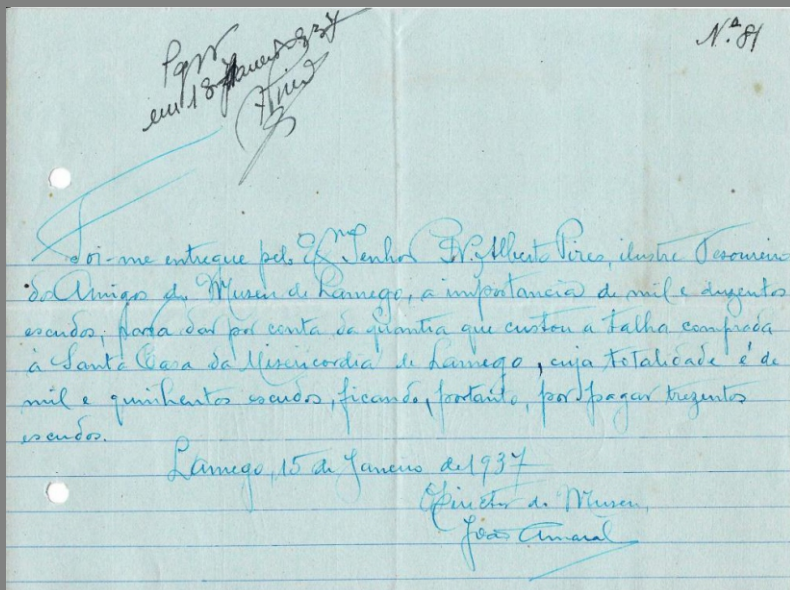
Director do Museu,
João Amaral

Visto do Presidente:
Sr. José Teófilo da Silva

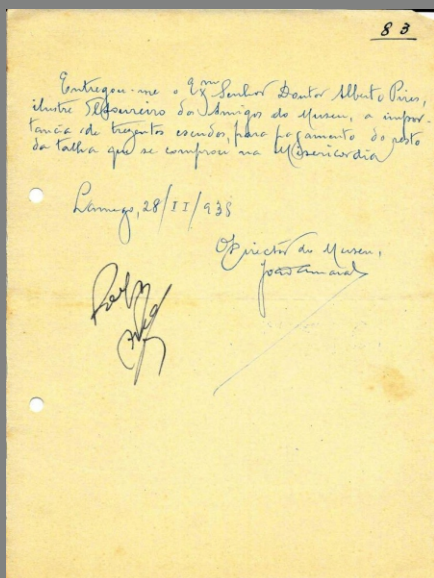
1936

> 25.
Registo
Valor: 200\$00
Pagamento de peças de “indumentária religiosa”
1936
[F.D. AAML]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 26.
 Registo
 Valor: 1200\$00
 Pago à Santa Casa da Misericórdia de Lamego pela aquisição de talha
 1937
 [F.D. AAML]



> 26.1.
 Registo
 Valor: 300\$00
 Pago à Santa Casa da Misericórdia de Lamego pela aquisição de talha
 1938
 [F.D. AAML]

84

Foi-me entregue pelo Ex.^{mo} Senhor Doutor
 Alberto Pires, director das Reservas dos Amigos do
 Museu, a importância de quatrocentos vinte e
 tres escudos e oitenta centavos para pagamento
 de duas esculturas em pedra de Inda, anti-
 gas, e respectivo transporte de Penafiel a Lamego.

Lamego, 27 de Fevereiro de 1938

O Director do Museu,
 João Amaral

Escudo - 423\$80 Visto Luiz José Napoleão

Pap
 em 3-3-938

Pires

> 27.

Registo

Valor: 423\$80

Pagamento de duas esculturas e respectivo transporte

1938

[F.D. AAML]

1938

Foi-me entregue pelo Ex.^{mo} Senhor Doutor Alberto Pires,
 Director do Museu do Museu Regional de Lamego,
 a importância de trezentos trinta e dois escudos e no-
 venta centavos, para pagamento das despesas feitas com o
 quadro de Grão Vasco, "Criação dos Animais", como cons-
 ta dos documentos juntos.

Lamego, 7 de Setembro de 1938
 O Director do Museu.
 João Amaral

Esc. 332\$90 Visto
 José Teixeira e Napoleão

[Handwritten signatures and initials]

> 28.
 Registo
 Valor: 332\$90
 Despesas feitas com a pintura "A Criação dos Animais", de Vasco Fernandes
 1938
 [F.D. AAML]

86

Foi-me entregue pelo Sr. Dr. Alberto Pires, ilustre Tesoureiro dos Amigos do Museu, a importância de 180 escudos para pagamento de uma escultura italiana, do século XVIII, e 160 escudos para pagamento de 8 volumes encadernados artisticamente em capas de couro laurado, cuja importância total é de 340\$00 (Trenta e quarenta escudos).

Ranço, 20 de Maio de 1938

O Director do Museu,
João do Amaral

Vit. Cruz José Teixeira Nunes

Palt 938
ent - e - 938

> 29.

Registo

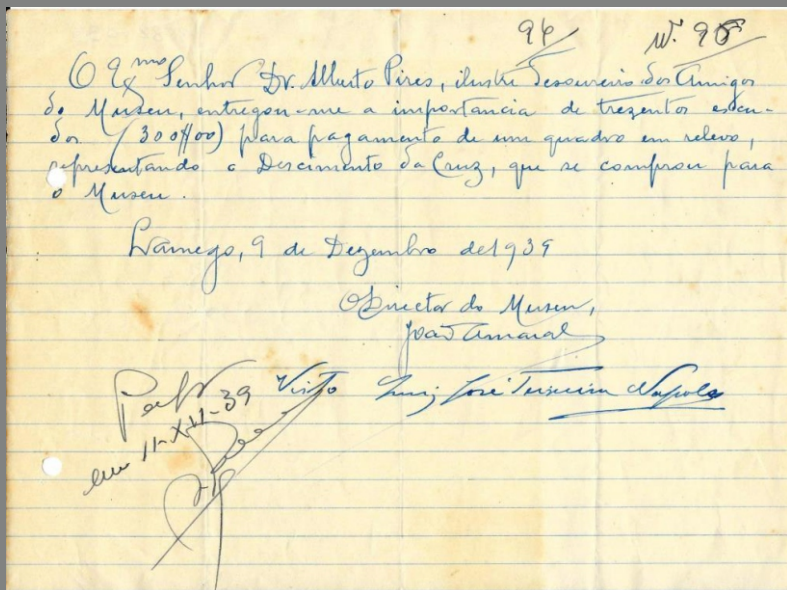
Valor: 340\$00

Compra de uma escultura italiana e de oito volumes encadernados.

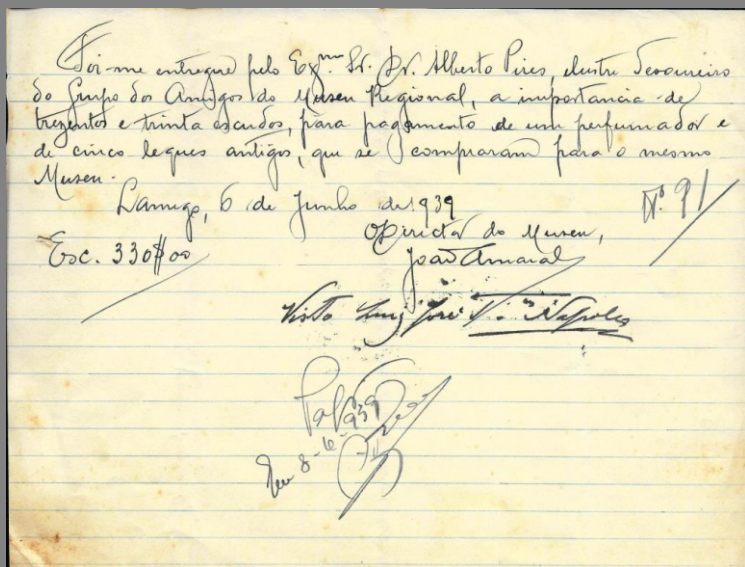
1938

[F.D. AAML]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 30.
Registo
Valor: 300\$00
Pagamento de um baixo-relevo, representando "O Descimento da Cruz"
1939
[F.D. AAML]



> 31.
Registo
Valor: 330\$00
Pagamento de perfumador e cinco leques
1939
[F.D. AAML]

110.92

Foi-me entregue pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Pires, ilustre Tesoureiro dos Amigos do Museu Regional, a importância de quarenta e cinco escudos, para pagamento do "Luzias", com ilustrações de Roque Fernandes e Manuel de Macedo, e um "Magnum Lexicon".

Lamego, 21 de julho de 1939

Director do Museu,
João Amarel

V. N.º Luís José Vasconcelos

Pap
em 4-8-939
o Tesoureiro
Alberto Pires

> 32.
Registo
Valor: 45\$00
Pagamento de livros 1939
[F.D. AAML]

104

Entreguem-me o Ex.^{mo} Sr. Doutor Alberto Pires, Ilustre Tesoureiro dos Amigos do Museu Regional de Lamego, a importância de mil escudos (1.000\$00) para pagamento de cem gravuras de artistas celebres, que se compraram para o mesmo Museu.

Lamego, 6 de Setembro de 1940

Director do Museu,
João Amarel

V. N.º Luís José Vasconcelos

Pap
em 6-9-940
o Tesoureiro
Alberto Pires

> 33.
Registo
Valor: 1 000\$00
Pagamento de 100 gravuras
1940
[F.D. AAML]

100

Foi-me entregue pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. Alberto Pires, illustre Tesoureiro
 do Amigo do Museu Regional de Lamego, a importância de cento e cinco
 escudos (105\$00), para pagamento dos objectos abaixo designados que se
 compraram para o Museu: um candeeiro, uma lampada, uma pia
 de agua quente e um turíbulo, tudo em metal, e três peças para adorno
 de altar, com diversas pinturas.

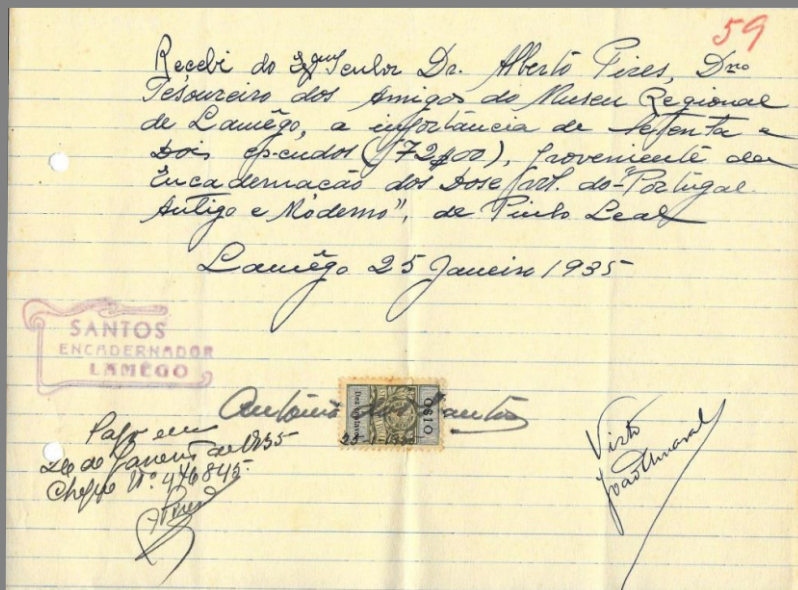
Lamego, 11 de julho de 1940

Director do Museu,
 João Amaral

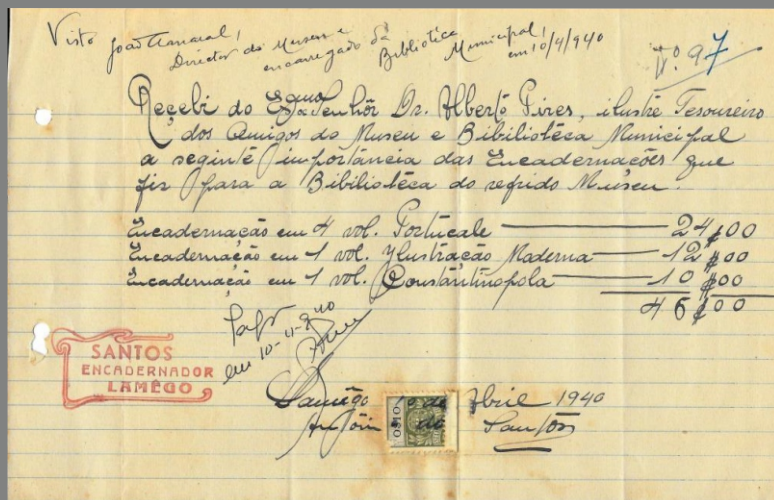
Visto Luiz Napoleão

Pago 11-7-940
 de O. Soares
 Pires

> 34.
 Registo
 Valor: 150\$00
 Compra de vários objectos para o Museu.
 1940
 [F.D. AAML]



> 35.
 Registo
 Valor: 72\$00
 Encadernações de livros
 1935
 [F.D. AAML]



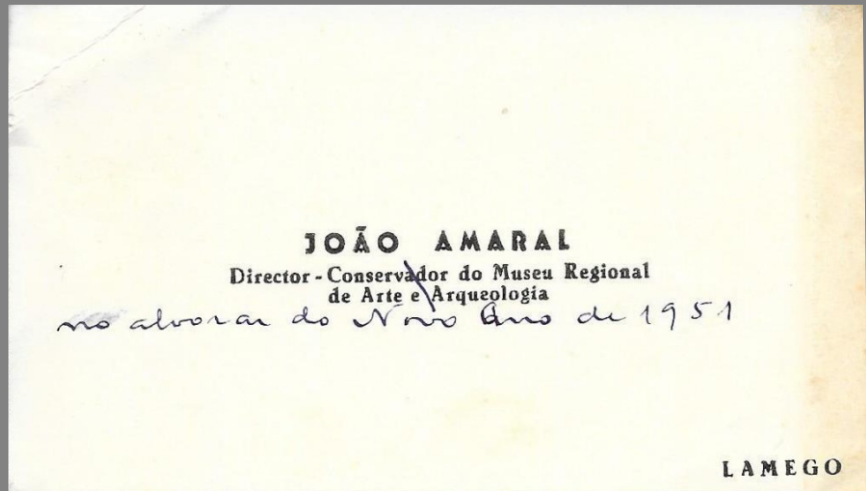
> 35.1.
 Registo
 Valor: 46\$00
 Encadernações de livros
 1940
 [F.D. AAML]

JOÃO AMARAL

Documentos manuscritos, impressos e ilustrações produzidos por João Amaral ou a ele relativos.

- Currículo / Publicações
- Memorial: Perigos da partilha do espaço para o Museu
- Manuscritos relacionados com o quotidiano administrativo da Instituição e de João Amaral enquanto funcionário e director
 - Cartões da apresentação
 - Pedidos de licenças de férias
 - Cópia de fotografia de Sara e João Amaral
 - Cadastro de bens legados ao museu por João Amaral
 - Cópia das Marcas d'água (1494 a 1850)
 - Cartaz das festas de N^a Sr^a Remédios de 1937 com ilustração de João Amaral
 - Entrevista de João Amaral (7/9/1939)
 - Caricatura de Carlos Amaro no livro “Scena Antiga”
 - Carta de Alfredo Guimarães na defesa de João Amaral na questão das tapeçarias
 - Anúncio - leilão da Biblioteca de João Amaral (Jornal “O Século” 1956)
- Relação dos objectos adquiridos por troca para o museu na direcção de João Amaral
 - Pedido de formalização de depósito no museu de peças de João Amaral
 - Esclarecimento sobre objectos de João Amaral no museu (vários ofícios)
 - Levantamento de objectos do museu pertencentes a João Amaral
- Contestação feita de Alcino Amaral relativa a alteração museográfica realizada por Abel Flórido 1961
 - Texto dactilografado de Abel Flórido - resposta a Alcino Amaral

F.D. JA (Fundo Documental João Amaral)



> 1.
Cartão de apresentação
João Amaral
1951
[F.D. JA]

MEMORIAL DOS SERVIÇOS PRESTADOS AO MUSEU REGIONAL
DE LAMEGO, PELO SEU DIRECTOR, DURANTE 17 ANOS

-
- Organização e disposição do Museu.
 - Aquisição de muitas centenas de exemplares de arte e arqueologia, sem dispendio para o Estado, cujo valor monta a centenas de contos.
 - Organização da Biblioteca, que consta de mais de 10 mil volumes, onde se encontram obras raras e de grande valor, sendo uma grande parte angariada pelo seu trabalho e canseiras e a restante salva da ruína que a ameaçava pelo abandono a que fora votada em outros tempos.
 - Restauração de muitas dezenas de quadros, que estavam reconhecidos como objectos inúteis e que actualmente representam obras de arte de imensa valia.
 - Reconstituição duma grande tapeçaria flamenga, que se desconhecia pela razão de estar retalhada e dispersa, e que hoje representa uma joia de arte (a melhor da colecção), dum valor de algumas centenas de contos. Restauração de outras.
 - Assíduo e incansavel trabalho na modificação e conservação dos objectos expostos no Museu, gastando inergias intellectuais e físicas, sendo estas de molde a causarem graves prejuizos de saúde.
 - Longos trabalhos de investigação e de estudo para a classificação dos objectos de arte e arqueologia.
 - Serviços de catalogação e inventariação e direcção técnica das obras realizadas no Museu.
 - Serviços de expediente e correspondência (escrita), por falta de amanuense para estes trabalhos, que só por si dão direito á aposentação de qualquer funcionario do Estado.
 - Além dos serviços expostos neste memorial e da enorme responsabilidade que cabe ao director do Museu, muitos outros havia a aumentar, o que não se faz para não tornar mais longa esta exposição.

Lamego, 14 de Maio de 1934

Director do Museu Regional

Memorial dos serviços prestados ao Museu Regional de Lamego pelo seu director durante 17 anos
Documento dactilografado

João Amaral
1934

[F.D. JA]

OF- O Primeiro de Janeiro de
7-9-1939

AS FESTAS

da Cidade de Lamego

No velho palácio dos bispos,
transformado em Museu de Arte,
uma conversa com o arqueólogo
JOÃO AMARAL
O cortejo folclórico

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)



Grupo das senhoras que organizaram o Chá de Beneficencia e as meninas que o serviram

LAMEGO, 6—Estamos na véspera do grande Cortejo Folclórico, manifestação de vida e labor, cuja realização se fica devendo ao espírito inteligente e empreendedor do distinto clínico lamecense sr. dr. Francisco de Andrade.

A cidade movimenta-se cada vez mais.

—«Aqui sente-se a gente subjugada pela espontanea impressão de deslumbramento».

Descrevendo:

—«São seis grandes composições de assunto lendário, que foram trasladadas de notáveis «cartões» por tapetes de elevado mérito.

Este, representa o «Templo da deusa Latónia».

Aquele homem de longas barbas expulso violentamente por um grupo de mulheres armadas de grossos vassouras, representa o «Templo da deusa Latónia».

*

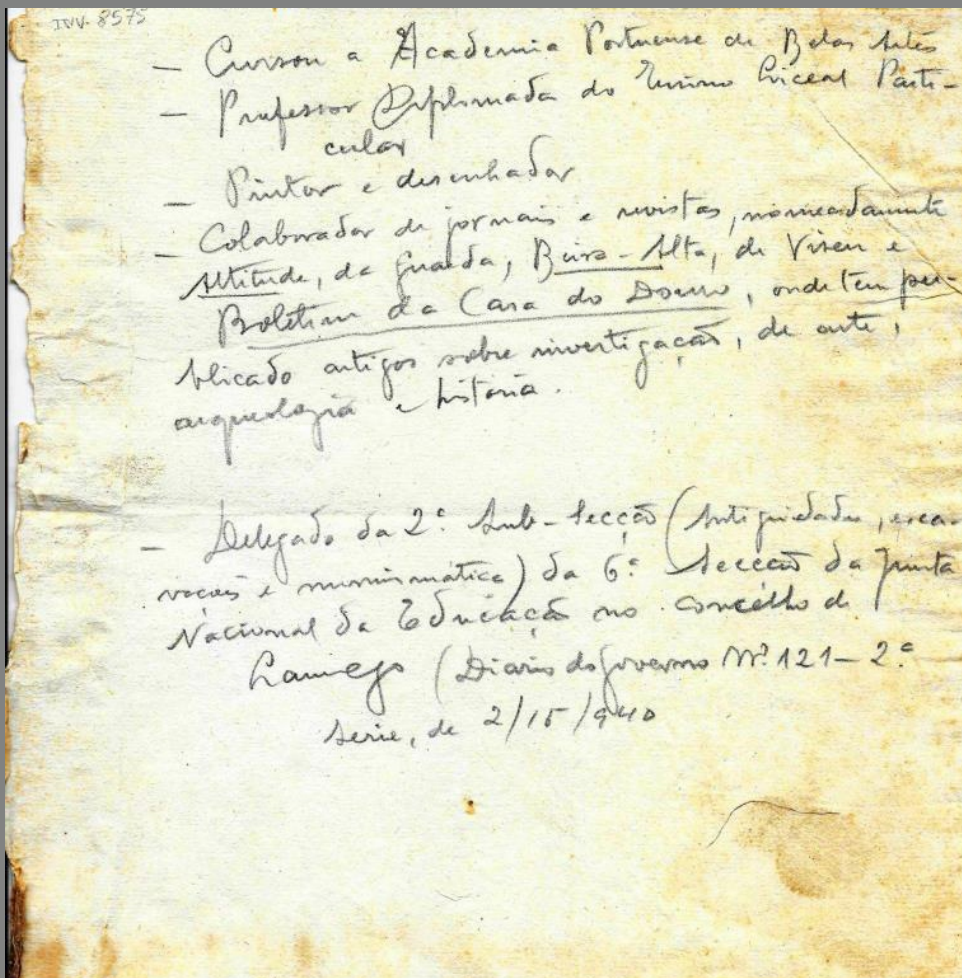
> 3.

Entrevista com João Amaral

Jornal O Primeiro de Janeiro

1939

[F.D. JA]



> 4.
 Manuscrito | Currículo de João Amaral
 Documento manuscrito
 João Amaral
 1940
 [F.D. JA]

*Anúncio publicado no jornal
"O Século" de dia 19 de Fevereiro
de 1956*

advertisiu o médico mun...
e que não devia exercer ilegalmen...
medicina. 19/2/56

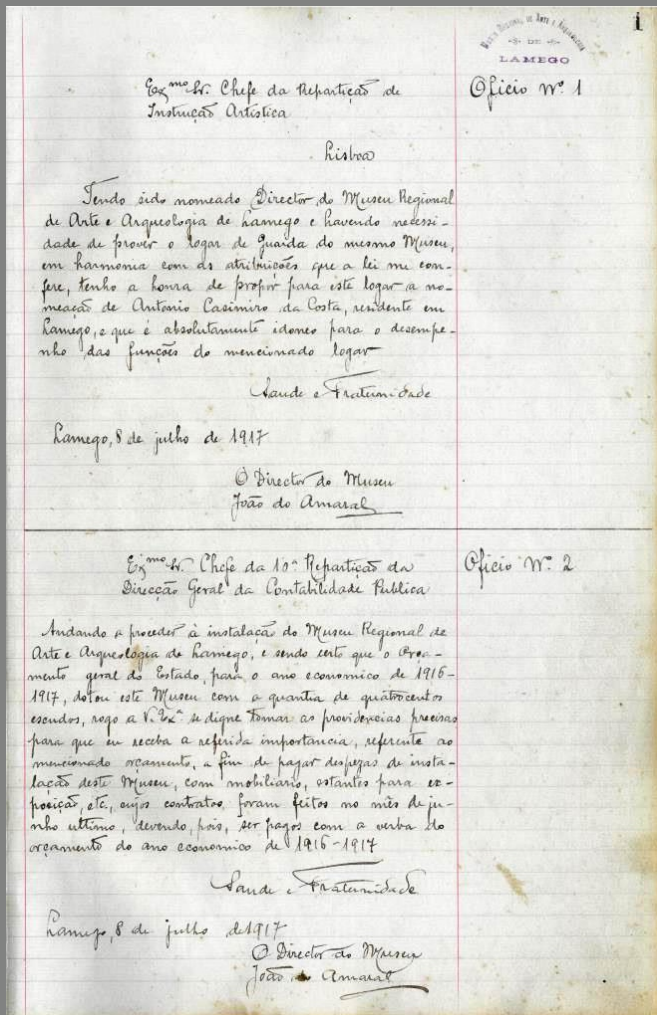
**LEILÃO DA BIBLIOTECA
JOÃO DO AMARAL**

Arnaldo H. de Oliveira apresenta o catálogo de interessante biblioteca que foi do ilustre artista e director do Museu de Lamego, João do Amaral, para venda em leilão, que começa na próxima quinta-feira, 23, na Casa Liquidadora. É uma livraria magnífica, com valiosas espécies bibliográficas sobre Arte, Arqueologia, História, Literatura, Clássicos, etc. Pedidos de catálogos, informações e encomendas à Livraria do L. do Calhariz, 14 - Tel. 28477.

HOMENAGEM
ao sr. eng. José Brás Roque
presidente da Câmara Municipal de Sesimbra

> 5.
Leilão da Biblioteca de João Amaral
Anúncio - Jornal O Século
1956
[F.D. JA]

| QUOTIDIANO DO MUSEU |



> 6.
Ofício Nº 1
Solicitação e proposta de nomeação de um guarda para o Museu
Livro de Correspondência do Museu
1918
[F.D. JA]

> 7.
Ofício Nº 2
Orçamento do Museu
Verbas necessárias para obras de beneficiação e adaptação das salas.
Livro de Correspondência do Museu
1918
[F.D. JA]

Relação dos objectos artísticos que foram adquiridos por troca de outros sem valor, que estavam depositados no Museu

- 80 peças de bronze e metal amarelo que preenchem 2 escudos exportos. 56000
- 1 ^{valor, em medid.} escrevaninha de madeira pontada. 20000
- 1 Cruz do sec. XIII, comprada ao Sirelles das Leilões Publicas, que além do dinheiro que se lhe deu ^(30000?) para entregar ao Padre de Leonmil, recebeu, para auxiliar a compra, varios objectos de cerâmica e de outras materias, incluindo uma cama, D. João V, pertencente ao director do Museu.
- 150 gravuras a tacho doce, no valor de 10.500000, ~~de madeira e de metal.~~
- 38 ^{medida de 50000} litografias, no valor de 1.900000

23.100000

38
50.00
1.900.00

1794

> 8.
 Relação dos objectos artísticos que foram adquiridos por troca de outros sem valor, que estavam depositados no Museu
 Manuscrito
 João Amaral
 S/d
 [F.D. JA]

FUNDOS DOCUMENTAIS

Ofício N.º 49

Dr. António Ferrão, Mestre Chefe da Repartição de Instrução Artística Lisboa

Leu

Como referi no meu ofício N.º 36, de 17 de julho de 1918, o qual dirigi a V. Ex.ª participando-lhe que o catálogo deste Museu se achava em via de publicação, cumpre-me a este respeito elucidar-lo de que encontro um obstáculo difícil de vencer, atenuando a enorme carência de material a empregar no supra citado catálogo. A empresa tipográfica encarregada de o imprimir exige agora um elevado preço, que é incompatível com os meus recursos pessoais, visto que eu, por falta de verba destinada para esse fim, me dispunha a pagar do meu bolso todas as despesas tipográficas.

Pedir-me para levar a efeito a publicação do catálogo de me dirigir a V. Ex.ª a fim de me au-

25

torizar a proceder à venda de alguns objectos de mobiliário e outros insculptos em salas de arrecadação, os quais não possuem valor algum artístico ou histórico e consequentemente dispensando os restos do Museu.

A este respeito cumpre da gentileza e obediência de V. Ex.ª uma exposição, a qual antecipadamente muito agradeço em nome do meu profundo reconhecimento e do interesse deste Museu.

Como me cumpre informar V. Ex.ª das evoluções e engrandecimentos que por este Museu vão passando, tenho a informar-lhe do seguinte:

A data da entrega que me foi feita dos objectos e dos salotes para eu proceder à instalação do Museu, encontrei o antigo salão denominado - Salão do Trono, completamente forrado a panos de Arrás, cujas tapeçarias se achavam barbaramente pregadas e ligadas à cal das paredes, acontecendo que do lado das janelas e cumulo de vandalismo levou o autor da inutilidade a recortar uma grandiosa e esbelta tapeçaria adoptando-a, em pedacos, aos vãos das janelas referidas, ligando estes pedacos a outros pedacos extranhos, de modo a tornar completamente obscura a presença do pannelso panos de Arrás acima referido.

Depois dum minucioso exame feito a tamanha barbafeia de injeção e barbarismo, notei que dali poderia extrair qualquer coisa de notavel para o Museu. Foi para isso um liguro coraço, accentuando nele as emendas cordas que uniam os varios pedacos de panos. Depois disto, recortei o coraço pelas emendas, e sobre a minha mesa de ten. bolho, como se estivesse a desenvolver um problema do Almagesto Bertrand, consegui decodir, creio de varios retalhos de outros panos cruelmente torcidos e em parte desapparecidos, uma notabilissima e grandiosa tapeçaria, tendo de comprimento: 6,80, e de largura: 4,15, que agora se acha a disposição dos visitantes do Museu.

Esta magnifica tapeçaria assim como todas que se encontravam estupidamente ligadas à cal das paredes, estão hoje de lá desligadas, suspensas em cordilhas de manieira a pedarem do, com a facili-idade, limpas e desinfectadas e as salas, com aspitels, de qualquer sinistro de incendio.

Leu

26

Muitos quadros que se achavam velados por necessarios camadas de improprios vernizes, mereo da ignorancia dos seus antigos possuidores, e ainda outros que se encontravam deteriorados, tem soffido a restauração inflexivel que as minhas modestas habilitações, não tem dispensado. Por sua vez, parte do meu bilheteo tambem tem sido restituido sob a minha direcção e vigilancia.

Desculpe V. Ex.ª se ser tam longamente importunado, esperando as suas criticas e ordens.

Com a Fraternidade
Lamego, 7 de dezembro de 1918
João de Amaral
Director do Museu

> 9.
 Officio N.º 49
 Officio dirigido ao Dr. António Ferrão, Chefe da Repartição de Instrução Artística
 Publicação do catálogo do Museu.
 Entrega dos objectos do Paço Episcopal
 Os panos de Arrás
 Livro de Correspondência do Museu
 1918
 [F.D. JA]

Ex.ª Sr. Dr. Alfredo de Sousa, illustre Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lamego

Officio n.º 68

Animado pelo interesse que sinto em bem servir, digo, desempenhar o lugar de Director que ocupo neste Museu, para o qual V.ª Ex.ª tam desinteressadamente se empenhou, e ainda mais por ter sido V.ª Ex.ª quem melhormente ligou o seu honroso nome a criação deste estabelecimento do Estado, venho pedir-lhe a elevada fignça de autorisar a que as esculpturas de madeira que ainda restam nas capelas do claustro do extinto convento das Chagas sejam oferecidas ao Museu Regional desta cidade, cooperando V.ª Ex.ª, mais uma vez, no engrandecimento deste ambiente de arte, que dia a dia está sendo apreciado duma maneira bem significativa e gloriosa não só para Lamego como tambem para V.ª Ex.ª.

Confiado no alto e evidentissimo prestijio que V.ª Ex.ª tem dispensado aos interesses da sua terra, o que so uma individualidade inteligente e prestigiosa da magistratura de V.ª Ex.ª podera oferecer em beneficio local, fico esperançado no feliz exito da minha justificação, o que, desde ja, muito pehorado, em meu nome e das pessoas interessadas pelo desenvolvimento do Museu, agradeço.

Com a Fraternidade

Lamego, 24 de setembro de 1919

Director do Museu
João Amador

Foi atendido este officio, entrando no Museu trinta e seis esculpturas de santos que se achavam expostas nas capelas do claustro do extinto convento das Chagas de Lamego
26-IX-1919

> 11.

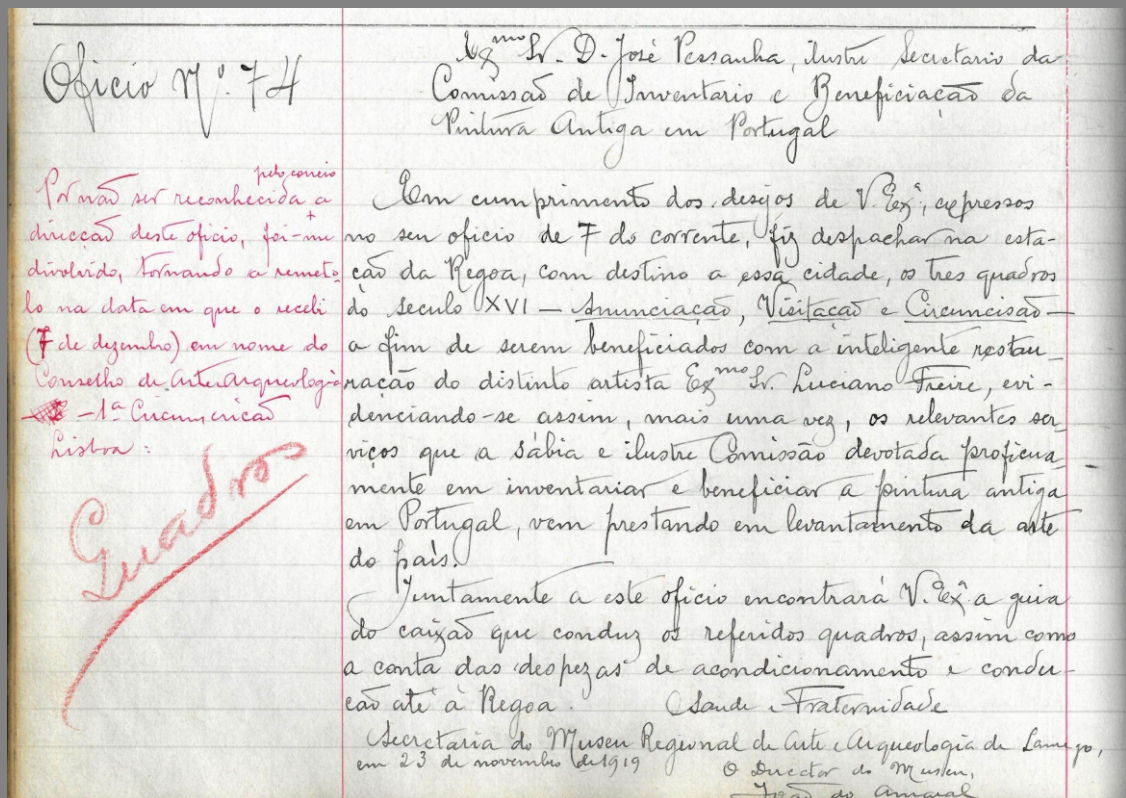
Officio N.º 68

Officio dirigido ao Dr. Alfredo de Sousa, Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lamego

Solicitação ao presidente da Câmara de Lamego Dr. Alfredo de Sousa para doação e autorização de transferência para o Museu das esculpturas existentes nas capelas do convento das Chagas.

Livro de Correspondência do Museu
1919

[F.D. JA]



> 12.

Ofício N.º 74

Ofício dirigido ao Dr. José Pessanha, Secretário da Comissão de Inventário e Beneficiação da Pintura Antiga em Portugal

Despacho na estação da Régua dos quadros: “Anunciação”, “Visitação” e “Circuncisão” para restauro a realizar por Luciano Freire.

Livro de Correspondência do Museu
1919

[F.D. JA]

As tapeçarias do Museu Regional de Lamego

Carta dirigida aos jornais de Lisboa e Porto

Sr. Redactor:

Não ha nada que mais console do que fazer justiça ao prestigio e ao trabalho dos outros. A consciencia fica tranquila, porque a gente cumpriu o seu dever. O resto é a vida... e V. Ex.^a sabe que, sendo isso, não é pouco...

Fala-se muito na questão das tapeçarias do Museu de Lamego. Verdade seja que, dentro ou fóra da historica cidade, nunca ninguem lhes ligou tanta importancia. O clero, pelo menos, desprezou-as sempre consideravelmente, como abaixo se verá. Mas agora fala-se muito, e este *falar* de agora faz rir...

Ora a questão é simples:

Suponha V. Ex.^a que tinha na sua mão um copo cheio de agua limpida. Suponha que, para manter o copo são e escorreito, tinha perdido a noção dos valores ao tempo ou seja sacrificado os seus interesses pessoais, vivendo exclusivamente da sua paixão. Afianço-lhe desde já que lhe não valia a pena. E affianço-lhe com razão e justiça. Porque, se V. Ex.^a se guiasse apenas pelo amor á sua terra e pelo respeito de si proprio, ás duas por tres surgia-lhe por detraz de uma cortina a mão misteriosa de um conego que lhe filtrava uma gota venenosa no seu copo generoso, e V. Ex.^a, se bebesse, acabava por morrer envenenado.

Tal é a questão dos panos do Museu de Lamego: o effeito de uma gota malfica e covarde.

O director dessa casa de arte é um homem cujo ordenado, em ponto de relação com os seus serviços, convergonha o Estado. Basta dizer que ganha seis velhos tostões por dia. De um edificio repleto de crimes de lesa arte, fez, paciente e prodigiosamente, um museu que honra, não só a sua terra, mas tambem a sua provincia. Porque é necessario saber, sr. Redactor, que em 1911, á altura em que entrou em execução a lei de 20 de abril d'aquelle ano, a maioria dos panos francezes e flamengos estava num estado deploravel. Fez-se o arrolamento dos bens para o Estado, dirigido pelo padre França, abade da Sé, e esse arrolamento indica apenas 10 panos de Arraz (sic) ou antes dez panos de Gobelins e da Flandres. O director do Museu (João Amaral) entra de investigar, e resolve este estranho problema policial: os panos passam a ser doze. Um deles, é então arrancado a ferros, de Braga para Lamego, ao homem da gota do veneno...—ao conego. Nesta altura o director do Museu Regional de Lamego socega, e dispõe-se a continuar o seu trabalho. Começam as suas investigações sobre uns trechos, uns bocados de pano que ainda se encontravam colocados na parede de uma sala. Arranca-os, estuda-os, liga-os, e acaba por conseguir montar um pano de enormes proporções, **o maior e o melhor que existe em Lamego, o qual valerá hoje, se bem pensarmos, du-**

zentos contos de reis. Embora cheio de difficuldades na realização dos seus planos, pois o museu tem apenas a dotação mensal de sete escudos, o homem avança, quer trabalhar e trabalha, instala os panos, recolhe inensas peças de mobiliario e pintura, de arte ornamental e arte sacra, cria enfim um museu, cuja tarefa o honra como funcionario publico e como artista... e ao fim de tudo isto apanha como costuma dizer-se, com um pano encharcado na cara.

Contado isto, resta referir a materia que, sob o ponto de vista burocrático, *criminalmente* o condemna. A obras de desenvolvimento do Museu são grandes; a despesa é, como deve concluir-se, enorme. Alem disso era necessario transportar e montar duas capelas de esplendida talha que existiam no antigo convento das Chagas, e instalar em vitrines os paramentos e as peças de ourivesaria do antigo tesouro da Sé. Mas tudo isso com sete escudos por mês? Quando terminaria esse trabalho? E, entretanto, se o director do Museu não trabalhasse, quantos seriam os que o accusariam por não provar, com esforços ainda que violentos, que ganhava seis velhos tostões por dia?

João Amaral officiou ao Ministerio da Instrução que lhe deixasse vender, da arrecadação do Museu, uma serie grande de objectos inuteis. As estações officiais não responderam. E João Amaral vendeu. Mas o que? Vendeu os restos inuteis das talhas dos dois grandes altares que montou; vendeu os restos inuteis dos panos que o clero arretilhou e barbaramente pregou nas paredes do Paço, os quais, não só não faziam sentido artistico, sendo impossivel ligalos, como ainda se encontravam em miseraveis circunstancias materiais.

Heis o crime, sr. Redactor, do homem que, em pouco tempo, meteu já no Museu de Lamego, setenta novos documentos artisticos, e que, se não fosse honrado e tivesse desejado ficar rico á custa alheia, tinha recolhido numa mala os retalhos do grande pano que descobriu e montou, o qual nem sequer tinha sido estudado e criticado, nem sequer mencionado, por nenhum dos criticos de arte portuguezes.

Lamego sabe isto. Eu, que de cá não sou, pois sou e serei minhoto, *per omnia et secul seculorum*, tambem o sei. Quem o não quiz saber foi o conego... o braçarense da gota de veneno.

Em conclusão, sr. Redactor: isto é uma questão de odio pessoal, e mais nada.

Lamego, 14 de maio de 1920.

De V. Ex.^a etc.

Alfredo Guimarães.

(Da Sociedade dos Estudos Arqueologicos Portuguezes).

407—Lamego, Minerva da Loja Vermelha—3-20

> 13.

Carta impressa dirigida aos jornais de Lisboa e Porto por Alfredo Guimarães, posicionando-se em defesa de João Amaral, no que concerne à polémica venda de alguns objectos que se encontravam nas reservas do museu, entre os quais algumas tapeçarias já em avançado estado de degradação.

Documento impresso

Alfredo Guimarães

1920

[F.D. JA]

Ofício N.º 150

Leitor Sr. Dr. Alfredo de Sousa, illustre Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lamego

Participo a V. Ex.ª que o encarregado do jardim do Rocio, abusando reincidentemente da loja que lhe destinaram para guardar as ferramentas do cargo camarario que exerce, permite que a mulher ali cosinhe em plano chao, servindo-se para isso de inornes foqueiras de lenha.

Ora, a referida loja fica pela parte inferior do Museu Regional desta cidade, onde estas expositas preciosidades tem valor extraordinario, como e do inteligente conhecimento de V. Ex.ª.

O furo que este abuso intoleravel faz espalhar pelo saloes do Museu, causa graves e revoltantes prejuizos. Mas se num momento de dploravel infelicidade para a Arte e para a terra que V. Ex.ª tam religiosamente adora e beneficia, uma catastrophe de chamas nos surpreender, a dor de todos nos exprimiria a monstruosidade do abuso que se esta cometendo sobre as reliquias de arte do Museu lamegoense, abuso que eu tenho pretendido terminar por palavras dirigidas ao referido jardineiro, mas que ele, sempre reincidente e mau,

61

continua praticando, como ainda ontem, depois de se ter dado o incendio da rua dos Fornos, cujo exemplo de nada serve para sua inervante teimosia.

Contando que V. Ex.ª faça executar immediatas providencias sobre este criminoso assunto, aqui deixo a expressao do meu reconhecimento em nome de todos quanto sabem sentir as grandezas da Arte e o amor por tudo aquilo que notabiliza esta, boa e linda terra.

União e fraternidade
Lamego, 26 de junho de 1922
O Director do Museu,
João Amaral

> 14.

Ofício N.º 150

Ofício dirigido ao Presidente da Câmara de Lamego

Queixas relativas ao comportamento do encarregado do Jardim do Rocio e consequentes perigos que este representa para o Museu.

Livro de Correspondência do Museu

1922

[F.D. JA]

8588.011

1 armário envidracado, para
~~armazenagem de livros e docu-
 mentos, de castanho pintado — 1.000,00~~
 Despesas para as quais o Museu não tem
 verba orçamental

1 aspirador ————— 2.000,00

Limpeza e encanamento e material
 gastos nestes serviços:

2 mulheres a fazer
 cada, uma, com 6 horas de
 trabalho por dia, no mês ————— 500,00

Serviço de jardinagem ————— 100,00

Aquecimento eléctrico e de combustível — 100,00

Um irradiador eléctrico para
 aquecimento ————— 300,00

2.900,00
 2.900,00
 2.900,00

> 15.
 Despesas para as quais o Museu não tem verba orçamental
 Manuscrito
 João Amaral
 S/d
 [F.D. JA]

Despesas feitas no Museu	
Qualificação de ajudante da escrita	300.00
Generalmente dos pincelamentos e mobiliário	450.00
Aquecimento	200.00
Jardim e água	200.00
Imprensa Nacional (modelos) e material de secretaria, e outras	300.00
	<u>1.450.00</u>
Restauração de quadros e de outros objectos, como paraquês e portas	
Compra de objectos necessários e de expição para o Museu? Objectos de etnografia?	
Pequenas reparações no edificio do Museu?	
A despesa de limpeza em ^{ante} do Senhor Teófilo cretário ordenar que fosse feita pelo pessoal nomeado da escola, custaria (a duas milhas) 500.00	
matéria	

Transporte	1.900.00	5 coltes bordados, do sec. XVIII	1.000.00
Uma bandeja de metal	50.00	1 manto bordado a metal, do sec. XVII	300.00
Uma Turibulo de metal	50.50	3 cartas de lã, do sec. XVIII	200.00
1 candeeiro de metal	100.00	1 colcha a damascada para a cama do Dr. Vasco de Vasconcelos	400.00
1 balança de metal	200.00	Transporte	1.900.00
1 salteiro de metal	30.00		
1 Bacia forada a ouro	100.00		
2 lanternas de lata século XVII	100.00		
4 balcoes forados a papel de côr	300.00		
1 mesa de pau preto p/ de galo	300.00		
1 armário envidraçado, para arrecadação de livros e documentos, e castanholos pintados	1.000.00		
Com	4.730.00		
Total	1.434.730.00		

> 16.
 Manuscritos com nota de despesas do Museu
 Manuscritos
 João Amaral
 S/d
 [F.D. JA]

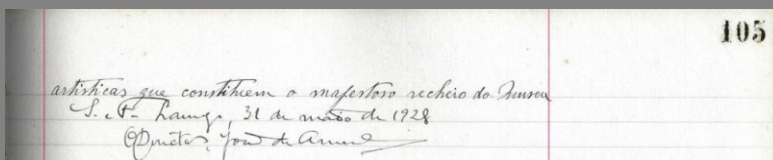
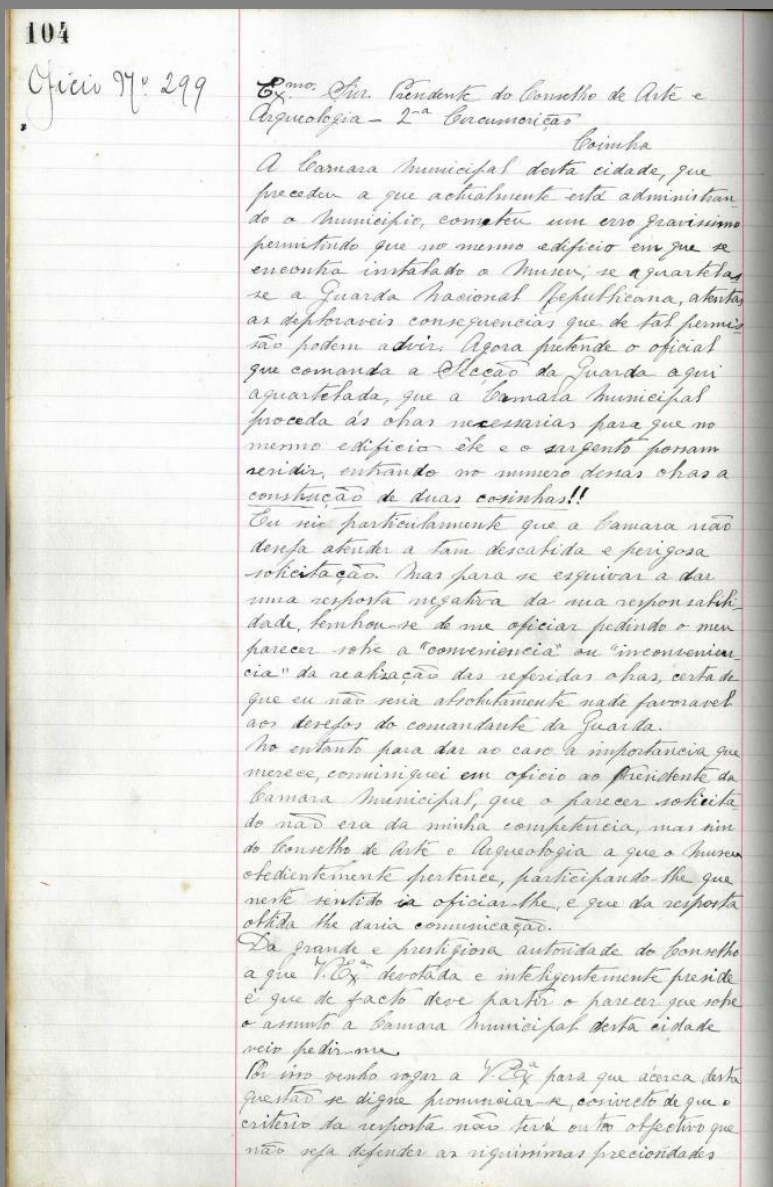
Memorial

O Museu Regional de Faro está ameaçado de ser extinta de uma parvosza e irremediável catástrofe, cujas consequências não só farão desaparecer lamentavel e inconcebivelmente o seu riquíssimo admissivel e raro recheo artistico, como tambem o palacio magestoso em que se acha instalado. Como evitar esta triste e monstruosa catástrofe? Fazendo obediencia quanto antes as dependencias occupadas que não sejam o Museu Regional e a Biblioteca Municipal. Quais são as dependencias que occupam esse precioso caballoto? As lojas occupadas por simples funcionarios camarasario pelos caseiros da antiga casa do Paço, onde se vive, se usa de hum, se depositam materias que podem provocar um incendio e onde se allargam animais que transmitem choro nauseabundo ás salas do Museu; — as lojas em que está funcionando a repartição das obras publicas onde se fuma, se usa um fogão de aquecimento, se guarda lenha e carvão e caixas de retratos etc.; — a loja que a Camara se serve para depositar barricas de madeira, restos velhos e outros materiais que ameaçam peizo; — a loja onde o jardineiro da Camara guarda mantimentos de lenha, onde dorme sobre montes de palha, onde acende luz e já tem cozinhado; — a loja onde está uma bomba municipal, pra moço, albruge de bombeiros, e onde já houve um incendio, que seria de lamentaveis consequências se se tem dado tarde da noite; — a loja onde um empilhado de obras guarda materias perigosas, tais como machucamentos, lenhas cordas etc., para cumulo de tudo isto polvora, rastilho e dinamite;

e por ultimo, o aquartelamento da Guarda Nacional Republicana, onde se fuma, se acendem braguesas de ~~ca~~ lenha, se guardam automoveis e certamente gasolina etc. Pelo se portanto que no edificio apenas fiquem funcionando o Museu Regional e a Biblioteca Municipal ficando-se a Camara o direito de ser occupatoria, pois que a ella quem fôrmito a existencia ou o alojamento do que acima está exposto, podendo o Museu, como exclusivo arrendatario, pagar a renda que a Camara está pagando ao Estado, renda que saia da sua dotação annual ou das entradas pagas pelos visitantes, o que se seria melhor, visto que a dotação, por ser ~~reservada~~, extremamente necessaria, e que seria autorizada superiormente.

O Director do Museu,
João Amaral

> 17.
Memorial
João Amaral
S/d
[F.D. JA]



> 18.

Ofício Nº 299

Ofício dirigido ao Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia

Parecer do Conselho de Arte e Arqueologia relativo à instalação da Guarda Nacional Republicana no edificio onde está o Museu.

Livro de Correspondência do Museu

1928

[F.D. JA]

112
 Ofício N.º 324

Ex.ª Sr.ª Sr.ª da Irmandade de N.ª Sr.ª da Conceição
 Lamego - Tenho conhecimento de que na Igreja de
 Santa Cruz, arruinado no côro, foi inutil para o
 culto, existe um quadro representando a Virgem e
 outros figuras, sendo, na qualidade de Director do
 Museu Regional de Lamego, rogar a V.ª Sr.ª que o repara
 o quadro, cujo estado de ruina é evidente, seja
 empreendido para o Museu que dirijo, ficando a dis-
 posição da Phronomia da Irmandade a que V.ª Sr.ª
 dignamente, a importância de 400,000, como donativo
 a empregar em obras que a Igreja de Santa Cruz tanto
 necessita. S.ª de e Fraternidade, Lamego, 27 de
 Abril de 1929.

(a) João Amaral

> 19.
 Ofício N.º 324
 Ofício dirigido à Irmandade de N.ª Sr.ª da Conceição
 Solicitação de transferência de um quadro o Museu.
 Livro de Correspondência do Museu
 1929
 [F.D. JA]

Ofício N.º 325

Ex.ª Sr.ª Comissário Geral de Portugal na Exposição
 de Sevilha. Lisboa

Incluo tenho a honra de remeter a V.ª Sr.ª a guia
 dos quatro bancos de coiro e talha, do século XVIII,
 que, em nome de V.ª Sr.ª, o Ex.ª Sr.ª Dr. João de
 Figueiredo requiriu ao Museu Regional de La-
 mego, para figurarem na Exposição de Sevilha.
 Juntamente encontrará V.ª Sr.ª a conta da des-
 pesa do encasilhamento e transporte de Lamego
 à Regua.

Os dois volumes foram despachados em gran-
 de velocidade, devido às suas pagas as despesas
 de caminho de ferro.

S.ª de e Fraternidade.
 Lamego, 20 de abril de 1929

Director do Museu,
 João Amaral

*Bancos de
 coiro para Sevilha*

> 20.
 Ofício N.º 325
 Ofício dirigido ao Comissário Geral da Exposição de Sevilha
 Participação de mobiliário do Museu na exposição de Sevilha.
 Livro de Correspondência do Museu
 1929
 [F.D. JA]

Ex^{ma} Direcção dos Serviços da Caixa Geral de Aposentações
 Com resposta ao officio de V. Ex.^{ma}, nº 7714 de 18 de maio cor-
 rente, tenho a honra de comunicar-lhe o seguinte:
 Pessoal do Museu Regional de Paços de
 Director - João de Amaral, nasceu a 24 de novembro
 de 1874. Tomou posse em 29 de agosto de 1917.
 Vincimentos de categoria — 6.285 \$
 " " extras — 1.257 \$
 Total 7.542 \$
 Juizado - Luis Pinto Ribeiro, nasceu a 5 de agosto de 1880.
 Tomou posse a 20 de outubro de 1919.
 Vincimentos de categoria — 3.850 \$
 " " extras — 470 \$
 Total 4.620 \$
 Lande Académica - Paços, 24 de maio de 1929
 Director do Museu, João de Amaral

Officio n.º 328
 Aposentações,
 Data da posse
 do Director do
 Museu

> 21.
 Officio N.º 328
 Officio dirigido ao Director dos Serviços da caixa Geral de Aposentações
 Funcionários do Museu, início de funções, categorias e salários.
 Livro de Correspondência do Museu
 1929
 [F.D. JA]

Modelo Papel selado

Ex^{ma} Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes

O signatário, que tem falta de licença, e não deu falta ao seu cargo nem ao presente, tomou posse em 2 de agosto de 1913.

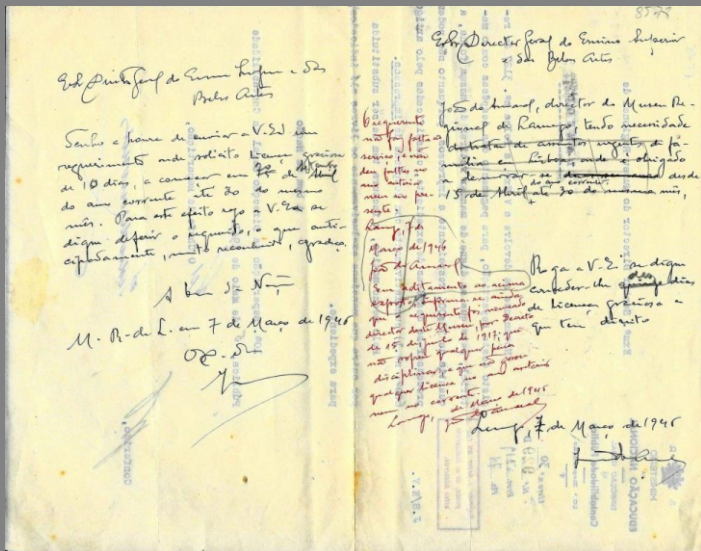
João de Amaral, Director do Museu Regional de Paços, tendo necessidade de fazer tratamento com os dignos de Caldas, a principiar no dia 10 de junho próximo do presente.

Pede a V. Ex.^{ma} se digna conceder-lhe vinte dias de licença para a coisa a que tem direito.

Paços, 2 de Agosto de 1913
 João de Amaral

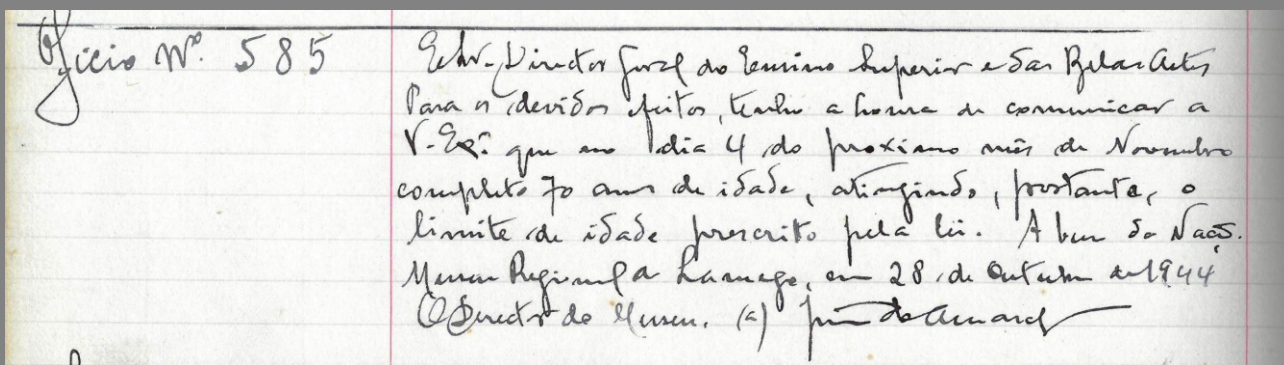
> 22.
 Manuscrito de João Amaral dirigido ao Director Geral do Ensino Superior e das belas Artes,
 solicitando licença graciosa de 20 dias para tratamento
 João Amaral
 1943
 [F.D. JA]

FUNDOS DOCUMENTAIS



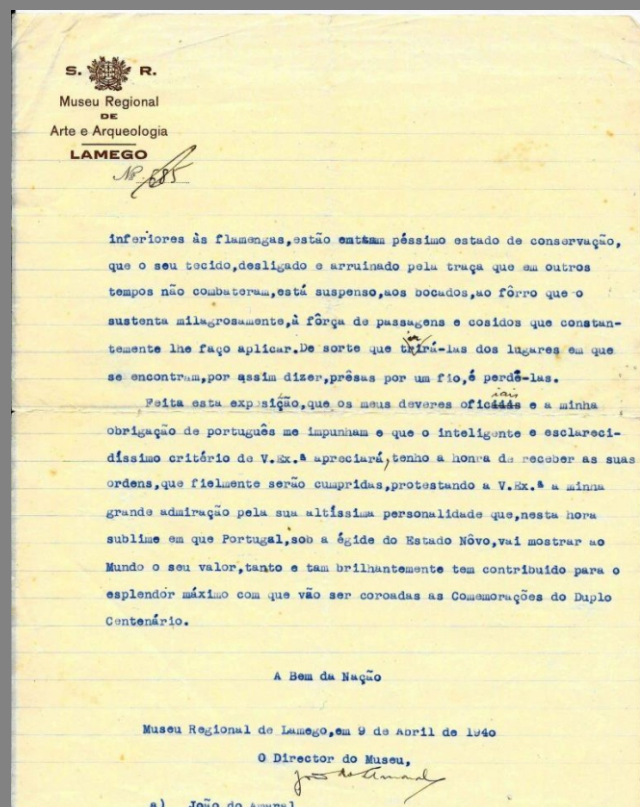
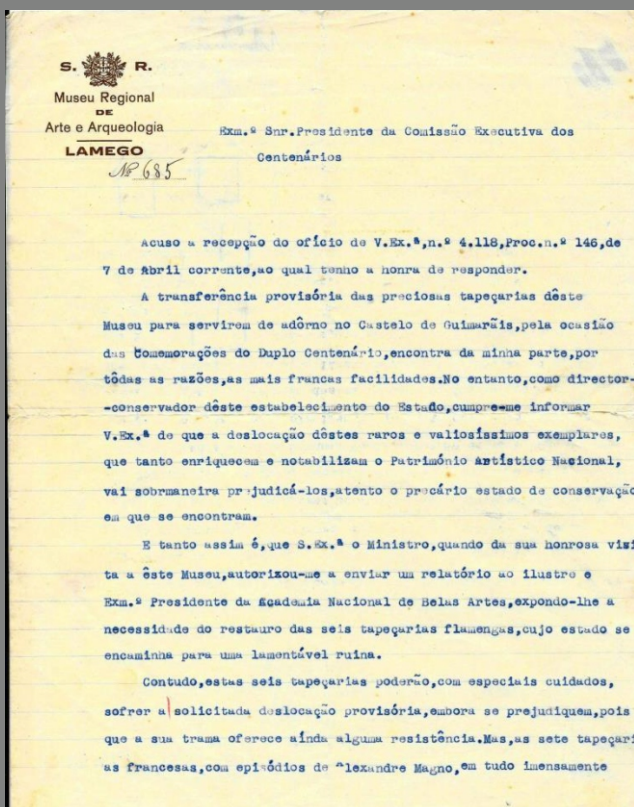
> 23.

Manuscrito de João Amaral dirigido ao Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, solicitando licença graciosa de 15 dias.
João Amaral
1946
[F.D. JA]



> 24.

Ofício Nº 585
Ofício dirigido ao Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes
João Amaral - 70 anos de idade
Livro de Correspondência do Museu
1944
[F.D. JA]

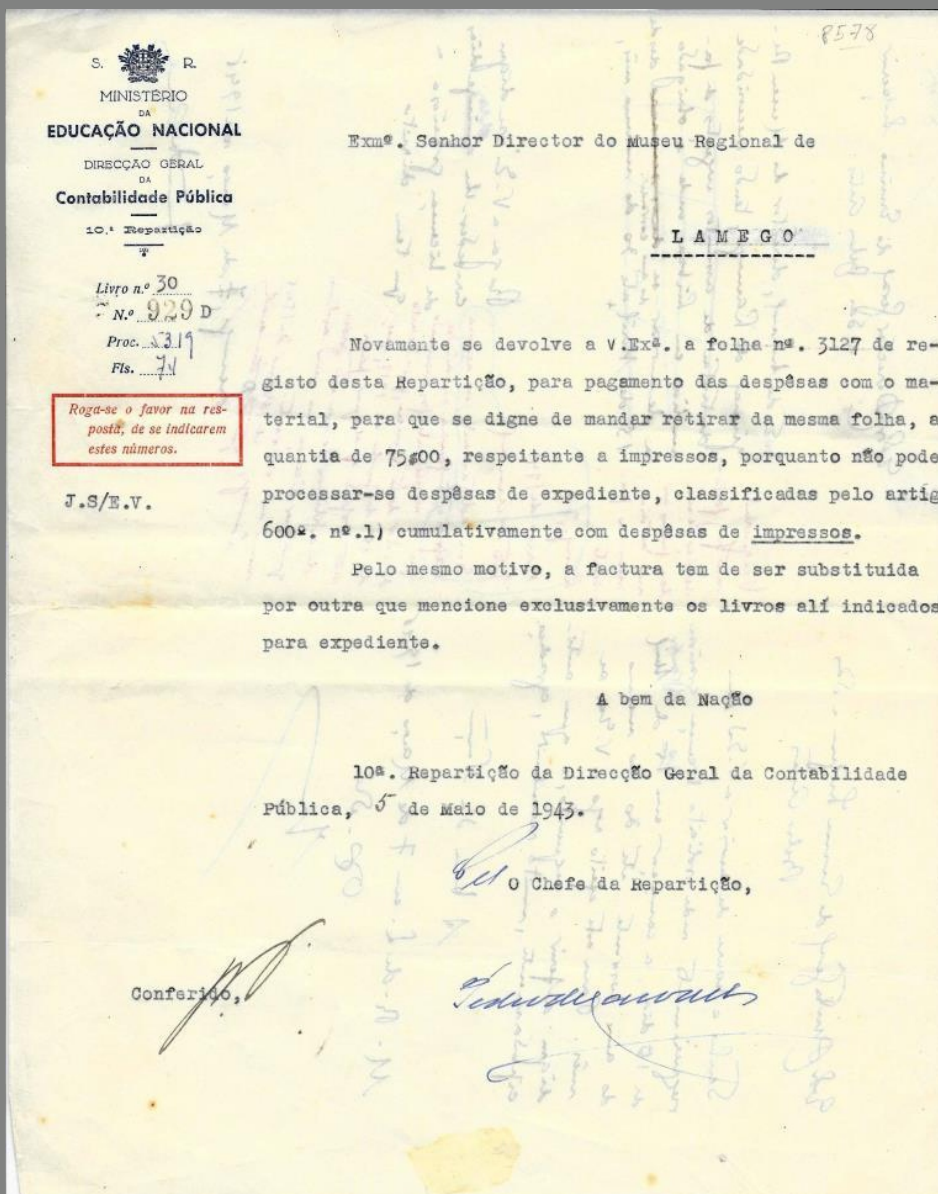


> 25.

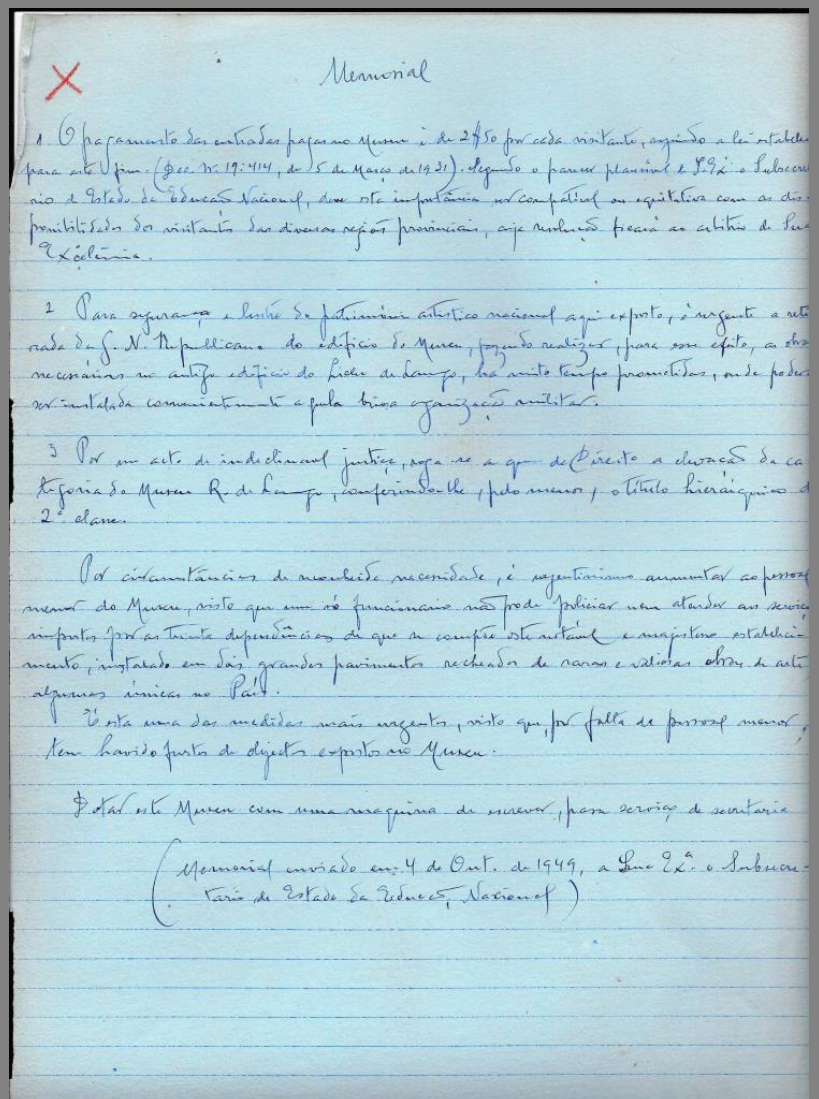
Carta dirigida por João Amaral ao Presidente da Comissão Executiva dos Centenários
Transferência provisória das tapeçarias do Museu para o Castelo de Guimarães
Comemorações do Duplo Centenário
Correspondência expedida

1940

[F.D. JA]

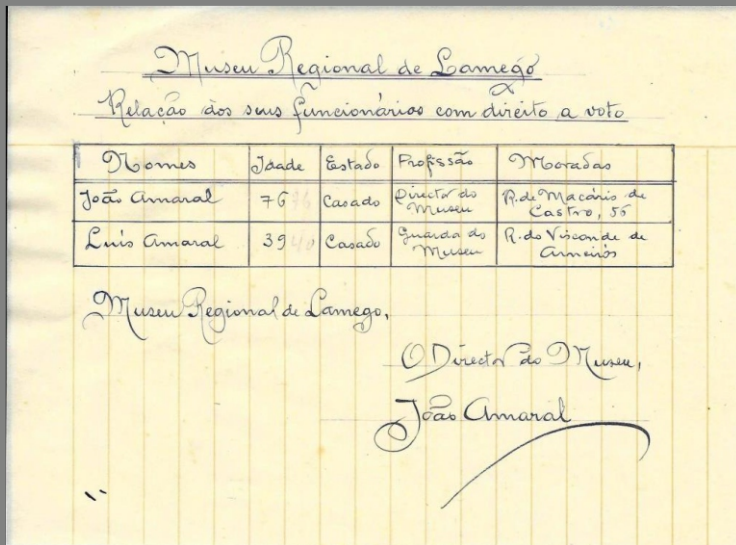


> 26.
 Correspondência recebida.
 Direcção Geral da Contabilidade Pública
 Substituição de factura de despesas
 1943
 [F.D. JA]

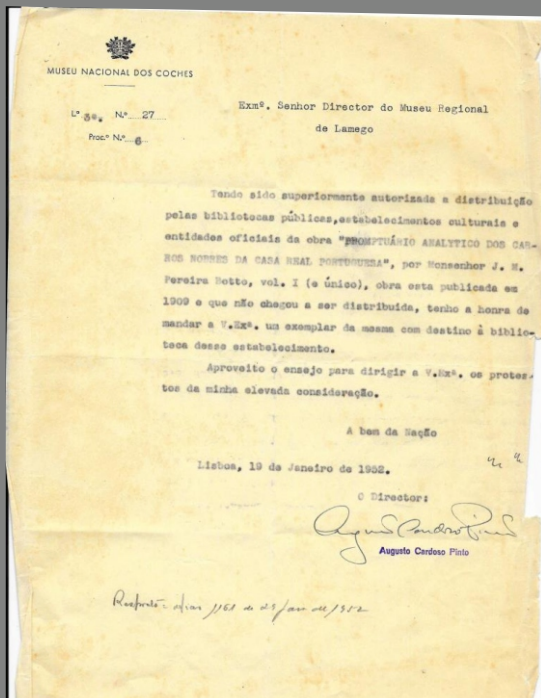


> 27.
 Memorial
 João Amaral
 1949
 [F.D. JA]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 28.
Funcionários do Museu com direito a voto
1950
[F.D. JA]



> 29.
Correspondência recebida
Distribuição da obra PROMPTUÁRIO ANALITICO DOS CARROS NOBRES DA CASA REAL PORTUGUESA (1909)
Museu Nacional dos Coches
1952
[F.D. JA]

Modelo n.º 106 do catálogo Director
Directorio de Terras Nacionais de Lamego
Mapa A

CADASTRO DOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO

Junta Regional de Arte e Arqueologia de Lamego (1)

Distrito de Viseu
Concelho de Lamego

Ministério da Educação Nacional
Instituto Geral de Terras Nacionais e do Galão Verde (1)

Cinc de 1953 (1)

(1)

Número (1)		Descrição	Situação (Pilhas, raia ou lago)	Tem placa de marco (P. E. 2)	Valor	Observações
de obra	de inventário de bens					
1		11 canções pessoais da autoria de João Amaral				
2		25 " ditadas "				
3		4 canções de homenagem pública de século XIX				
4		5 " ditadas "				
5		2 " de século XVIII				
6		1 medalha de prata de Francisco				
7		1 placa de madeira com versos pessoais e outros				
8		1 medalha com a effigie de D. João VI, com o reverso em latim, referindo-se ao seu reinado				
9		1 canção de João de Sousa de século XVIII				
10		2 canções de João de Sousa e outras, onde se descrevem dicas, pedras, etc.				
11		1 canção e medalha de ouro, com a effigie de D. João VI				
12		2 canções de João de Sousa				
13		1 canção de João de Sousa				
14		5 canções e 2 cartas				
15		1 canção em versos de António, João de Sousa e 2 canções de António de Sousa, com a effigie de D. João VI, e canções de metal, com a effigie de António e com a effigie de metal				
16		2 canções compostas em versos, com a effigie de António				
17		1 canção com a effigie de António, com a effigie de António de António, com a effigie de António, com a effigie de António				
18		1 medalha em ouro e prata				
19		1 canção em versos				
20		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
21		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
22		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				

Legado do falecido
João de Sousa
João Amaral

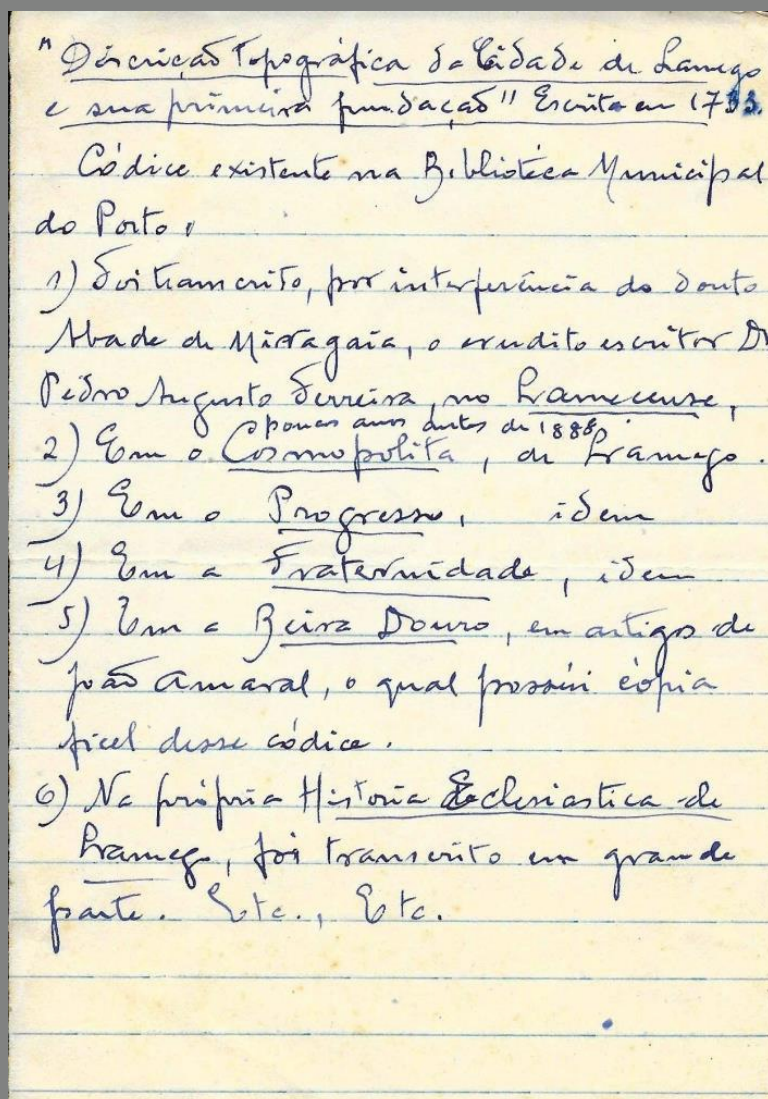
Número (1)		Descrição	Situação (Pilhas, raia ou lago)	Tem placa de marco (P. E. 2)	Valor	Observações
de obra	de inventário de bens					
22		2 canções de João de Sousa, com a effigie de António, com a effigie de António				
23		1 canção				
24		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
25		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
26		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
27		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
28		2 canções de António, com a effigie de António, com a effigie de António				
29		1 canção em versos				
30		1 canção em versos				
31		2 canções e 1 carta				
32		5 canções em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
33		2 canções de António, com a effigie de António, com a effigie de António				
34		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
35		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
36		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				
37		1 canção em versos, com a effigie de António, com a effigie de António				

Junta Regional de Lamego, em 29 de Outubro de 1953 -
O Director de Terras

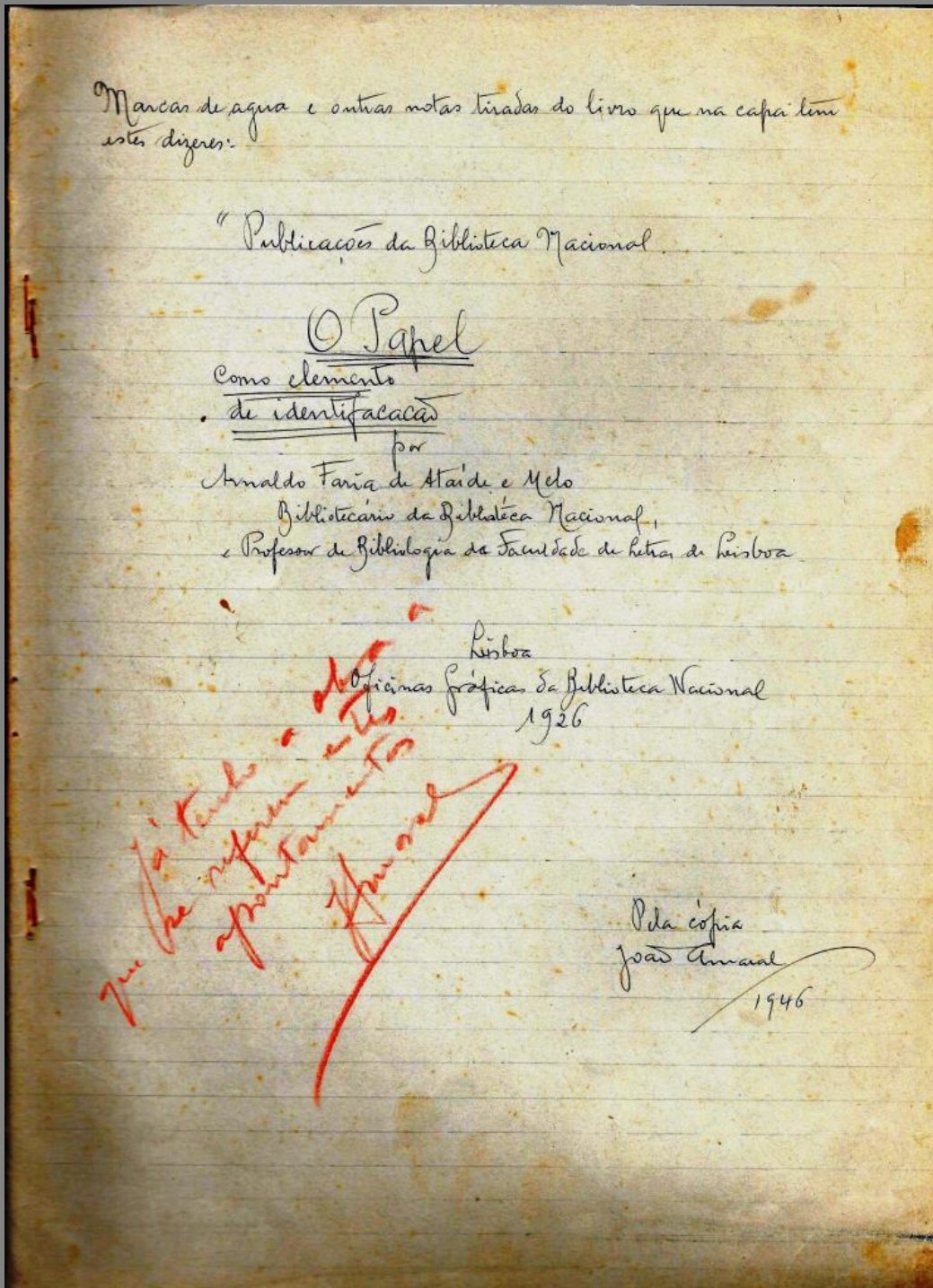
(1) Número dos bens inventariados anteriores, inclusive anteriores, mesmo variáveis de ... (2) ... (3) ... (4) ... (5) ... (6) ... (7) ... (8) ... (9) ... (10) ...

> 30.
Cadastro
Bens legados por João Amaral ao Museu de Lamego
1955
[F.D. JA]

| O INVESTIGADOR |



> 31.
 Manuscrito
 João Amaral
 Descrição topográfica de Lamego
 S/d
 [F.D. JA]



> 33.
Marcas de Água
"O papel como elemento de identificação" de Arnaldo de Faria Ataíde e Melo publicado pela Biblioteca Nacional em 1926
Cópia de João Amaral
1946
[F.D. JA]

O Papel

A indústria do papel, ao percorrer, através do ocidente, o mundo, experimenta de continúos novos progressos.

Oriunda do fim do Oriente, ganha com a civilização árabe a Europa, semeando por onde passa o gérmen da investigação. Vê-se em 650, em Samarcanda; em 800, em contra-se em Bagdad; em 1100, no Cairo. Passa o rio Africano, atravessa o Mediterrâneo.

O seu éxito é quasi sem par no amor da industria. Leva de vencida o pergaminho. Quando da sua aparição na Europa, no reinado em França de S. Leuís, havia já centenas de annos que se escrevia em pergaminho. Durante tempos as duas mactadonias viveram ao lado uma da outra. Mas a produção do papel augmenta com o consumo e este com as novas necessidades criadas. Torna possível a obra de Gutenberg. Pois se esta conseguiu impor-se ao mundo e o conquistou velozmente, é porque encontrou no papel o auxiliar indispensável.

Aparecem as cartas de jogar; requerem-nos as embalagens, a correspondência publica e particular. No século XVII nascem as gazetas. Melhor de sobra para tomar-se o papel precioso e nobre. O pergaminho começa a ter um uso restrito, atendendo ainda ao preço do mercado. Um volume de 200 páginas ficava ao tempo de Gutenberg por 150 francos em pergaminho e apenas por 10 francos em papel.

Mas se o papel é um maravilhoso instrumento de diffusão e vulgarização, é tambem o conservador e o guardião do passado, o que para a seguinte da civilização imposta não perder de vista.

Do papel é-nos conveniente conhecer, pelo que diz respeito ao seu exame intrínseco, os pontusais (pontuseaux), as vergaturas (vergures) e as marcas de água; os papelleiros por quem foram usados; as suas transformações através das idades, estudo que conjuncto com a história da industria do papel, fornece os elementos necessários para a identificação dos manuscritos e impressos.

Para boa compreensão do que se vai seguir julga indispensável uma leve indicação do fabrico do papel, de maneira a ficar bem comprehendido o que sejam os pontusais, as vergaturas e as marcas de água.

Se observarmos por transparência uma folha de papel, distinguimos perfeitamente um sistema de raias claras, e um desenho representando os mais variados objectos.

¿Como foi isto obtido? Da maneira seguinte: Uma especie de tear, cujo fundo é composto de numerosos fios metallicos, muito delgados, dispostos para

lamente, e oprimidos uns contra os outros e seguros perpendicularmente por outros mais grossos, situados a distância uns do outros, era coberto por um plano móvel de madeira, ficando entre eles apenas o intervalo suficiente para a espessura da folha de papel.

Introduzia-se este conjunto dentro de uma espécie de tina onde estava a pasta e sujeitava-se a compressão.

Retirado em seguida da vasilha, via-se que o intervalo entre a rede metálica e o plano da madeira se encontrava cheio de pasta. À maneira que se cava, a pasta endurecia, e separando-se no tear, retirava-se a folha de papel, que de seguida se endurecia com cola.

Colocando a folha de papel contra a luz, viam-se muitas raias, alternativamente claras e escuras, produto da fiação do tear, a qual inconstando-se na pasta da folha, tinha deixado uma menor espessura no ~~longo~~ lugar do fio (raias claras) e uma espessura maior nos interstícios (raias escuras).

As raias claras são as vergaturas.

Estas são atravessadas perpendicularmente por outras raias claras isoladas, correspondentes aos fios perpendiculares, que são os pontuais.

Na fiação tinha-se precedentemente formado, antes da sua imersão na tina, com entros fios metálicos, um certo desenho, cuja impressão sobre a pasta da figura a representada é a marca de água.

Dito pois o que sejam os pontuais, vergaturas e marcas de água, resta-me chamar a atenção para o muito que estes elementos concorrem para a identificação de manuscritos e impressos.

Efectivamente é grande o proveito que se pode tirar, principalmente das marcas de água, para o fim que tenho em vista. Se atendermos aos desenhos em si mesmos, de uma grande variedade, tais como escudos, emblemas heráldicos, castelos, jarros, instrumentos de música, utensílios diversos, monogramas e outros, que no decorrer deste trabalho terei ocasião de analisar e completar, bastantes ensinamentos nos fornecem de baixo do ponto de vista histórico.

Mas o interesse deste estudo não reside propriamente no desenho, mas no facto da grande variedade que as marcas de água têm experimentado no curso dos annos, o que nos permite determinar a idade e a origem do antigo documento.

Tendo o papelino colocado, na folha, a marca de água que ideou, esta marca constituiu uma verdadeira identidade em relação à localidade e à data.

Os manuscritos e impressos de papel, a que os homens, depois que o

papel substitui o pergaminho, confiam o seus produtos intellectuais, constituem um patrimonio vastissimo. Entre estes documentos ha um grande numero, que estao, por assim dizer, inutilizados para a historia, atendendo a falta de indicacao de data e localidade.

Ha tambem entre o que passam por originaes, numerosas copias e apocrifos.

Identificar uns, rejeitar outros, e apresentar a verdade, tal e o fim que compete ás marcas de agua.

Apesar dos progressos da paleografia, comtudo, sabem bem o paleografo quanto difficil se torna muitas vezes uma conclusao certa, se atendermos ás lutas e algumas ~~vezes~~ vezes inapreciaveis transformacoes, que durante um seculo experimentou a paleografia, difficuldade ainda accrescida pelo arraigado habito do escriba que em idade avancada se recusa a ceder a innovacoes.

Mas se a identificacao de um manuscrito e difficil, a difficuldade aumenta quando se trata de um documento apocrifo.

Nao e sufficiente, muitas vezes, o saber do sabio. Neste caso, ainda a marca de agua presta grandes servicos. E os documentos apocrifos nao saõ poucos.

Nao se fabrica ^{apenas} na arte; esse trabalho nao tem e que pericia nao empregam os genealogistas avidos de antepassados das empedas, para logarem convencer com falsos documentos o que almejam!

Relativamente aos autografo, que servicos nao prestam as marcas de agua!

Quando se ventillou o celebre processo Caffarel-Limousin, em Franca, o grande fabricante de papel, de Rives, Mr. Blanchet, demonstrou, pela marca de agua, que duas cartas, que Wilson tinha datado de 1884, eram apocrifas, porque este papel nao tinha sido fabricado senao em 1885.

Quanto aos livros, e começando pelos incunabulos, fálhos muitas vezes da indicacao da localidade, nome de impressor e data, e indo até aos numerosos e verdadeiros enigmas dos livros dos seculos XVII e XVIII, as marcas de agua saõ um precioso auxiliar para a sua identificacao. Auxiliar tanta mais seguro, que no livro ha a considerar a grande variedade ^{do} papel empregado na mesma impressao, e por isso mais elementos de estudo.

Mas e na gravura que as marcas de agua desempenham um vasto papel. Muitas vezes nao saõ sufficiente para cabal identificacao o assunto, o processo, a maneira ou qualquer outro indicio de mesmo genero. Senao havendo texto, e caracteres, e ao estudo do papel que temos de recorrer. A cabeca de boi do papel

empregado por Düren, o C Duplo, entrelaçado, do papel das gravuras de Callot, são exemplos ao acaso.

Bem merecem pois os pontosais, as vergaturas e as marcas de água um estudo especial.

Vergaturas

As suas transformações através da história do papel e a sua utilidade

A medida que a fabricação progrediu, tanto mais a finura do papel aumenta, e tanto mais também a vergatura se torna fina e serrada. Uma vergatura especial, que é considerada como uma grossa vergatura proveniente do emprego dum fio grosso, caracteriza os papéis da segunda metade do séc. XIV. Mas tendo o papel mais antigo apresentado uma vergatura mais fina, esta transformação parece a primeira nota constituir um facto anormal sobre o aspecto do processo da fabricação. Observando, porém, mais de perto, conclui-se que esta vergatura grossa na aparência, era na realidade o resultado da alternância de fios grossos e fio mais delgado. Estes últimos, resultado do seu maior diâmetro, impressionavam menos levemente a pasta.

Mas ainda assim o seu traço é perfeitamente visível. A marca de água que estava presa a todo o fio atraía os fios mais delgados que se vinham juntar aos mais grossos. Esta vergatura alternada deve ter sido empregada para, semelhantemente a um regado, facilitar a escrita, e que se torna mais evidente pela sua exclusão nas margens da folha. Tanto mais que, em papéis menos antigos, esta intenção se torna manifesta, pelo emprego de vergaturas especiais.

Emfim, uma característica dos papéis de vergatura alternada consiste num traço mais ombroso ao meio da folha. Provem da substituição dum fio grosso, por dois ou três fios mais delgados. Este uso é frequente de 1340 a 1390. Talvez se tenha julgado conveniente indicar ao escrito o meio da folha.

A vergatura grossa não tem um emprego prolongado. Desde 1365 volta-se pouco a pouco à vergatura fina. A mistura destes dois géneros de papel é particularmente densível em 1380. Posta esta em diante, o papel de vergatura grossa desaparecem e só raramente e a título excepcional se encontram nos primeiros anos do séc. XV.

A maior parte dos papéis do período que vai de 1345 a 1380 apresenta uma

particularidade notável, a linha fina vergatura suplementar, acentuada, ao meio da folha e suportando a marca de água.

Pontusais

As suas transformações através da história e a sua utilidade sob o ponto de vista bibliográfico

Os pontusais obedecem à mesma regra que a vergatura, e tornam-se mais delgados e mais aproximados ao mesmo tempo que ela. Em certos papéis de proveniência italiana e datando dos séculos XIV e XV os dois pontusais colocados ao lado da marca de água são mais espaçados do que o entros e separados por um pontusal suplementar. Este não é nunca coisido à vergatura, enquanto que os entros deixam algumas vezes fender os traços da costura. Finalmente, desde o sec. XIV e sobretudo desde o sec. XV, coloca-se na margem da folha um pontusal especial.

O formato do livro, os pontusais e as marcas de água

Em todo o livro antigo, se os pontusais são verticais na folha e se a marca de água está ao centro da página, o livro é um infolio. É uma regra absoluta até 1750, época em que se começou a adoptar a pasta única (papel único).

Se os pontusais vão da esquerda para a direita sobre a página do livro e a marca de água se encontra ao meio do livro na dobra sem, é um quarto.

Se os pontusais vão do alto abaixo e se a marca de água se encontra ao cimo da página, estamos em presença de um octavo.

Marcas de água

Época e razão do uso

"O uso da marca de água começa no fim do séc. XIII, e desde esta época os papéis sem marca de água são muito raros. A primeira marca de água aparece perto de 1282: é uma cruz. Em 1285 encontra-se a flor de lis, e a letra B, acompanhando a cruz; em 1286, a letra I; em 1288, um A, e IA; a partir de 1307, os nomes dos papeteiros por completo. As marcas de água diferentes contam-se por milhares. Cada uma delas tem a sua história, e ao seu conjunto preside uma regra, uma só lei. Os fabricantes eram pouco numerosos a princípio, não era pois necessário que o objecto que eles adoptaram como marcas designassem explicitamente os seus proprietários. Mas à medida que a industria se desenvolve e com ela a concorrência, vê-se manifestar a presumpção sempre crescente de tomar a marca de água mais significativa, mais pessoal, mais fácil de reivindicar, e isto até chegar finalmente ao emprego quasi geral dos nomes e iniciais.

Esta lenta transformação não aparece contudo como uma lei contínua. Esta cheia de excepções. Cada novo mocho, cada novo centro de produção fazia surgir novas marcas, que sofriam uma evolução do mesmo género, de maneira que a história geral da marca de água é feita dum conjunto de pequenas histórias assai semelhantes.

Torna-se necessário fazer uma breve história da industria do papel do paiz, que, na época de que trato (desde o aparecimento do papel na Europa até final do séc. XIX), tinham mantido relações comerciais com Portugal, para assim se poder estabelecer em boas regras, à face do exame das marcas de água do papel empilhado em Portugal, a verdadeira identidade deste papel, determinando-lhe possivelmente a origem e a data, e assignando em conclusão se efectivamente nesta época se fabricou entre nós papel e de que qualidade.

Destes paizes devem-nos interessar a Espanha, Italia, França, Alemanha, Inglaterra e o Paiz Baixo."

Espanha. — Levada pela invasão árabe para a Península Hispânica, de Fez, onde em 1184 já existiam perto de 400 mochos ou fabricas de papel, começa a manifestar-se a industria papelleira, desenvolvendo-se de principio em Gandia, entre os rios Albaida e Guadamar.

Essa propicia a localidade para esta industria, atendendo à grande abundancia de águas, a ponto de existirem fontes contínuas em quasi todas as casas particulares e à frondosa vegetação. No ja velho dizer de Plínio, o livro da antiga Sebaste (Játiva) levava a palma a toda a Europa. Existem (1) no Museu Arqueológico

provincial de Saragoça oito cartas (*charta bombycine*) escritas no país durante a primeira metade do séc. XIII; a primeira em ordem cronológica é de 1211, em papel de fatura, de fabricação árabe, com a seguinte indicação: «É o exemplar mais antigo que se conhece em Espanha». Por outros documentos posteriores existentes no mencionado Arquivo, fica-se conhecendo a muita importância atingida pela indústria papuleira de fatura, a ponto de merecer aos reis da confederação catalã-aragonesa toda a sua protecção. No séc. XIV esta indústria estende-se pela Catalunha, Valencia e Aragão, sendo o uso do papel espanhol vulgar em toda a Península. O que faltava era importado de Génova. No séc. XVI ainda existiam em Toledo e Valladolid dois moinhos que fabricavam papel destinado à impressão das bulas, privilégio concedido as ditas cidades.

Porém desde o principio do séc. XVI ao reinado de Filipe IV quasi todo o papel consumido em Espanha era importado da Flandres, sendo grande a exportação de trapo, de maneira a tornar-se necessaria uma medida restrictiva.

Italia — Começou-se a fabricar papel nesta região, desde 1200, em Fabriano, onde foi introduzida a ideia por Passi, que a levou de Espanha; havendo por quem afirma que o primeiro fabricante de papel deve ter sido Bernardo de Braga, e ainda outros o mestre Palise. De Fabriano passa a Pádua e Treviso.

Os estados de Treviso foram o segundo centro da industria papuleira na Italia. Treviso possuiu muito cedo essa industria.

Conhece-se um decreto do Senado de Veneza de 19 de Agosto de 1366, dizendo «que para bem e utilidade ^{da industria do papel que se produz em Trevis}, e de que muito ^{partida} se tira de Trevis a não ser para Trevis». Este privilegio manteve-se por longo tempo e as papuleiras de Trevis produziam ainda em 1619, época em que, atendendo à extensão tomada por esta industria e a pedido dos fabricantes da Riviera de Solo (Prov. de Varese), o Senado Veneziano declarou extinto este privilegio.

De esta maneira, embora o comercio italiano ainda importasse papel no séc. XIII, já no sec. imediato a industria papuleira estava florescente em Fabriano, Pádua e Udine. Durante a segunda metade do séc. XV, o norte de Italia intensificou a industria do papel, supria a insufficiencia dos seus vizinhos do Norte.

O Piemonte exportava-o para o vale do Po, para o vale do Aostano, Ainhad, Liad, Génova, e mais tarde para Strasburgo e para as cidades das margens do Rheno. Veneza alimentava a Baviera e a Austria, e o papel de Milão ia principalmente para a Austria.

No meado do sec. XVI funcionavam moinhos de papel na Saboia, Lombardia, Toscana e na Romagna. Em Nápoles, tornaram-se célebres os papéis Amalfi dos arredores desta cidade.

França — Provavelmente fabricou-se papel neste país desde o sec. XI, porém ao cento de 1248.

Em 1348 construiu-se o primeiro moinho em Troyes. Esta cidade e seus arredores foram um grande centro da industria papelleira. Muitos dos seus moinhos se transformaram em moinhos de papel.

O moinho Le Roy, alugado a Colin Son Papier, fabricou papel desde 1348-49. Mais tarde tomou conta dele o papelleiro Guillaume Journé. O moinho de la Belle é alugado ao papelleiro Jean de Ber em 1461. O moinho de la Moline transformou-se em moinho de papel no começo do sec. XV.

Estabeleceram-se ainda os papelleiros dos arredores desta cidade, Nicolas Leblé e Jacques Leblé. Edmond Perise, locatário do moinho de Forchy, é citado por M. Wiener, e ainda como dono de uma papelleira nos arredores de Troyes e pertence a uma familia de muitos membros, da qual Nicolas e Jacques, além doutros, exerceram a mesma profissão a partir do meio sec. XVI até ao meado do sec. XVII.

Edmond, cujo nome se encontra já figurado em 1566, qualificava-se em 1604 "papelleiro juramentado da Universidade de Paris, burguez de Troyes e arredores". Já em 1415 os papelleiros se tornaram clientes das Universidades, que os recomendaram desde então, para a concessão das immunições, aos reis, á nobreza e aos ecclesiásticos. Este mesmo Edmond toma mais tarde de arrendamento o moinho de papel de Barberey. Mencionavam-se ainda nesta região os papelleiros Jean Nivelles, e Simon Nivelles e Nicolas Pilllet, que em 1505 alugam o moinho de Pétal.

Em Auch, na Lorraine, aparece em 1580 o papelleiro Aubert, a quem foi concedido o privilegio do monogramma de Carlos III, Duque da Lorena, e sua mulher Cláudia de França.

A industria papelleira estende-se rapidamente por quasi toda a França.

O norte, centro e sul deste país tem seus moinhos em plena laboração nos seculos XIV, XV e XVI. Assim na Champagne tornam-se célebres os papelleiros Simonet da região de Brié.

A França fabrica papel em abundancia para seu uso e ainda para uma larga exportação, até á revogação do edicto de Nantes, em 1685, por Luis XIV, época em que grande numero de papelleiros emigram para a Holanda. É da França que Portugal, como vemos, importa grande parte do papel que consome, na época de que

como tratando.

Alemanha — Embora achemos o primeiros vestígios de fabricações de papel, neste país, no séc. XII, só mais tarde começa um fabrico regular em Kaufbeuren (1312), Nuremberg (1319), Augsburg (1320), ou, perto de Munich (1347), Leisdorf (1350), Basilea (1380). Contudo, a maioria dos primeiros papéis empregados na Alemanha são de proveniência italiana.

A industria entou a desenvolver-se perto das Universidades. Em 1390 Ullmann estabeleceu centros em Nurembergue um modelo completo. O mais antigo papel alemão identificado é um documento de 1424.

Em 1486 aparece o papel com a marca de água representando os braços de Augsburg. No séc. XVI o papel saxónio com as aranhas de Saxe. Successivamente aparece o papel com o nome das localidades de Pinig (1500), Waldenburgo (1500), Schwargbach na Boémia (1500), Lamekivitz (1516), e os braços e o nome de Kirchberg em 1500 e 1635.

O nome de Chemnitz não se encontra senão em 1690, pois que só em 1689 ali foi construída uma papuleira.

Países Baixos — Até ao séc. XVII não se produziam papel nestes países, e o que de ali se importava, era papel que passava em trânsito. Foi somente com a revogação do edito de Nantes, em 1685, que os protestantes emigrados de França ali implantaram a industria papuleira.

Inglatera — O primeiro modelo foi o de Stevenage (1460) e mais tarde aparece um outro em Dartford (1558), produzindo pouco fracamente, e importando o país ainda papel durante os séculos XVI e XVII.

São estes os países de que Portugal pede, porventura, ter importado papel até ao final do século XIX.

Portugal — Relativamente à historia da industria papuleira em Portugal neste período, sabe-se da existencia de várias concessões para montagens de moinhos e privilégios para transporte de trapo.

Assim, e já averiguado: em 29 de Maio de 1411 foi Gonçalo Lourenço autorizado a mandar erguer no rio Liz, nos termos de Leiria, engenhos de fazer fisco, deisar maizira, pisar burel e fazer papel. Este Gonçalo Lourenço morreu em 1426, deixando como herdeiros João Gonçalves, sendo, em virtude duma tragedia familiar, nomeado curador dos seus filhos, Fernão Rodrigues, que em 27 de Fevereiro de 1441 fez passar uma carta de privilegio, a favor dum homem para condução de trapo com destino a que-les engenhos.

Este homem também uma oficina, pertença de Pero Alvares, próximo da Batalha, num local chamado «o chad dos moinhos de papel» (1)

Que Manuel de Fois, irmão de Damião de Fois, pensou em fabricar papel, conforme se prova por escritura de 1 de Outubro de 1537, em que os Monjes de Mosteiro lhe empregarão «o sítio e água da levada acima dos moinhos da Fozença, no caminho de Mosteiro para Maiorça, a fim de ali poderem construir um engenho para fazer papel», e foi uma carta de privilegio a favor de Manuel de Fois passada por D. João III, de 10 de Outubro do mesmo anno.

Que Manuel Teixeira conseguiu de D. Sebastião, em 22 de Maio de 1585, lhe fossem concedidas as coisas de que precisasse, pelo preço da terra, durante 4 annos para estabelecer um moinho de papel em Alenquer.

Que D. João IV quis introduzir esta arte (de fabricar papel) em Portugal, e para isso mandou fazer uma oficina em Vila Viçosa, que com as occasiões da época não teve effeito. (Revista Militar, Vol. 46 (1846) pag. 106)

Que por Alvará de 8 de Julho de 1663 foi permitido a Pedro Dufour fazer à sua custa um engenho para lavar folhas de esparto e toda a sorte de arame costante, e bem assim uma oficina de papel durante seis annos, fundamentando-se esta graça em ter mandado vir de norte officias para aquelles trabalhos. (Sombro dos Bens do convento da Batalha, Arquivo da Torre do Tombo)

Este Pedro Dufour era filho de Francisco Dufour, superintendente das ferrerias, que dirigiu nesta qualidade a fabrica de Tomar e outros trabalhos e foi tenente general de Artellaria de Alentejo, ficando à sua morte o seu filho Pedro Dufour como superintendente das Ferrerias de Tomar e Figueira e da mina do Algarve.

Nadas das noticias mais antigas sobre a industria do papel em Portugal.

Nenhuma delas adianta sobre a actividade dos moinhos acima citados.

A sua producção, se a houve, deve ter sido muito fraca.

Como chegados ao sec. XVIII, época em que se entra em melhor aproveitamento e resultados apreciáveis

Faremos o estudo, em especial, relativamente a cada uma das fabricas.

«O papel, diz Severim de Faria nas Noticias de Portugal, pag. 18, ed. de 1740, também he cousa de muito uso, e que todo nos vem de fora. No Reynado del Rey D. João V que Deos quando se introduziu esta fabrica no Reyno na Villa de Louisa junto à cidade de Coimbra, em que se faz papel ordinario, florido e imperial.»

Esta a mais antiga noticia que encontro sobre industria do papel na Louisa.

(1) Severim de Faria, Noticias de Portugal, pag. 19.

Qual seria a data da fundação desta fábrica?

Pinho Leal e por sua vez, o Dicionário de Portugal (talvez cópia do antecedente) diz: "Foi esta fábrica fundada por um estrangeiro, em 1748, sendo-lhe D. João V, por empréstimo, 2.800\$00, para a sua construção".

Esta porém deve ter sido anterior. Efectivamente Severim de Saria, como acima disse, já em 1740 a mencionava.

Existia já, em 1716, pois em 27 de Dezembro deste anno, (1) D. João V fez menção de uma tença annual de trinta mil reis a José Luis Annot, filho de João Neto Annot, pelos relevantes serviços prestados por este, como superintendente da fábrica de papel, e como constituto e primeiro fabricante de papel (pois chegou a mandar amostras deste produto a D. João).

Antes de 1749 pertenceu a Joseph Maria Ottone, e por sua morte como testamento foi o órgão a Bartolomeu Marinelli. Deve ser este que Ratten se refere nas Recordações. "A fábrica era dirigida por um official genovez, a qual trabalhava... com pilões, e unicamente duas tintas por falta de agua."

Bartolomeu Marinelli conseguiu de D. João V um alvará (19 de Maio de 1749) proibindo a expedição de tropas em seu benefício. D. João V neste citado Alvará diz que Joseph Maria Ottone Annot foi fundador. É provável que João Neto Annot falleceu logo de principio da industria, ainda mal mantida e que lhe desse desenvolvimento Joseph Maria Ottone.

Joseph Maria Ottone entra em plena exploração, vendendo grande quantidade de papel, entre outros à Academia Real de Historia, para as suas publicações. Assim, desde 1724 até 1739, apparecem varias ordens no livro manuscrito de despesas da dita Academia, em que se manda pagar ao dito José Maria Ottone successivas importâncias por fornecimento de papel e despesas da sua condução (1).

Em 1741 já tinha morrido Joseph Maria Ottone (1). Os recibos da Academia eram pagos a Antonio Coddicia Barreto, que tinha alcançado sentença por dividas, para cobrar os recibos que tivessem a mulher e os filhos de Joseph Maria Ottone.

Esta sentença cumpria-se ainda em 1754.

Em 1749 estava Bartolomeu Marinelli na direcção da fábrica como testamento foi o órgão de Joseph Maria Ottone.

Em 1769, estava em poder particular de Anselmo Fe da Cruz & C. Produz bastante. Mas por dividas, passa a ser administrada por José Ant. de Amorim Viana á conta do Estado, estando ainda nesta situação em 1814 (2), sendo elevada a sua produção. Em 1821 o seu estado era muito precario, e foi á praça, tinha apenas tres tintas e produzia o terço do

(1) Veja-se a documentação junta.

(2) Relatório das Nações (1821). Variedades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufactura

seu fabrico de outora. Em 1824 foi comprada pela firma Pinna & Co. de que fazia parte João José de Lemos, ficando em 1833 este seu único proprietário. Nesta época data o seu grande desenvolvimento. Aparentara-lhe mais duas irmãs e é devido à actividade de António Gonçalves seu director, que toma grande incremento. Em 12 de julho de 1873, João José de Lemos arrematou o privilégio de papel selado. Por sua parte vendeu a propriedade a seu afilhado João Gonçalves de Lemos, e depois do falecimento deste (1876), passou para a firma de Vinha Lemos & Filhos até 1889, época em que se constituiu com outras fabricas a Companhia do papel do Prado.

Alenguer — Como já disse acima, em 22 de Maio de 1565, D. Sebastião concedeu diversos privilégios a Manuel Teixeira, para constituir na vila de Alenguer umas oficinas para fazer papel (1). Na ultima metade do se. XVIII parece ter havido uma fabrica. Rattou diz que indicou a Alenguer a frei Antonio da Silveira, contractador de trapos, a quem uma Real Junta de Comercio, embaraçada provisoria para exportar esta materia prima, persuadindo-o que era melhor que de estabelecer-se uma fabrica de papel. Este homem, adoptando o meu conselho, se associou, com um inglês chamado Taylor ou Parker; e ambos, com poucos fundos, estabeleceram uma tal ou qual fabrica, no proprio local, que se incorporou á nova fabrica, e na qual foi empregado, principalmente, o dito Silveira, na compra de trapos, com o bem achado nome de Trapos que, por seu falecimento, passou a seu genro, o sr. Antonio Mendes Franco (1).

Em 15 de julho de 1802, durante a regencia do Principe, mais tarde D. João VI, saiu um decreto permitindo o estabelecimento de uma Companhia, conforme com as condições approvadas no Alvará de 2 de Agosto do mesmo anno.

Diz Jacome Rattou que o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho empregou bastantes esforços para a realisação deste empreendimento. O plano da fabrica foi elaborado pelo desembargador Domingos Mentem de Amaral. Na Bibliotheca Nacional, na secção de Manuscritos, existe um Plano e meios para a construcção da Fabrica de Papel de Alenguer elaborado por José Terésio Mitchetty.

Da construcção da Companhia, que em 1805 deu começo aos edificios, fazia parte (segundo Pinna Real) o príncipe Barão de Serintela. Terminou-se a construcção e deu-se começo á laboração. Mas com as invasões francesas, tudo cessou. Por carta Régia de 26 de julho de 1811, fez-se a reedificação e recommençou a

(1) Estas notas e algumas outras foram tiradas de obra Alenguer e seu conselho, de Guilherme João Carlos Henriques.

laboração.

Em 1814 era pertença de Jerardo Venustau Bramcamp e sócio e estava em plena produção (1).

Continua a produzir até Março de 1829, época em que fechou por ter sido preso, por opiniões políticas, o seu administrador.

Por carta de lei de 23 de Julho de 1850 foram mandados vender em hasta pública o edificio, as máquinas e seus pertences. Funda-se em 1854 a Comp.^a de Papel de Menquin e entra de novo a produzir. Em 1889 resolveu-se abandonar a fabricação de papel e utilizar a fábrica para a produção de lanifícios.

Vizela — Em 24 de Novembro de 1789 foi dada autorização à firma António Marcos Antero & C.^a do Porto, para a fundação duma fábrica junto ao rio Vizela, sendo-lhe dadas certas regalias, entre as quais a duma marca especial. Este alvará foi confirmado em 1794. Um dos seus fundadores foi Joaquim Joaquim Antero Ribeiro.

Por sentença judicial fechou de entre 1882 e 1883. Uma outra fábrica que ficava próximo de Vizela foi fundada por provisão de 9 de Agosto de 1800 e era propriedade de Francisco José Ribeiro & C.^a, de S. Miguel das Caldas, a qual produzia papel almaço de esverdeado, branco, lizo, etc., conhecido como o papel das Caldas de Vizela.

Sinda outra fábrica existiu, e esta fundada sob a iniciativa de Francisco José Moreira de Sá, constituindo-se em 28 de Maio de 1804, tendo como sócio gerente o inglês Thomas Bishop. Os franceses destruíram-no e obrigaram o fundador a fugir para o Brasil.

Em Paramo, junto à cidade de Braga, diz Severim de Faria, nas suas Noticias de Portugal, existiu no tempo de D. João V uma fábrica de papel pardo. Uma outra ainda existiu em S. José, perto da mesma cidade, nos princípios do sec. XIX.

Logo adiante de Poullas, na estrada de Lintia, foi fundada uma em 1775 pela firma Henrique Schumacker & C.^a (1). Em 1814, segundo Aécio das Neves, havia nesta localidade duas fábricas: uma de Barad de Lintela, que estava estacionada, e o seu consumo era para o estanco de rapé; e outra de Santa Pedro Luis de Oliveira, cuja produção era consumida em Lisboa.

Guimarães — Em 1814 existiam duas fábricas.

(1) Variadas sobre objectos relativos ao autor, de Aécio das Neves, 1814.

(1) Anais da Bibliotheca e Inquirição, artigos de Paul Provença e António Barcelmo.

Mons em Mercia dos Côngos, propriedade de Ant. Alves Ribeiro, em estado progressivo; e outra no lugar de Corte de Refeiros, de Manuel de Sousa Lobo, nas mesmas condições.

Feira — Na mesma época, existiam nesta localidade duas fábricas. Uma do Padre José Pinto de Almeida e outra de Francisco Novais Modica, ambas em decadência.

Troços Novos — Em 1818, no Casal do Frijal, Zilreina, fundou-se uma, de trabalho manual.

Ponte de Sotam — Fundou-se em 1821 uma fábrica nesta localidade.

Santo António do Sojal — Na Melheira, iniciou-se a produção em 1840.

Tomar — Como anteriormente já disse, no sec. XVII pensou-se na fabricação de papel nesta localidade. Com o regimen proteccionista de 1836, montou-se esta industria em Tomar. Foi seu fundador Henrique de Moura Pieta, que a vendeu em 1875 a uns capitalistas da cidade do Porto.

II Índice Geral

- 1 — Mão esquerda enluvada, sob estrela de 6 pontas. — *Breviarium Bracarum*. Braga, João Gherlinc, 1494.
- 2 — Mão direita tendo no pulso, lado esquerdo um trifolio, sob estrela de 6 pontas. — *Breviarium Bracarum*. Braga, João Gherlinc, 1494.
- 3 — Mão direita sob coroa de 5 pétalas. — *Breviarium Bracarum*. Braga, João Gherlinc, 1494.
- 4 — Mão direita enluvada, com um g na palma, sob estrela de 6 pontas. — *Horas Lacute. Memorabeli. perpulvis*. Leiria, Horas de Artes, 1496.
- 5 — Mão direita em sinal de bênção com um D no pulso. Fonçalo Garcia de Santa Maria Evangelhos e epistolas com suas applicações em romance. Porto, Pedro Jus Moraes, 1497.
- 6 — Mão direita abençoando com um coração no pulso. — *Breviarium Bracarum*. Braga, João Gherlinc, 1494.
- 7 — Circulo tendo no centro uma coroa. — *Vita Christi*. Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 8 — Circulo tendo no centro um pato. — *Vita Christi*. Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 9 — Coroa. — *Vita Christi*. Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 10 — Roda de Santa Catarina atravessada por um arco. — Fonçalo Garcia de Santa

- Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 11 — Cruz de Malta, com suspensã na parte superior. — Fonecato Garcia de Santa Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 12 — Cabeça de boi armada. — Fonecato Garcia de Santa Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 13 — Circulo com uma cruz. — Vita Christi, Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 14 — Coroa tendo ao penna uma pequena oval. — Vita Christi. Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 15 — Cruz de Santo Andre. — Fonecato Garcia de Santa Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 16 — Mão esquerda abençoando. — Fonecato Garcia de Santa Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 17 — Coroa. — Vita Christi. Lisboa, Nicolau de Saxonia e Valentim Fernandes, 1495.
- 18 — Leão com barba e voltado para a direita. — Breviarium Bracarense. Braga, João Gherlino, 1494.
- 19 — Leão andante, voltado para a esquerda. Breviarium Bracarense. Braga, João Gherlino, 1494.
- 20 — Leão com faixa, voltado para a esquerda. — Fonecato Garcia de Santa Maria. Evangelhos e epistolas com suas expositões em romance. Porto, Rodrigo Soares, 1497.
- 21 — Mão direita enxada por uma roseta de 6 pétalas. — Cronica do Condestable de Portugal D. Nuno Alvares Pereira. Lisboa, Jeronimo Galhardo, 1526.
- 22 — Mão esquerda enxada, com um miinho na palma, orb roseta de 6 pétalas. — Regras e definições da Ordem do mestrado do novo senhor Jesus Christo. S. I., Valentim Fernandes, 1503.
- 23 — Mão direita enxada, orb roseta de 5 pétalas, com um Marescotas. — Regras da ordem do mestrado do novo senhor Jesus Christo. S. I., Valentim Fernandes, 1503.
- 24 — Mão direita enxada orb coroa. — Missale secundo consuetudinem... Lisboa, Jeronimo Galhardo, 1509.
- 25 — Mão esquerda enxada por roseta de 5 pétalas, e com as letras J B ao centro. — Regras, estatutos e definições da ordem de Santiago. Lisboa,

- Herman de Campos, 1509.
- 26 - Mão direita enluvada sob uma seta - Missali secundum consuetudinem... Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1509, (1539?).
- 27 - Mão esquerda sob coroa de marquês. - Maximus de lema. Grammatica. Coimbra, Motus de Santa Cruz, 1535.
- 28 - Mão direita enluvada sob roseta de 4 pétalas. - Francisco Alvarez. Verdadeira informação das terras do Preste João. S. I., Luís Rodrigues, 1540.
- 29 - Jans com flor de lis na parte inferior, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Ordenação de veludo e sedas. S. I., 1535.
- 30 - Jans com faixa, tendo as letras P.R, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Pedro Nunes. Tratado da esfera, Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1537.
- 31 - Jans liso, sob coroa de marquês, encimada por roseta de 4 pétalas. - Pedro Nunes. Tratado da esfera. Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1537.
- 32 - Jans com faixa, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Luís António. Panegyrica oratio elegantissima. Lisboa, Luís Rodrigues, 1539.
- 33 - Jans sob coroa encimada por roseta de 4 pétalas. - Missali secundum consuetudinem... Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1509, (1539?).
- 34 - Jans com faixa, tendo as letras S.P, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Constituição do arcebispado de Braga, Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1538.
- 35 - Jans com faixa sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - João Soares. Livro dela verdade de la fé. Lisboa, Luís Rodrigues, 1543.
- 36 - Jans de 2 faixas com o nome Simonet, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Capitulo de cortes, e leis que sobre alguns delles fizeram. Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1539.
- 37 - Jans em forma de gonil, sob coroa ~~de~~ encimada por roseta de 4 pétalas. - Ordenação da ordem de juro. Lisboa, Jerónimo Galhardo, 1539.
- 38 - Jans liso, sob coroa de marquês, encimada por roseta de 4 pétalas. - Francisco Alvarez. Verdadeira informação das terras do Preste João. S. I., Luís Rodrigues, 1540.
- 39 - Jans com duas asas sob coroa de marquês, encimada por roseta de 4 pétalas. - João Soares. Livro dela verdade de la fé. Lisboa, Luís Rodrigues, 1543.
- 40 - Jans com faixa lisa e flor de lis na parte inferior, sob coroa de marquês encimada por roseta de 4 pétalas. - Francisco Alvarez. Verdadeira informação das terras do Preste João. S. I., Luís Rodrigues, 1540.

- 41 — Jarras em forma de gornil com alevos sob coroa de marquis encimada por roseta de 4 pétalas. — Martin Apicicetta Navarro. In tres de presentia commentarii. Coimbra, João Álvaro e João Janeiro, 1542.
- 42 — Cacho de uvas invertido com^{as} letras A.P.P. na parte inferior. — Manuscrito do Hospital de S. José. Registo geral. Original de 1501.
- 43 — Concha simples. — Manuscrito do Hospital de S. José. Registo geral. Original de 1501.
- 44 — Flor campanulada. — Manuscrito original de 1504 existente na Torre do Tombo. Doc. 129, Maco 4.
- 45 — Flor de lis. — Manuscrito original de 1508 existente na Torre do Tombo. Doc. 77, Maco 640.
- 46 — Polvorinho. — Manuscrito original de 1507 existente na Torre do Tombo. Doc. 64, maco 60.
- 47 — Roda de Santa Catarina, simples, com 8 raios. — Manuscrito do Hospital de S. José. Registo geral. Original de 1510.
- 48 — Círculo com uma cruz. Repetido, igual ao nº 13.
- 49 — Círculo encimado por uma cruz latina tendo na parte inferior as letras T.M. — Livro de Recetas do Hospital de S. José. Original de 1511.
- 50 — Círculo com pequeno retângulo oblongo no centro. — Regra e justificam da Conversação do mangos. Coimbra, Jerónimo Salgado, 1531.
- 51 — Jarras com faixa larga na parte inferior tendo gravada tres letras, sob coroa de marquis, encimada por roseta de 4 pétalas. — Capítulos de costas, e leys que sobre alguns d'elles fizeram. Lisboa, Jerónimo Salgado, 1539.
- 52 — Padrão encimado por um escudo coroado tendo em campo uma cruz. — Elemento Sanchez Verchial. Sacramental e linguaagem. Braga, João Beltrão, e Pedro de la Rocha, 1539.
- 53 — P. sob roseta de 4 pétalas. — Francisco Álvaro. Verdadeira informaçam das terras do Preste joam. S. I., Luis Rodriguez, 1540.
- 54 — P. sob roseta de 4 pétalas. — Francisco Álvaro. Verdadeira informaçam das terras do Preste joam. S. I., Luis Rodriguez, 1540.
- 55 — P. sob roseta de 4 pétalas. — Francisco Álvaro. Verdadeira informaçam das terras do Preste joam. S. I., Luis Rodriguez, 1540.
- 56 — Escudo com flor de lis ao centro. — Gonçalo da Silva. Livro da vida de S. Bernardo. S. I., Luis Rodriguez, 1544.
- 57 — Escudo incompleto, com roseta ao centro. — Gonçalo da Silva. Livro da vida de S. Bernardo. S. I., Luis Rodriguez, 1544.

- 58 — Escredo tendo no centro 4 colunas cruzadas. — João Soares. Livro da verdade da fé. Lisboa, Luís Rodrigues, 1543.
- 59 — Esfera atravessada por eixo tendo na eclíptica as letras B. B, sob estela de 5 pontas. — Arnaldus Fabricius Aquitanus, Liberalium artium studios oratio... Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1548.
- 60 — Esfera armilar segura pelo eixo por uma mão direita. — Martín Espilecua Navarro. Additio de la repetición del cap... S. I, e tip., 1550.
- 61 — Esfera armilar sustentada pelo eixo por uma mão. — Martín Aguilera Navarro. Relectio in Leviticis. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1550.
- 62 — Escredo tendo no campo uma flor de lis, e na parte inferior as letras B. A. — Jerónimo Osório. De gloria libri V. Coimbra, Francisco Corrêa, 1549.
- 63 — Esfera sob estela de 5 pontas. — Jerónimo Osório. De gloria libri V. Coimbra, Francisco Corrêa, 1549.
- 64 — Mão esquerda encimada por uma roseta de 5 pontas, tendo na parte inferior da palma em M. — Andrade de Resende. Oratio habita Conimbricæ in Gymnasio Regio, etc. Coimbra, João Barreira, 1551.
- 65 — Mão esquerda sob escudo, tendo na palma um coração. — Manuel Costa. Commentaria in § Si arbitratus. I. cum tale... Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1551.
- 66 — Mão direita sob estela de 6 pontas. — Manuel Costa. Commentaria in § Si arbitratus. I. cum tale. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1551.
- 67 — Mão esquerda enluvada sob estela de 5 pontas tendo no pulso as letras P. M. — Fernão Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da Índia. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1552.
- 68 — Mão esquerda enluvada sob escudo. — Fernão Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da Índia. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1552.
- 69 — Mão direita sob estela de 5 pontas. — Marco Cocio Sabelico. Segunda enxada. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1553.
- 70 — Mão direita sob escudo tendo no campo uma concha. — Marco Cocio Sabelico. Segunda enxada. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1553.
- 71 — Mão esquerda sob escudo corcado. — Tratado de avisos de confessores. Coimbra, João Barreira, 1560.
- 72 — Mão direita sob escudo encimado por um trifolho, tendo na parte inferior do pulso e um pouco afastadas as letras P. R. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da Índia. Coimbra, João Barreira e João Alvaros, 1552.
- 73 — Mão esquerda enluvada sob escudo tendo no pulso uma flor de lis. — Fernão

- Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da India; Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552
- 74 — Mão esquerda enlurada, sob coroa. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 75 — Mão esquerda corçada tendo como pinto um círculo. — Marco Concio Sabelico. Segunda enciclopedia. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1553.
- 76 — Mão direita corçada, encimada por um trifólio, tendo na parte superior da palma duas letras, a primeira indica fravel e a segunda um P. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 77 — Janso de duas asas florido. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 78 — Janso florido de duas asas. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 79 — Janso corçado encimado por disco lunar, sendo a parte central em relevo no estilo grego. — Fernão Lopes de Castanheda. Sexto livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1554.
- 80 — Janso florido, de duas asas. — Fernão Lopes de Castanheda. Setimo livro da historia da India. S.I. e tip., 1554.
- 81 — Janso florido, de duas asas. — Fernão Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 82 — Janso florido de duas asas e dois pés. — Fernão Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 83 — Janso florido de duas asas, encimado por trifólio. — Fernão Lopes de Castanheda. Terceiro livro da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 84 — Janso florido de duas asas encimado por trifólio. — Marco Concio Sabelico. Segunda enciclopedia. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1553.
- 85 — Janso florido de duas asas. — Fernão Lopes de Castanheda. Quarto livro da historia da India. Coimbra, João Barreira, 1561.
- 86 — Janso sob coroa de marqués encimado por trifólio, tendo na parte central um letrero com as letras N. E. — Fernão Lopes de Castanheda. S.I. e tip., 1554.
- 87 — Espécie de peixe. — Fernão Lopes de Castanheda. Livro segundo da historia da India. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1552.
- 88 — Flor de lig. — Livro manuscrito de Receita do Hospital de S. João, original, 1551, n.º 228.

FUNDOS DOCUMENTAIS

- 89 — Flor de lis. — Livro manuscrito de Receita do Hospital de S. José, original, 1551, nº 328.
- 90 — Esfera atravessada por eixo e eclíptica e encimada por estela de 5 pontas, tendo lateralmente duas letras: à esquerda um B florido, à direita um I. — Marco Cosio Sabellio. Segunda edição. Coimbra, João Barreira e João Álvares, 1553.
- 91 — Candilabro. — Historia della Iglesia que llama Ecclesiastica y tripartita. Coimbra, Juan Alvarez, 1554.
- 92 — Coração sob roseta de 4 pétalas. — Historia della Iglesia que llama Ecclesiastica e tripartita. Coimbra, Juan Alvarez, 1554.
- 93 — Esfera atravessada por eixo, e eclíptica tendo na parte superior uma roseta com 4 pétalas e na inferior um trifólio. — Historia della Iglesia que llama Ecclesiastica y tripartita. Coimbra, Juan Alvarez, 1554.
- 94 — Esfera atravessada por eixo tendo nas extremidades um coração e um trifólio, e lateralmente duas letras: à esquerda um F, à direita um I que lido ao meio. — Fernão Lopes de Castanheda. Setimo livro da historia da India. Coimbra, João Barreira, 1554.
- 95 — Galeão com mastro, tendo na extremidade um galhardete voltado para a direita. — Fernão Lopes de Castanheda. Primeiro livro da historia da India; Coimbra, João Barreira, 1554.
- 96 — Galeão com mastro, tendo na extremidade um galhardete voltado para a esquerda. — Fernão Lopes de Castanheda. Setimo livro da historia da India. S.I. e tip., 1554.
- 97 — Figura humana com coroa. — Marco de Lisboa. Exercício... e Paixão de N. S. Jesu Christo. Lisboa, João Blavio, Ed. João de Rorgonha, 1562.
- 98 — Morcego encimado por trifólio, tendo na parte inferior as letras G. M. — Manuscrito do Hospital de S. José. Livro das Receitas, original, 1564.
- 99 — Esfera atravessada por eixo, tendo na extremidade superior uma estela de 6 pontas e na inferior uma esfera pequena. Acompanha esta marca a legenda: FIANVIER 106. — Na orden que se temo en la solene procession..., Lisboa, M Lira, 1582.
- 100 — Cacho de uvas, tendo no centro as letras D.R. — Doação de D. Sebastião a D. Henrique. Manuscrito existente na Torre do Tombo, Liv. 12 Original de 1562-63.
- 101 — Trifólio. — Luis de Camões. Poesias. Lisboa, Manuel de Lira, 1584.
- 102 — Figura de criança corçada. — Francisco Monçon. Espejo del principe Christiano. Lisboa, Antonio Gonçalves, 1571.

- 103 — Cavalos a galope tendo na parte inferior as letras: P. P. — Carta da Rainha D. Catarina para o bispo p. Jerónimo Osório. Manuscrito original da B. Nacional, 1571.
- 104 — Esfera sob estrela de 5 pontas, na parte inferior pequena circulo. — Pero de Magalhães Gandavo. Historia da provincia de Santa Cruz — Lisboa, Antonio Joncalves, 1576.
- 105 — Circulo tendo no campo uma besta. — Livro de Recitas do Hospital de S. José, original de 1565-66.
- 106 — Esfera sob uma estrela de 5 pontas. — Quate Nomes de Reis. Reis extravagantes. Lisboa, Antonio Joncalves, 1585-1569.
- 107 — Pombos. — Heta Pinto. Janagem da vida christã. Lisboa, Andre Bedato, 1585.
- 108 — Esfera sob estrela de 5 pontas. — Jeronimo Corte Real. Successo do segundo cerco de Din. S. I., Antonio Joncalves, 1574. Encontra-se a mesma marca em: Pero Magalhães Gandavo. Historia da provincia de Santa Cruz. Lisboa, Ant. Joncalves, 1576.
- 109 — Esfera com ecliptica sob estrela de 4 pontas. — Itenerario de S. S. Santa. Lisboa, s. tip., 1600.
- 110 — Mão direita sob estrela de 5 pontas. — Itenerario de S. S. Santa. Lisboa, s. tip., 1600.
- 111 — A letra M sob coroa encimada por um coração. — Primeira parte da cronica do Emporado Clarimundo. Lisboa, Antonio Alvarez, 1601.
- 112 — Letra G sob flor de lis. — Primeira parte da cronica do Emporado Clarimundo. Lisboa, Antonio Alvarez, 1601.
- 113 — Esfera sob trifolio. — Libro Real de las Alabancas. Lisboa, Jorge Rodriguez, 1604.
- 114 — Eclipse tendo no campo um C, encimada por um trifolio, na parte inferior um coração. — Coleccão de Reis. Lisboa, s. tip., 1605.
- 115 — Esfera, tendo no campo um trifolio, encimada por um coração e tendo na parte inferior uma estrela de seis pontas. — Varias Primas ao Bom Jesus e Virgem. Lisboa, Pedro Crasbeck, 1608.
- 116 — Tres circumferências tangentes, tendo cada uma uma estrela de 5 pontas ao centro, sob um II, e na parte inferior da ultima circumferência um monograma com as letras C. I. L. D. — Coleccão de Reis. Lisboa, s. tip., 1609.
- 117 — Eclipse sob trifolio, tendo um monograma na parte inferior com posto com as letras P. N. V. — Passoues de presidentes. Coimbra, Jorge Rodriguez, 1612.
- 118 — Eclipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a eclipse, que tem na parte superior, digo, inferior, duas circumferências tangentes, tendo a primeira um II. — Coleccão de Reis. Lisboa, s. tip., 1614.

FUNDOS DOCUMENTAIS

- 119 — Janso com asa, tendo ao centro a letra E. — Pneumatico geral. Lisboa, Nicolau Carvalho, 1614.
- 120 — Elipse sob uma coroa, tendo no campo as letras L. D., e na parte inferior um tri-
fólio. Coleção de leis. Lisboa, s. tip., 1616.
- 121 — Elipse sob trifólio, tendo no campo as letras $\frac{MP}{EV}$. — Defensam das Lagrimas
do justo perseguido. Lisboa, Pedro Crasbeck, 1618.
- 122 — Escudo pontecado tendo no campo uma cruz alta. Sermaes que fez o P. Andra-
de Gomez. Lisboa, Pedro Crasbeck, 1621.
- 123 — Triângulo aberto, sob flor de lis, tendo ao fundo as letras F. V. e por baixo as letras
E. R. — Bernardino da Silva. Defensam da Monarchia Lusitana, parte I. Co-
imbra, Nicolau de Carvalho, 1620.
- 124 — Escudo pontecado, tendo no campo uma cruz alta. — Informação de Bento
de Freitas, frade do choro. Doc. original da T. de T. de 1637. Maio 2º, nº 54.
- 125 — Iniciais $\frac{EV}{ER}$ sob coroa de marquês. — Bernardo da Silva. Defensam da
Monarchia Lusitana, II parte. Lisboa, Pedro Crasbeck, 1627.
- 126 — Elipse sob trifólio, tendo no campo um D. — Primeira parte da cronica do
Imperador Cláudio. Lisboa, Antonio Alvarez, 1601.
- 127 — Escudo coroadado, tendo no campo um quadrado e um triângulo. — Fr.
Bernardino da Silva. Defensam da Monarchia Lusitana, 1ª parte. Co-
imbra, Nicolau de Carvalho, 1620.
- 128 — Monograma formado com as letras C. B. — Portaria da Mesa da Misericor-
dia. Doc. original do Hospital de S. Joré de 1617.
- 129 — Três circunferências tangentes dispostas verticalmente sob uma coroa, tendo
a primeira uma cruz solta no campo. — Trovas da menina formosa.
Lisboa, Domingos Carneiro, 1656.
- 130 — Três circunferências tangentes dispostas verticalmente sob uma cruz de
cantos arredondados, tendo no campo da primeira circunferência um
Y e na da segunda um D. — Conselho para bem casar. Lisboa, Do-
mingos Carneiro, 1659.
- 131 — Três circunferências tangentes dispostas verticalmente sob uma cruz, tendo
no campo da segunda circunferência uma flor de lis. — Sermaes em
o ante de Fé que se celebrou em Evora. Lisboa, Domingos Carneiro,
1663.
- 132 — Elipse tendo no campo uma cruz solta sob coroa. Dois leões super-
tam a elipse, que tem na parte inferior duas circunferências tangentes,
vazias no campo. — Auto de Santa Barbara. Lisboa, Domingos Carneiro,
1668.

- 133 — Três circunferências dispostas verticalmente sob uma cruz, tendo em I no campo da segunda circunferência. — Contradições, diq̃, Condições com que se arrundou o Tabaco aos contratadores das comarcas do Reino. Lisboa, Antonio Craesbeck, 1676.
- 134 — Três circunferências tangentes dispostas verticalmente sob cruz de Espirita tendo à esquerda a letra I e à direita em D. — Frei Luís de S. João, Sermaõ da Senhora da Piedade. Coimbra, Off.^o de João Antunes, 1693.
- 135 — Escudo com faixa e dois castelos sob cruz a dentro em um círculo coroadado, tendo na parte inferior um círculo com um desenho. — Resposta de petições de D. Ana Monteiro de Sazes. Original da S. de S. de 1666.
- 136 — Brasão coroadado, tendo no campo um leão rampante e na parte inferior duas circunferências tangentes dispostas verticalmente, tendo a primeira duas outras pequenas circunferências. — Fr. Luís de S. Joseph. Sermaõ da Senhora da Piedade. Coimbra, Off.^o de João Antunes, 1689.
- 137 — Escudo ponteaçado sob circunferência com diâmetro, tendo no campo uma cruz alta, e em baixo as letras FD. — Sermaõ do auto de Fé que se celebrou no Terreiro do Paço. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1664.
- 138 — Guerreiro vestido de cota de malha de alfanje à cinta, tendo na parte inferior a legenda: MARIANE. — Manuel de Fureca y Sousa. Sôia Portuguesa. Lisboa, Off.^o de Henrique Valente de Oliveira, 1666.
- 139 — Brasão de armas com elmo e timbre; sendo partido em pala, no 1.^o quartel um tordo, e 2.^o campo lizo. — Sermaõ da Quinta domingo do Quaresma pregado por Fr. Christovam de Torres. S. J. e tip., 1673.
- 140 — Leão em attitude agressiva — Predições milagre de S. Francisco Xavier. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1659.
- 141 — Eclipse sob coroa, tendo no campo uma cruz solta. Dois leões suportam a eclipse, a qual tem na parte inferior duas circunferências tangentes dispostas verticalmente, tendo a 1.^o as letras CCII e a segunda em 4 invertido. — Regimento da Junta de Administracão do Tabaco. Lisboa, Miguel Deslandes, 1702.
- 142 — Cruz solta suportada por dois leões sob coroa, tendo na parte inferior uma circunferência com um II no centro. — Contrato dos cartas de jogar. Lisboa, Valentim de Costa Deslandes, 1705.
- 143 — Três circunferências tangentes verticais, sob cruz alta, tendo a 1.^o um arco e a 2.^o uma espécie de X no centro. — Arte minima, etc. Lisboa, Miguel Mescol, 1704.

- 144 — Tres circunferências tangentes sob cruz alta, tendo a 1.ª circunferência um II no centro. — Descrição do arco triumphal que a nação Inglesa mandou levantar, etc. Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1708.
- 145 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas sob cruz alta. — Descrição do arco triumphal que a nação Inglesa mandou levantar, etc. Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1708.
- 146 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas, sob cruz, tendo a 1.ª circunferência um arco, a 2.ª uma espécie de X e a 3.ª um coração com a ponta para a direita. — Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia. Lisboa, Pascoal da Silva, 1719.
- 147 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas, sob cruz, tendo a 2.ª um furo de lança no centro e a 3.ª uma espécie de castelo encimado por uma cruz alta. — Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia. Lisboa, Pascoal da Silva, 1719.
- 148 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas, sob cruz, tendo a 2.ª circunferência um II no centro e a 3.ª um Y. — Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia. Lisboa, Pascoal da Silva, 1719.
- 149 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas sob cruz alta, tendo a 1.ª um V no centro, a 2.ª dois CC e a 3.ª um coração com a ponta para a direita. — Discurso apologetico em diffença dos prodizios da natureza... Coimbra, Real Collegio da Artes da Companhia de Jesus, 1719.
- 150 — Tres circunferências tangentes perpendicularmente dispostas, sob cruz alta, sendo a 2.ª dividida em 4 quadrantes e cada um com as seguintes letras: $\frac{S^D}{D^A}$ e a 3.ª com as letras $\frac{9^D}{C}$. — Translaçam solemne. Lisboa, Pascoal da Silva, 1720.
- 151 — Coração sob cruz, tendo ao centro as letras S D A e sob a ponta um X. — Historia de Tangere. Lisboa, Off. Fureiriana, 1732.
- 152 — Coração atravessado por uma seta sob a data 1739. — Gabriel Pereira de Castro. Tratatus de Manu Regia. Lisboa, João Baptista Leão, 1742.
- 153 — Escudo tendo no campo uma esteva de 5 pontas sob coroa de marquês e com a legenda: ARADO. — Padre Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º Elzeviriana, 1744. (Impresso em Lisboa).
- 154 — Escudo tendo no campo uma banda com letras indecifráveis, sob coroa de marquês, tendo no fundo as letras A.M.A. — P.º Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º Elzeviriana, 1744 (Impresso em Lisboa)

- 155 — Flor de lis sob coroa de marquis tendo na parte inferior as letras A. P. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º Oliveriana, 1744. (Impresso em Lisboa).
- 156 — Escudo sob elmo de visão fechada acompanhado de 3 rostos, tendo na parte inferior do escudo o seguinte monograma: $\frac{S^A}{V}$. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º de Martinho Schagen, 1744. (Impresso em Lisboa).
- 157 — Escudo sob coroa, tendo no campo uma cruz alta floreada fagueira parte do H da legenda IHS, tendo na parte inferior do escudo um coração com três cravos acompanhado das letras B. C. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Lisboa, 1744.
- 158 — Circunferência encimada por uma águia, tendo no campo e em cruz as letras $\frac{S^A}{B}$, e na parte inferior as letras C ligadas. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Lisboa, 1744.
- 159 — Flor de lis sob coroa de marquis, tendo no extremo as letras G. P. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Lisboa, 1744.
- 160 — Circunferência tendo no centro uma cruz de hastes iguais sob coroa suportada por dois cavalos readores. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Lisboa, 1744.
- 161 — Escudo de armas portuguesas. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Lisboa, 1744.
- 162 — Cruz alta tendo na ponta um coração e na parte inferior desta a legenda A e b o I 4615. — Gabriel Pereira de Castro. Tratatus de Manu Regia. Lisboa, João Baptista Lendo, 1742.
- 163 — Flor de lis sob coroa de marquis, tendo na parte inferior uma cruz de Malta encimada por uma flor. — Alvará impresso de 6 de julho de 1749.
- 164 — Leão rompente corado tendo na parte inferior as letras P. Q. — Alexandre na Índia. Lisboa, Antonio D'Almeida da Fonseca, 1736.
- 165 — Monograma composto das letras I. C. sob flor de lis. — Nova relação da grande victoria alcançada em Flandres. Lisboa, Antonio Pedroso Galvão, 1708.
- 166 — Monograma composto pelas letras CCB. — Gabriel Pereira de Castro. Tratatus de Manu Regia. Lisboa, João Baptista Lendo, 1742.
- 167 — Monograma composto pelas letras C P. — Gabriel Pereira de Castro. Tratatus de Manu Regia. Lisboa, João Baptista Lendo, 1742.
- 168 — Monograma composto pelas letras C B A ligadas. P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º Martinho Schagen, 1744. (Impresso em Lisboa).
- 169 — Monograma composto pelas letras A M C ligadas. — P. Antonio Vieira. Arte de Furtar. Amsterdam, Off.º de Martinho Schagen, 1744. (Impresso em Lisboa).
- 170 — Elipse tendo no campo uma cruz alta sob coroa, suportada por 2 leões, acompanhada de duas circunferências tangentes, verticalmente dispostas, e vazias no campo. — Anual indico Historico do governo do Marquês de Fozzora. Lisboa Off.º dos herdeiros de Antonio e Pedroso Galvão, 1754.

- 171 - Golphe tendo no campo uma cruz solta sob coroa, suportada por 2 leões, acompanhada de duas circunferências tangentes verticais e vazias no campo. - Notícia verdadeira da embaixada enviada à corte da Hungria... Lisboa, Domingos Rodrigues, 1756.
- 172 - Flor de lis, sob coroa de marquês, tendo na parte inferior uma roseta. - Estatutos do Collegio Real de Nobres. Lisboa, Miguel Rodrigues, 1761.
- 173 - Flor de lis sob coroa de marquês, tendo na parte inferior um monograma formado com as letras C.M. ligadas. - Narração Historica etc. Lisboa, José da Costa Coimbra, 1750.
- 174 - Escudo tendo no campo uma faixa com a palavra Libertas sob coroa, e na parte inferior as letras C.B. - Panta das avaliações das fazendas. - Lisboa, Off.º do Individo de Antonio Pedros, 1753.
- 175 - Monograma com as letras A.G.C. dispostas em triângulo, ocupando o C o vértice inferior. - Curiosa Relação e Continuação da guerra entre a França e Inglaterra. Lisboa, 2.º tip., 1755.
- 176 - ~~Monograma com as letras A.G.C. dispostas em triângulo, ocupando o C o vértice inferior. - Curiosa Relação e Continuação da guerra entre a França e Inglaterra. Lisboa, 2.º tip., 1755.~~
- Oratório - Francisco Xavier de Alreu. Oracão Panegirica de Nossa Senhora do Rosário. Lisboa, Miguel Manuel da Costa, 1758.
- 177 - Escudo com as armas dos Siqueiras e dos Castros sob coroa, tendo na parte inferior uma cruz de Malta. - Francisco Xavier de Meneses. Oracão Panegirica de Palmarco General das Armas Portuguezas S.º Antonio de Lisboa. Lisboa, Miguel Manuel da Costa, 1757.
- 178 - Cavalos em fuga desordenada com sedas e selim. - Curiosa Relação e continuação da guerra entre a França e Inglaterra. Lisboa, 2.º tip., 1755.
- 179 - Escudo das armas Reaes Portuguezas com legenda italiana. - Despertador de Marte. Lisboa, Francisco Borges de Sena, 1762. Por esta marca se vê, que em sua fabricação papel em Italia de proposito para Portugal, ou que havia algum italiano que o fabricava em Portugal. Parece-me mais verossimil a 1.º hipótese.
- 180 - Marca da fábrica de papel da Leãozã - Relação de generos que pagam nas Alfanegas d'outros. s.º 1.º tip., 1788.
- 181 - Veados - Lei do contrabando da corte. Lisboa, Imp. na Off.º Lusitana, 1781.
- 182 - Cad com uma lebre na boca, tendo por baixo as letras P.Q. - Contrato da Liga do Pelourinho e Adellas. Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo, 1774.

(*) Esta letra deu ao invés

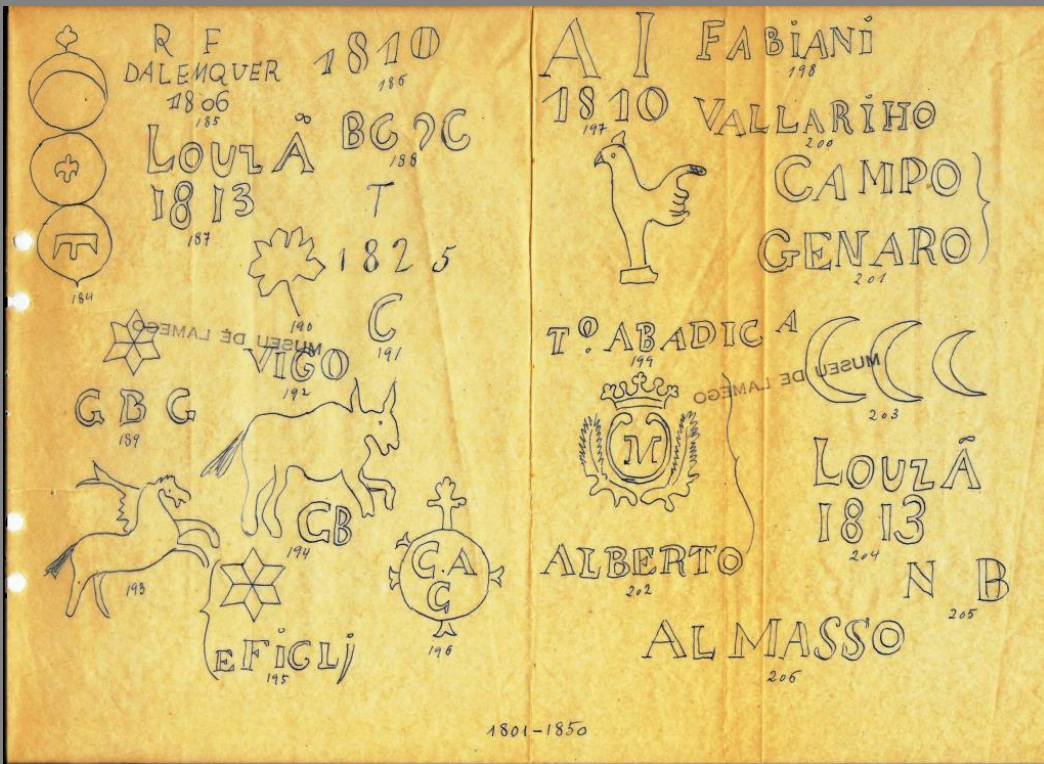
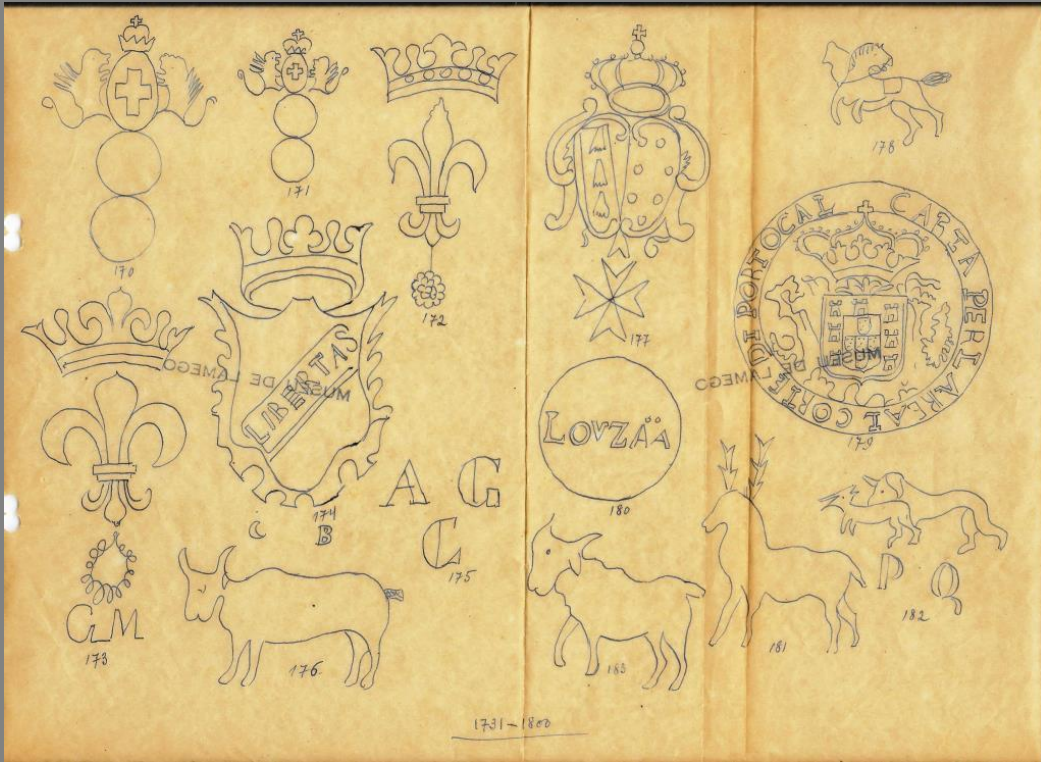
- 183 — Boi andante — Alta Revolução de Sua Magestade sobre as antiguidades dos militares. Lisboa, Int. Rodriguez Galhardo, 1789.
- 184 — Tres circunferências tangentes encimadas por tripolis. — Argumento contra a critica ás medas esculptas. Lisboa, Imp. Regia, 1806.
- 185 — Marca da fabrica de papel de Alenquer, com a data de 1806. — Doc. original de 1806.
- 186 — Data 1810. — Doc. original de 1810.
- 187 — Marca do papel da fabrica da Leusã em 1813. — Prensada. — Coimbra, Imp. da Universidade, 1813.
- 188 — Monograma com as letras B. C. ? C. — Genadas permaivas. Lisboa, Imp. Regia, 1810.
- 189 — Monograma com as letras G. B. G., sob estrela de 6 pontas. — Vers affectuosos, para o Louros da Santissima Virgem Senhora do Cabo. Lisboa, Simão Thaddeu Ferreira, 1807.
- 190 — Folha palminurada. — Genadas permaivas. Lisboa, Imp. Regia, 1810.
- 191 — Data de 1825 sob um T tendo na parte inferior a letra C. — Noticia dada por José Rodriguez da Silva Gomes. Porto, Imp. de Gandra, 1825.
- 192 — Palavra V 190. — Annuncio de armazem de Fato Feto etc. Lisboa, Imp. Regia, 1825.
- 193 — Cavalo galopando. — No Fausto dia do anno do Infante D. Pedro Carlos. Lisboa, Simão Thaddeu Ferreira, 1805.
- 194 — Seno andante, tendo na parte inferior as letras G. B. — Reconhecimento dos porteiros da Igreja de N. S.ª da Nazareth. Lisboa, Simão Thaddeu Ferreira, 1807.
- 195 — Legenda sob estrela de 6 pontas. — Annuncio de Francisco José de Costa Grega. Lisboa, Imp. da R. do Fanguinho, 129 A, 1829.
- 196 — Circunferência tendo no campo um monograma composto das letras C A G. — Decreto das Cortes. Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.
- 197 — Data de 1810 sob as letras A. I. — Mvã sobre salãis. Lisboa, Joaquim Rodriguez de Andrade, 1811.
- 198 — Legenda: Fabiani. — Decreto. Lisboa, Imp. Regia, 1820.
- 199 — Legenda sob um galo. — Mvã e Regimento da cidade de Maranhã. Lisboa, J. F. M. de Campos, 1812.
- 200 — Legenda com o nome de Villamirho. — Proclamaçã. Lisboa, Imp. Regia, 1812.

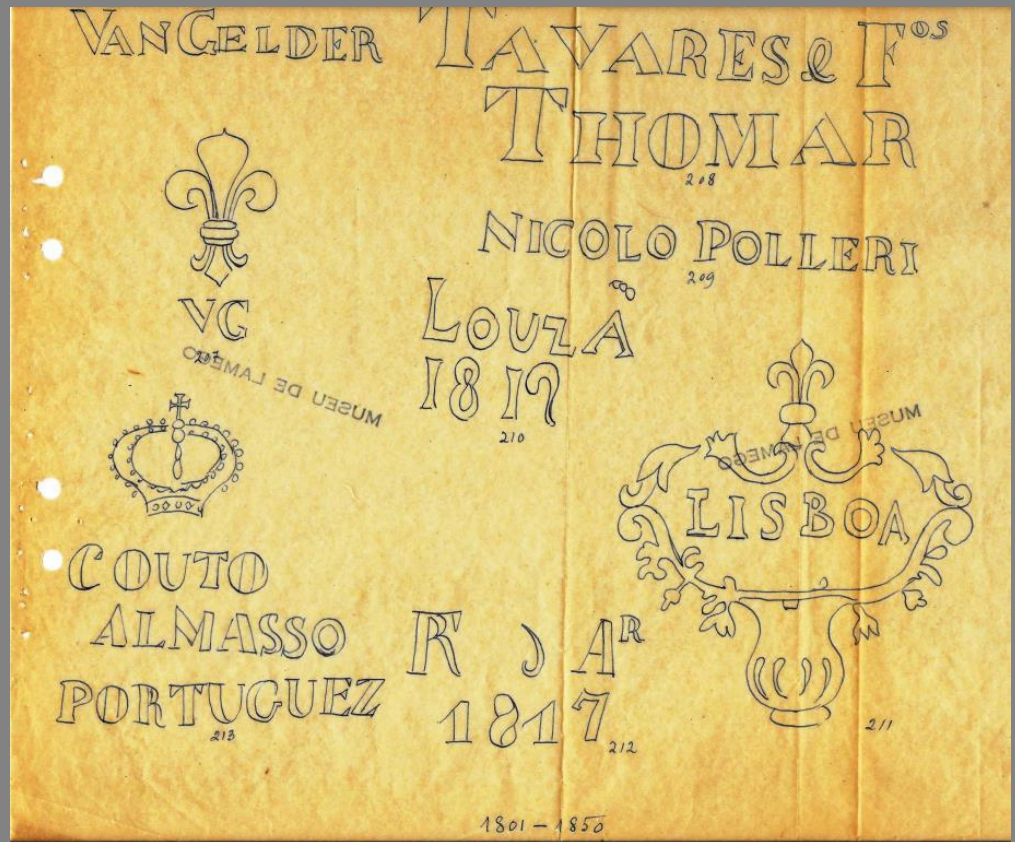
FUNDOS DOCUMENTAIS

- 201 - Legenda com as palavras: Campo, Genaro. - Lisboa, J. F. M. de Campos, 1845.
- 202 - Escudo tendo no campo a letra M sob coroa de marquês, tendo na parte inferior a palavra Albato. - Edital. Lisboa, Joaquim Rodrigues de Andrade, 1846.
- 203 - Três crescentes. - Proclamação. Lisboa, Imp. Regia, 1820.
- 204 - Marca de fábrica de papel da Lousã, com a data de 1813. - Província. Coimbra, Imp. da Universidade, 1813.
- 205 - Monograma N B. - Joaquim Lousadina Fil. Varouca. Anúncio, Lisboa, em «A Nova Imprensa» da viúva Nunes e filhos, 1826.
- 206 - Legenda: ALMASSO. - Edital. Lisboa, Imp. Regia, 1820.
- 207 - Flôr de lis tendo na parte inferior o monograma V G, e na parte superior as palavras Van Gelder. - Cópia em ms. B. Nacional. Época provável, 1830.
- 208 - Nome da firma da fábrica de Tomar. - Cópia em ms. de B. Nacional. Época provável, 1830.
- 209 - O nome Nicolo Polleri. Cópia em ms. de B. Nacional, da mesma data dos números antecedentes. Esta família Polleri, cuja marca é muito frequente em cartas no papel português desde o meio do séc. XVIII, deve ser a mesma família que desde a mesma época executa o seu comércio em Lisboa. Era de origem napolitana. Será realmente a mesma, e terá exercido a indústria papuleira em Lisboa? Não se pode averiguar. Seria interessante relacioná-la com a marca n.º 211, cuja origem não me foi possível marcar.
- 210 - A palavra Longa e a data 1817. - Cópia em ms. de B. Nacional.
- 211 - Jarra, tendo ao centro a palavra Lisboa. - Cópia em ms. de Arquivo do Hospital de S. José. Este ms. é da época de 1765.
- 212 - Iniciais da Real Fábrica de Alenquer com data de 1817. - Cópia em ms. de B. Nacional.
- 213 - Coroa real. Na parte inferior as palavras Costo Almasso português. - Cópia em ms. de B. Nacional. Séc. XIX.



FUNDOS DOCUMENTAIS





Lamego Monumental e Turístico Lisboa - 1949

Notícia dos Brases da edição Religiosa e Cívica - 1932-1933
Desenho do autor

Proteção Monumental da Cidade de Lamego 1946

Album de caricaturas dos quantanistas da Universidade de Coimbra - Nas festas do "Centenário do Grao" Coimbra - 1905

Marcas de Água (filiigranas) de papéis do século XV, XVI, XVII, XVIII e XIX
Desenhadas e desenhadas por João Amaral
Visen - 1949

Notícia Histórica de Inventários do Museu Regional de Lamego

Catálogo-guia do Museu Regional de Lamego

Notas do objecto que figuraram na Exposição do Arte Sacra, realizada em 1950, no Museu Regional de Lamego, para ocasião do Congresso Catequístico, por iniciativa de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. João de São Carlos Campos Neves.
(Interpretação e desenhos de João Amaral)

8576

Lamego Históricas e Monumental - Conferência - 1943

Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego - 1949

A Igreja do Desterro de Lamego - 1945

As Tapacarias Flamengas do Museu de Lamego 1947

Notas e Impressões do Santuário de Nossa Senhora da Rapa 1948

Os Cruzeiros do Senhor dos Perseguidos e dos Tormentados - Lamego, 1950

A Sala de Fausto Juedes Teixeira no Museu Regional de Lamego - 1950

Uma Cruz fótica no Museu Regional de Lamego
(Com desenho do autor) Coimbra - 1932

> 34.
Manuscrito
Bibliografia de João Amaral
João Amaral
1949
[F.D. JA]

| O ARTISTA |



> 35.
Esboços
João Amaral
1895
[F.D. JA]

FUNDOS DOCUMENTAIS



> 36.
 Álbum de Serões
 João Amaral
 1892
 [F.D. JA]

publicação on-line

INventaMUSEU

Revista da Secção de Inventário

www.museudelamego.gov.pt

08

2019



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

CULTURA
NORTE



Museu
de Lamego

